

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

JAVIER CALIXTO

As redes humanas conectadas nas redes de computadores
Estudo antropológico sobre as relações de trabalho em empresas de TI

Porto Alegre

2019

Javier Calixto

As redes humanas conectadas nas redes de computadores
Estudo antropológico sobre as relações de trabalho em empresas de TI

Dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Profa. Dra. Cornelia Eckert

Porto Alegre

2019

CIP – Catalogação na Publicação

CIP - Catalogação na Publicação

Calixto, Javier Llanes
As redes humanas conectadas nas redes de computadores: Estudo antropológico sobre as relações de trabalho em empresas de TI / Javier Llanes Calixto.
-- 2019.
131 f.
Orientadora: Cornelia Eckert.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Antropologia do Trabalho. 2. Antropologia Urbana. 3. Trabalho virtual. 4. Trabalhadores de TI. 5. Trabalho. I. Eckert, Cornelia, orient. II. Título.

Javier Calixto

As redes humanas conectadas nas redes de computadores
Estudo antropológico sobre as relações de trabalho em empresas de TI

Dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Antropologia Social.

Banca Examinadora

Profª. Dra. Cornelia Eckert – Orientadora
UFRGS

Prof. Dr. Arlei Sander Damo
UFRGS

Profª. Dra. Denise Jardim
UFRGS

Prof. Dr. Maurício Rombaldi
UFPB

Porto Alegre

2019

Agradecimentos

Agradeço a minha esposa Verônica pelo apoio e o estímulo incondicional de todas as horas e também por segurar as pontas em casa durante esse tempo em que para poder assistir às aulas tive que trabalhar à noite deixando muitas tarefas antes compartilhadas apenas sob sua responsabilidade. Este momento de concretização de um sonho não seria possível sem tua ajuda minha linda.

A minhas filhas lindas e maravilhosas. Com elas cada vez aprendo mais e espero ser além de um exemplo um cantinho para o diálogo e os afetos.

A minha mãe pelo amor e o cuidado que teve desde sempre com nosso futuro e nossa felicidade.

A meu pai com quem gostaria tanto partilhar uma manhã de domingo com um bom mate e uma conversa melhor ainda. Queria contar-te *viejo* quantas coisas esta pesquisa trouxe ao presente, mas sei que desde teu lugar estás faceiro com meu trabalho.

A minha orientadora pela paixão pela docência e por ser uma fonte de inspiração como profissional e como pessoa.

A meus interlocutores e companheiros de trabalho por se brindar com entusiasmo para que esta pesquisa fosse adiante.

A UFRGS pela excelência que orgulha a dos que dela fazemos parte e que resistirá aos embates que está sofrendo nestes tempos difíceis. O tempo das trevas passará e a universidade pública, laica e de qualidade continuará iluminando com sua luz nossos caminhos.

Aos companheiros e professores pela contribuição para meu crescimento intelectual e afetivo que propiciaram.

Resumo

Esta dissertação trata de uma pesquisa antropológica sobre as relações de trabalho no contexto da globalização e as novas tecnologias. Para abordar o tema pesquisamos trabalhadores com mais de cinquenta anos que hoje trabalham em uma empresa de tecnologia da informação na grande Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, Brasil.

A pesquisa se insere no campo da Antropologia do Trabalho e da Antropologia Urbana e nossa intenção é conhecer as narrativas que relatam as trajetórias de trabalho de nossos interlocutores. A observação participante e entrevistas foram parte fundamental da metodologia escolhida e a problemática que nos desafia é saber sobre a relação dos trabalhadores com o trabalho baseado na tecnologia da informação uma vez que muitos vêm de áreas sem uma relação direta com a tecnologia.

A relação dos trabalhadores com o espaço físico e o espaço virtual e o trânsito entre esses dois mundos foram motivo de atenção na tentativa de entender os deslocamentos nesses espaços/tempos que se alternam.

Palavras-chave: Antropologia do trabalho, Trabalho, Trabalho virtual, trabalhadores de TI.

Abstract

This dissertation deals with an anthropological research on labor relations in the context of globalization and new technologies. To address the issue we surveyed workers over fifty years who today work in an information technology company in the greater Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil.

The research is part of the field of Labor Anthropology and Urban Anthropology and our intention is to know the narratives that relate the work trajectories of our interlocutors. Participant observation and interviews were a fundamental part of the chosen methodology and the challenge that challenges us is knowing about the relationship of workers with information technology-based work since many come from areas without a direct relationship with technology.

The workers' relationship with the physical space and the virtual space and the traffic between these two worlds were a matter of attention in an attempt to understand the displacements in these alternating spaces / times.

Key words: Anthropology of work, Work, Virtual work, IT workers.

Lista de ilustrações

Figura 1: Linha de produção na indústria automotiva do início do século XX.....	26
Figura 2: Linha de produção na indústria automotiva do início do século XXI.....	26
Figura 3: Passagem do Zeppelin sobre o bairro Cerro.....	36
Figura 4: Vista atual do prédio do frigorífico Swift no Cerro de <i>Montevideo</i>	37
Figura 5: Foto do meu pai Edison e seus colegas de trabalho em uma comemoração formal	43
Figura 6: Despedida de solteira de minha mãe na Vascongada.....	45
Figura 7: Ação solidária com os colegas do projeto entregando agasalhos a um grupo de imigrantes no CIBAI – Centro Ítalo Brasileiro de Assistência e Instrução às Migrações (julho de 2016)	46
Figura 8: Mapa detalhando o deslocamento da trabalhadora desde seu lugar de trabalho até a parada do ônibus Circular (dentro do campus da Unisinos) e até a parada na Av. Unisinos (fora do campus). Foi nesta última parada que foi assaltada duas vezes.	75
Figura 9: Campanha no transporte público contra o assédio sexual	81
Figura 10: Emoticon na Estação Unisinos	82
Figura 11: Embarque no ônibus na Estação Aeroporto, Porto Alegre. (2019).....	83
Figura 12: No Trensurb às 09:00hs (2019).....	84
Figura 13: Um senhor que estava embarcando no ônibus disse uma tarde: “As latas têm sorte. Não estão tão apertadas que nem a gente” (2019).....	85
Figura 14: Horários em São Leopoldo, Brasil; Fraga, Espanha e Tijuana, México. (2019)....	95
Figura 15: Urubus na janela do analista (2018).....	96
Figura 16: Fotografia Nirmal Purja (Myagdi, Nepal, 1984).....	105
Figura 17: Mensagens no quadro branco que teve como intenção inicial a divulgação de informações relacionadas a novidades no projeto como incidentes críticos ou mudanças na base de conhecimento (2019).....	110
Figura 18: Imagens de alguns postos de trabalho e sobre os objetos e seu uso. Esses objetos acompanham o trabalhador na sua jornada de trabalho. (2019)	113
Figura 19: Mapa dos cabos de fibra óptica que ligam os continentes	117
Figura 20: Aviões no ar. Informação online	118
Figura 21: O cacto aguardando o nascer do sol	125

Sumário

INTRODUÇÃO.....	11
1 O TRABALHO ATRAVÉS DO TEMPO E O TEMPO ATRAVÉS DO TRABALHO 14	
1.1 Nossa relação com o campo e algumas questões de método: Antropólogo trabalhador ou trabalhador antropólogo?.....	14
1.1.1. Primeiros passos: ultrapassar as unidades fechadas sem se deixar perder na ambiguidade.....	20
1.2 O trabalho que dá escrever sobre o trabalho. Procurando uma comunidade interpretativa.	22
1.3 Trabalho <i>on-line</i> e vida <i>off-line</i>	26
Marginalia 1: Fotografia. Eu lembro, tu lembras, nós lembramos.	35
2 OS TRABALHADORES E O TRABALHO	39
2.1 Um depoimento pessoal: reminiscências de uma família de trabalhadores.....	40
2.2 Amanda: É difícil separar o trabalho da vida.....	46
2.3 João: A salvação está num mundo virtual?.....	50
2.4 Luis: A vida profissional como sucessão de projetos.	53
2.5 Marcelo: Um resumo de dois mundos <i>made in</i> Caribe	56
2.5.1. A rotina de formulários e controles manuais	58
2.5.2. Antes do computador tudo se fazia “a punta de lapis”	58
2.5.3. De Cuba para o Brasil, um guajiro na cidade.	60
2.5.4. O usuário do outro lado do computador não morde!	63
2.6 O tempo e o espaço narrados: como se constroem as narrativas	65
2.7 O trabalho por projetos.....	68
2.8 Marginalia 2: O trabalho que dá ir trabalhar: Apontamentos sobre as vicissitudes no trajeto da casa ao trabalho.....	73
2.8.1. O enclave fortificado.....	73

2.8.2. O desafio está na rua	74
2.8.3. O trabalho à noite e o transporte diferenciado	77
2.8.4. O trabalho que dá ir trabalhar.	79
3 CONCEITO DE MUNDO – ESPAÇO VIRTUAL	86
3.1 <i>El tiempo pasa, nos vamos poniendo viejos</i>	86
3.1.1. Podemos separar o tempo físico do tempo social?	88
3.1.2. O espaço como suporte do tempo	91
3.1.3. Sobre geografias virtuais.....	92
3.1.4. O trabalhador virtual.	93
3.1.5. A compressão do tempo e do espaço	97
3.2 O mundo virtual é real?.....	98
3.2.1. O que entendemos por virtualização.....	99
3.3 Trabalho virtual	104
3.4 Os trabalhadores e o trabalho	108
3.5 Marginalia 3: Caiu a rede.....	114
4 CONCLUSÕES	120

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa descreve uma investigação antropológica sobre o trabalho em uma empresa de tecnologia da informação em São Leopoldo, na grande Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

Partimos das narrativas de nossos interlocutores, trabalhadores acima dos cinquenta anos e que tiveram seu início laboral no final do século vinte. Isto é, antes da introdução das ferramentas informáticas e comunicacionais que pautam o ambiente de trabalho na atualidade. Como particularidade é possível afirmar que eu próprio, na minha condição de trabalhador nessa mesma empresa apresento um depoimento que traz minhas origens em uma família de trabalhadores em meu país natal *Uruguay*.

Por esse motivo a Antropologia do Trabalho e a Antropologia Urbana nos fornecem inicialmente o arcabouço teórico que norteará nosso trabalho.

A problemática que me interessa é entender como esses trabalhadores que não foram alfabetizados laboralmente no campo das tecnologias da informação e da comunicação lidam com os desafios que esse mercado de trabalho apresenta. Nossa proposta está centrada na escuta atenta das narrativas de nossos interlocutores e nas pistas que delas surgem sobre como lidam tanto na vida vivida como na vida pensada e a vida narrada com essas alternativas que o contexto da globalização e das novas tecnologias apresentam.

Assim podemos assumir que o objetivo desta pesquisa foi conhecer a trajetória de vida de trabalhadores imigrantes que prestam suporte em TI a usuários finais em seu próprio idioma. Escolhemos como universo, trabalhadores imigrantes originários da América Latina que têm o espanhol como língua nativa, com mais de cinquenta anos de idade, mulheres e homens, que atualmente trabalham para uma empresa multinacional de TI na grande Porto Alegre. A intenção é verificar em suas narrativas as profissões que desempenharam anteriormente. Para isso partimos dos seguintes questionamentos: Quais as trajetórias de vida e de trabalho destes indivíduos? As profissões em que trabalharam anteriormente, ainda existem ou desapareceram? Estes trabalhadores tinham alguma proximidade profissional com alguma área de TI previamente ou a mesma se deu em função da necessidade do trabalho atual?

No primeiro capítulo tratamos da nossa relação com o campo e os cuidados metodológicos que precisaríamos observar. Como descrevi brevemente acima eu trabalho na mesma empresa que os interlocutores e comparto com eles além da relação pesquisador/pesquisado uma relação de convívio pautada pela jornada de trabalho. Descrevo

a comunidade interpretativa na qual me integro ao tempo que assumo a escolha por uma análise dentro do campo da complexidade tal como Morin a entende e dos estudos sobre a descolonialidade. Finalizamos o capítulo com uma análise sobre as mudanças no mundo do trabalho e os desafios que os trabalhadores devem enfrentar em função das novas tecnologias.

No segundo capítulo trazemos as narrativas dos interlocutores começando com meu depoimento enquanto integrante de uma família de trabalhadores. Esse relato começa com minhas lembranças do meu avô fazendo um curso de eletrônica pelos correios na década de 1940 no que hoje seria um curso utilizando as modernas técnicas do ensino a distância (EAD). Se soma aqui uma homenagem e um dado que ao mesmo tempo complementa e se contrapõe aos relatos contemporâneos de nossos interlocutores. Posteriormente trazemos alguns apontamentos sobre as narrativas e sua construção tendo em vista os relatos recolhidos e no final fazemos uma análise do trabalho por projetos que ajuda a pensar na organização nas corporações atuais em áreas relacionadas à tecnologia.

No terceiro capítulo é o momento de um desenvolvimento sobre o tempo e o espaço e também sobre a relação entre estes dois conceitos. Pensando nas diferenças entre o que denominamos espaço físico e espaço virtual delimitamos o conceito de virtualidade e como o mundo virtual se relaciona com o mundo físico, agora falando sobre o trabalho e os ganhos de produtividade que a virtualidade possibilita. É parte de nosso desafio verificar a relação dos trabalhadores com esse mundo do trabalho um pouco virtual um pouco físico e perguntamos como se dá a relação dos trabalhadores na hora de organizar-se para reivindicar direitos.

Finalmente nas conclusões colocamos nossas certezas e também nossas dúvidas nos posicionando no que entendemos pode ser nosso futuro dentro da antropologia procurando um lugar com a síntese que faz sentido tanto intelectual como afetivamente para continuar com novas pesquisas.

Algumas questões que considero relevantes neste momento. Na escrita desta dissertação usamos e por vezes abusamos da música e da poesia. Como colocamos nas conclusões a música é parte importante nos contextos de trabalho que conheço e resume também muitas vezes os sonhos e as resistências das sociedades. Usei também na escrita um estilo permeado pela afetividade e me permiti mergulhar tanto no estilo quanto na construção do texto e sempre que possível no desenvolvimento teórico por premissas partilhadas com autores que seguem o caminho da descolonialidade que são para mim ainda territórios com áreas escuras, mas que pautam o que entendo por uma construção desde a antropologia vivida desde uma pele *uruguaya* que vive e trabalha no Brasil há mais de vinte anos. As carências

deste trabalho devem ser creditadas apenas à minha necessidade de experimentar a Antropologia pelas fronteiras, como bom imigrante e portanto assumo minha responsabilidade na escolha desta construção.

1 O TRABALHO ATRAVÉS DO TEMPO E O TEMPO ATRAVÉS DO TRABALHO

Como trabalhador que pesquisa uma manifestação do trabalho remunerado sob a óptica da antropologia a primeira questão que surgiu foi tentar uma resposta para a pergunta se afinal de contas sou um trabalhador antropólogo ou pelo contrário um antropólogo trabalhador? Uma vez escolhida uma questão para iniciar a pesquisa foi preciso dar conta das armadilhas epistemológicas e definir um arcabouço metodológico que me permitisse navegar atento às velas e ao leme para ajustar meu rumo sem ter um porto de destino previamente definido.

Aceitar a complexidade da questão de pesquisa sem cair na ambiguidade resultou ser um desafio tão considerável quanto o da vigilância epistêmica e, com essas premissas em mente, explicitar brevemente minha trajetória acadêmica e tentar inserir nossa pesquisa dentro dos temas caros a uma comunidade interpretativa foram os passos que seguiram para finalmente descrever sucintamente a relevância que vemos no trabalho remunerado na sociedade contemporânea tendo no horizonte a globalização e as novas tecnologias.

1.1 Nossa relação com o campo e algumas questões de método: Antropólogo trabalhador ou trabalhador antropólogo?

O primeiro dilema ao confrontar-me com a folha em branco para dar início à escrita de minha dissertação foi como transmitir o que me afetava no processo de formação em antropologia. Uma questão desde o início do curso de mestrado me inquietava: afinal de contas sou um antropólogo trabalhador ou um trabalhador antropólogo? Após um breve devaneio lembrei como Brás Cubas, personagem narrador em uma obra de Machado de Assis, resolveu uma questão semelhante em suas memórias póstumas. Ele afirmou no início do seu relato que não era propriamente um autor defunto, mas um defunto autor. Evidências gramaticais a parte, podemos perceber a diferença entre as duas sentenças. Eu me definirei como um trabalhador antropólogo e arcarei com as consequências desta escolha.

Trabalho numa empresa de TI que presta serviços de informática a organizações de grande porte. Esta empresa tem sede na Índia, conta com mais de 100.000 funcionários de mais de cem nacionalidades diferentes distribuídos nos cinco continentes. No Brasil encontra-se a filial que presta suporte para América Latina, o Caribe, alguns países na África e na Europa, dependendo das peculiaridades de idioma. Os idiomas necessários para a comunicação dentro da empresa são o português e o inglês, sendo, o espanhol, requisito para os analistas que dão suporte a usuários que falam essa língua. Por sua vez, a maioria das

organizações que contratam os serviços de TI, são empresas multinacionais, também com presença global.

Dentre os serviços prestados, o suporte técnico a usuários finais é o que nos interessa para o desenvolvimento desta pesquisa. Estes usuários finais que recebem suporte, tendo algum problema com seu computador, solicitam ajuda e dependendo do problema, este pedido pode ser efetivado por e-mail, através de um sistema específico na intranet da empresa ou por telefone. Caso o contato seja telefônico, a ligação é recebida diretamente pelo grupo que presta suporte no idioma do usuário, no centro regional correspondente. Para o usuário que faz a ligação esse processo é transparente e geralmente não questionam sobre o lugar físico desde o onde está recebendo a assistência, assumindo, no limite, que ele e o atendente que lhe presta suporte encontram-se no mesmo local.

Há algum tempo chama minha atenção a quantidade de pessoas com qualificações acima das exigidas para a função prestando suporte em espanhol. Geralmente trata-se de trabalhadores com mais de quarenta anos, muitos com formação universitária e carreiras progressas em diferentes áreas, com maior ou menor afinidade com a tecnologia da informação, a maioria nasceu em países da América Latina e o espanhol é sua língua nativa. Eu estou incluído nesse grupo, além de “nativo” serei pesquisador e essa posição privilegiada me oferece a possibilidade de aproveitar ao máximo as condições diárias de convívio e um conhecimento prévio do campo diferenciado. Essa será, ao mesmo tempo, a armadilha com a que terei que lidar.

Trabalhar com pessoas que estão tão próximas no dia a dia, que muitas vezes precisam de favores e compartilham situações, mais com o colega do que com o antropólogo, se colocou como um desafio de vigilância epistemológica constante, e a definição de limites que separam a observação participante da participação observante nem sempre é tarefa fácil. A partir deste desafio metodológico abordo a pesquisa compartilhando o ponto de vista de Abdelmalek Sayad (1998, p. 134):

“O discurso recolhido é tanto mais sincero e autêntico porque todos, tanto o entrevistado e seus amigos como o próprio entrevistador, acabaram, em mais de um momento, esquecendo a finalidade última da operação que consiste, para alguns, em recolher o discurso para fins de análise”

Alguns autores nos ajudaram a pensar nas questões referentes ao método que deveríamos usar na pesquisa. Nesse sentido, Stéphane Beaud e Florence Weber (2007, p. 31) indicam que um bom início para uma pesquisa é não escolher assuntos muito familiares. Continuam, no

entanto, na página 38, afirmando que não existe, em si, campo “interditado”, mas é preciso, sem cessar, ajustar o método ao assunto escolhido. Tornar-se pesquisador quando se é de antemão participante supõe uma tomada de distância pela qual não será possível apoiar-se sobre as próprias impressões de estranhamento. Eis o primeiro sinal amarelo que apareceu no horizonte de nossa pesquisa ainda em gestação. Levando em consideração o posicionamento das autoras, estaríamos na contramão da primeira indicação e teríamos, para seguir suas sensatas orientações, que prestar maior atenção ao processo de distanciamento que seria necessário assumir.

Bourdieu nos ajuda em nossa tentativa de escolher um conjunto de premissas que sustentem a escolha de nosso objeto e sua relação com o método de pesquisa. Ele afirma (1989, pp. 29-30) que “o fato se conquista contra a ilusão do saber”, a vigilância epistemológica se impõe nas ciências sociais porque a separação entre senso comum e discurso científico é mais imprecisa. Durante a experimentação e observação, o cientista social estabelece uma relação, com seu objeto, que, enquanto relação social, nunca é de puro conhecimento, os dados se apresentam como configurações vivas, singulares e demasiado humanas. Entendemos que essa afirmação é válida para pesquisas em geral, para nossa pesquisa em particular, adquire uma relevância maior.

De Eunice Durham nos apropriamos da ideia que identifica o desafio da antropologia na tentativa de preservar a riqueza empírica da pesquisa tradicional, elaborada pelo funcionalismo interrogando-a sob novos esquemas interpretativos, valorizando a observação participante e a preocupação com a relação pesquisador – grupo pesquisado. (Cardoso, 2004, pp. 25-26). Ao estudarmos grupos nos quais o pesquisador está mais próximo, a preocupação com a participação (e o que o pesquisador sente) ganha relevância, passando do que seria uma situação de observação participante para outra de participação observante. Nesse contexto a entrevista passa a ser um material privilegiado. Ainda, seguindo a linha estabelecida com os autores anteriormente citados, Durham chama a atenção para o que entende como conceitos problemáticos: pessoa, indivíduo, identidade dentre outros que demandariam uma atenção maior na hora de sua apropriação no contexto da pesquisa, do pesquisador e dos pesquisados. Uma frase da autora que é para nós motivo de reflexão afirma que no tempo em que os pesquisadores se politizam, marcando mais claramente seu lugar de enunciação, alguns conceitos são despolitizados ao retirá-los do contexto que ajudou a definir seu conteúdo. Penso ao reler essa frase em conceitos como Trabalho ou Classe que serão

importantes para nossa pesquisa e os cuidados que precisarei tomar para não cair na armadilha sabiamente mostrada pela autora.

Voltando a Bourdieu e levando em consideração a relevância que a entrevista tem como técnica para sustentar nossa pesquisa, entendemos que ao falarmos em trajetória de vida estamos pressupondo que a vida é uma história e teremos que estar atentos para identificar algumas peculiaridades que, seguindo por este caminho, podemos observar e que o senso comum deslizará nos relatos de nossos interlocutores. A vida tende a ser contada como um caminho. Um caminho que tem um deslocamento linear, unidirecional, que vai do passado e se dirige para o futuro. A vida organizada como história segue uma ordem cronológica e o relato de vida tende a aproximar-se do “modelo oficial de si”. Tentamos até agora explicitar o potencial das duas técnicas que serão os alicerces de nossa pesquisa: a observação participante (e seu par, a participação observante) e a entrevista. Ao mesmo tempo fizemos um esforço para visualizar suas eventuais fragilidades.

Uma vez neste ponto, consideramos relevante o aporte de Favret-Saada (2005). A autora afirma que, em seu campo, teve que deixar-se afetar pela feitiçaria e adotar, depois, um dispositivo metodológico que lhe permitisse elaborar um certo saber posteriormente (2005, p. 155). Esse dispositivo não era apenas observação participante ou empatia e reconhece ainda o que entende é uma limitação da observação participante, que se trata, ao mesmo tempo de uma atividade ativa (participar) e outra passiva (observar). Assumirei como estratégia de pesquisa que, por estar imerso no campo, como “nativo”, é impossível não ser afetado pela situação. Mas longe de considerar isto como uma limitação, considerarei a oportunidade, como uma possibilidade que me permitirá ter uma situação privilegiada. Situação, aliás, que demandará uma vigilância epistemológica, no sentido bachelardiano, que terá que ser constante. Como nos relata Favret-Saada (2005, p. 160):

“Ora, entre pessoas igualmente afetadas por estarem ocupando tais lugares, acontecem coisas às quais jamais é dado a um etnógrafo assistir, fala-se de coisas que os etnógrafos não falam, ou então as pessoas se calam, mas trata-se também de comunicação. Experimentando as intensidades ligadas a tal lugar, descobre-se, aliás, que cada um apresenta uma espécie particular de objetividade: ali só pode acontecer uma certa ordem de eventos, não se pode ser afetado senão de um certo modo”

Cornelia Eckert defende que os antropólogos tomam os relatos biográficos como narrativas de ciclos de vida, pelos quais o sujeito se situa em contextos sociais vividos e reinterpretados no presente, o que lhes permite fazer inferências a respeito do lugar de onde o discurso é produzido na atualidade (Eckert e Rocha, 2012, p. 107). Continua, na página 109, afirmando que a história de vida, enquanto técnica, não se basta em si mesma e tem que estar

em relação com as demais fontes do método etnográfico: Convivência prolongada, conhecimento dos ritmos e espaços da vida cotidiana, estudo dos complexos eventos coletivos e as múltiplas redes sociais onde os indivíduos circulam e negociam identidades, dentre outras. Evocando Michel De Certeau, afirma que dar conta da trajetória é invocar um movimento temporal no espaço. Assim a etnografia seria um exercício interativo/reflexivo em que os sujeitos, o objeto e o contexto são pensados como uma totalidade relacional (2012, p. 117). Na etnografia, as técnicas aparecem interpenetradas. As entrevistas e o diálogo pesquisador/sujeito pesquisado motivam depoimentos biográficos colhidos na dinâmica da experiência etnográfica. Os relatos de vida são a bricolagem das entrevistas biográficas em diversos encontros de interação e situações de entrevista. Nas entrevistas abertas e biográficas o pesquisador tem uma intervenção flutuante e uma participação dialógica. As narrativas biográficas tendem a mostrar os atores desde sua própria perspectiva. Acompanhando Eckert (2012, p. 120) ao afirmar que no método etnográfico, os relatos de vida são apreendidos como a maneira singular do sujeito cognoscente interpretar experiências de vida numa ordenação temporal que lhe faça sentido.

Pelas narrativas, os entrevistados constroem representações individuais remetidas a um plano coletivo que representa tanto o tempo pensado, como o tempo vivido e o tempo representado. Dentro do que seriam os moldes mais convencionais da observação participante, terei que ser capaz de observar e descrever detalhadamente situações de trabalho relacionadas com o objeto de nossa pesquisa e que nos permitam um entendimento que aponte a desconstrução de situações normais, dadas como verdades absolutas que pautariam “a maneira certa” de agir e fazer as coisas. Nosso desafio será, nesse ponto, conseguir um deslocamento que permita observar peculiaridades relevantes. As narrativas, por sua vez, serão construídas a partir de entrevistas com os interlocutores escolhidos e que necessariamente deverão acontecer fora do ambiente de trabalho. A partir destas entrevistas, a narrativa irá se conformando, respeitando o ponto de vista do interlocutor, com suas falas e seus silêncios.

Sobre minha trajetória acadêmica e a emergência da questão de pesquisa, posso dizer brevemente que me formei em ciências sociais na UFRGS, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e minha pesquisa de conclusão de curso (Calixto, 2016) tratava sobre imigrantes que viviam no sul do Brasil sem documentos regulares de residência por cinco, dez anos. O aporte teórico-metodológico na época foi fruto do meu contato com o Núcleo de Antropologia e Cidadania, o NACI da UFRGS e nesse sentido a orientação da Profa. Denise

Jardim foi uma fonte de inspiração fundamental. Sua orientação sempre repleta de ideias e colocações precisas que estimulavam a procura por novas perguntas aliado à liberdade para escolher os caminhos a seguir me acompanharão em minha trajetória enquanto pesquisador.

Durante a escrita final e mais claramente na defesa do trabalho surgiu evidente a relevância do trabalho e a centralidade desta categoria nas narrativas dos entrevistados. Meu esforço naquele momento, na graduação, estava voltado a questionar análises que se restringem a classificar dentro de pares dicotômicos como formal/informal ou legal/ilegal. Para isso mais do que as categorias em si, categorias nas quais às vezes parece que podemos encaixar a vida das pessoas, tentei observar as fronteiras que ao mesmo tempo separam e unem esses pares dicotômicos. Como se faz o trânsito do formal para o informal ou vice-versa, que tão porosas resultam essas fronteiras ou ainda se essa separação faz sentido para as pessoas eram as perguntas que orientaram a pesquisa na época. Nessa fase autores como Sayad (1998) e Herzfeld (2016) me ajudaram a pensar nos percursos dos imigrantes, na maneira como eles lidavam com o imaginário tecido pelos diferentes grupos sobre os países em que eram acolhidos e também da relação com o estado e a burocracia (Calixto, 2019).

Assim, decidi no mestrado observar com mais atenção o trabalho remunerado, no contexto da sociedade ocidental contemporânea. Para tentar apreender as nuances deste conceito tão vasto, me refugio novamente nas fronteiras, assumindo-as como construções teóricas e provisórias que tem como finalidade definir um território passível de análise.

Elaborei assim o seguinte desafio acadêmico: queria entender como pessoas de média idade, que foram alfabetizadas no mundo do trabalho no seio de um paradigma fordista, em que as relações entre trabalhadores e do trabalhador com a empresa estavam pautadas por projetos de longo prazo, onde o conhecimento e a experiência eram um valor que o trabalhador poderia eventualmente passar a um aprendiz, lidam com esse novo paradigma emergente em que a velocidade e a mudança são palavras de ordem e o trabalho por projetos e a provisoriedade marcam o ritmo tanto da jornada de trabalho quanto da vida. Entender também qual é o lugar das novas tecnologias baseadas na eletrônica e as ferramentas informáticas no mundo do trabalho e na vida das pessoas.

Comecei este texto, já no primeiro parágrafo aceitando o desafio que representa pensar analiticamente este tempo e este espaço que nos toca viver como trabalhador de média idade e que escolheu a lente da antropologia para tal.

1.1.1. *Primeiros passos: ultrapassar as unidades fechadas sem se deixar perder na ambiguidade.*

XXXVII

*¿Dices que nada se crea?
No te importe; con el barro
De la tierra, haz una copa
Para que beba tu hermano.*

XXXVIII

*¿Dices que nada se crea?
Alfarero, a tus cacharros.
Haz tu copa, y no te importe
Si no puedes hacer barro.¹*

Ciente da vastidão que temas como trabalho e tecnologia apresentam, e, percebendo, também, as nuances da interação dessas duas categorias na vida dos trabalhadores, uma das primeiras preocupações que enfrentei no início da pesquisa foi precisamente não aderir a uma abordagem tão vasta, tão ampla, que esvaziasse qualquer tentativa de análise. Ao mesmo tempo, não podia simplificar tanto meu objeto ao ponto de conseguir, a partir do estudo, obter apenas conclusões triviais. “*Alfarero, a tus cacharros. Haz tu copa, y no te importe Si no puedes hacer barro...*” escreve Antonio Machado. Com esse conselho em mente, toda uma aula sobre delimitação da pesquisa feito poesia, tentarei fazer minha taça. A partir das vivências de trabalhadores que atravessando o umbral que leva ao mundo das tecnologias ubíquas que fazem uso intensivo de ferramentas novas para o trabalho e para as quais não foram “alfabetizados”. Se conseguir fazer minha taça, e se nela meu irmão pode saciar sua sede me darei por satisfeito.

Nesse estágio, dois autores me ajudaram a orientar meus devaneios: Edgar Morin (2015), com seu conceito de pensamento complexo e Anibal Quijano (1992).

¹ PROVERBIOS Y CANTARES (Campos de Castilla) (2ª Parte) do poeta espanhol Antonio Machado, obtido em <http://www.poetasandaluces.com/poema/227/> no dia 27/10/2018 às 19:00hs.

Segue uma tradução livre dos versos: XXXVII / Dizes que nada é criado? / Não te importe; com o barro / da terra, faz uma taça / para que beba teu irmão.

XXXVIII / Dizes que nada é criado? / oleiro, a teus trecos. / Faz tua taça e não te importe / se não podes fazer barro.

De Edgar Morin nos apropriamos do conceito de pensamento complexo. O mestre nos ensina que uma realidade que se organiza de modo complexo requer, para sua compreensão, um pensamento complexo (Morin Apud Estrada, 2007, p. 69). Esse pensamento complexo segundo Morin (2000, p. 387),

“deve ultrapassar as entidades fechadas, os objetos isolados, as ideias claras e distintas, mas também não se deixar enclausurar na confusão, no vaporoso, na ambiguidade, na contradição. Ele deve ser um jogo/trabalho con/contra a incerteza, a imprecisão, a contradição. Sua exigência lógica deve, pois, ser muito maior que aquela do pensamento simplificante, porque ele combate permanentemente numa ‘terra de ninguém’, nas fronteiras do dizível, do concebível, do a-lógico, do ilógico.”

Para o autor, no paradigma ocidental contemporâneo pedimos à razão que ponha ordem e clareza no real, que revele as leis que o governam. Nesse contexto a palavra complexidade só exprime nosso incômodo, nossa confusão e a dificuldade para em definitiva ordenar as ideias. Para ele, as modalidades simplificadoras do conhecimento mutilam mais do que exprimem os fenômenos de que tratam. O desafio para Morin resume-se ao fato de saber como considerar a complexidade de um modo não simplificador. Não se trata de retornar à ambição do pensamento simples, que deseja controlar e dominar o real. Trata-se de exercer uma linha de pensamento capaz de lidar com o real, com ele dialogar e negociar (2015).

Aníbal Quijano (1992) e Walter D. Mignolo (2010) trazem conceitos como colonialidade, descolonialidade e *desprendimento*, desenganche (*delinking*) epistêmico como o define Quijano apud Mignolo (2010, p. 9):

Bajo el hechizo del neoliberalismo y la magia de los medios de comunicación que lo promueven, la modernidad y la modernización, junto con la democracia, se venden como un paquete de viaje a la tierra prometida de la felicidad, un paraíso donde, por ejemplo, cuando usted ya no puede comprar la tierra porque la tierra es limitada y no producible o está monopolizada por quienes tienen el control y la concentración de la riqueza puede comprar la tierra virtual. Sin embargo, cuando la gente no compra el paquete o tiene otras ideas de cómo la economía y la sociedad deben ser organizadas, se va a ver convertida en sujeto/s de cualquier tipo de violencia directa e indirecta. La torcida retórica que naturaliza a la modernidad como un proceso universal, global y punto de llegada oculta su lado oscuro, la reproducción constante de la colonialidad.

Quijano entende que uma tarefa fundamental no processo colonizador é precisamente colonizar o imaginário dos colonizados. Ao tempo que se impede (ou no mínimo se cerceia) a produção cultural dos dominados, serve como ferramenta de controle social e cultural. Os colonizadores criaram uma imagem mistificada sobre seu sistema de produção de conhecimento que foi inicialmente afastado do colonizado para posteriormente cooptar (segundo o próprio autor) alguns colonizados que vislumbraram na cultura europeia uma porta de acesso ao poder. Assim, a europeização cultural transformou-se em aspiração.

Quijano reconhece que os pensadores pós-modernos já haviam criticado a noção moderna de Totalidade criada nesse paradigma moderno ocidental; mas esta crítica limita-se à história interna da Europa e à história das ideias europeias. É por isso que a crítica da Totalidade a partir da perspectiva da colonialidade e não apenas da crítica pós-moderna é importante. Um aspecto relevante nesta proposta é o fato da crítica da noção moderna de Totalidade não necessariamente levar à pós colonialidade e sim à descolonialidade.

O autor nos alerta para algumas precauções que devemos tomar ao aderirmos a esta opção:

“La crítica del paradigma europeo de la racionalidad/modernidad es indispensable, Mas aun, urgente. Pero es dudoso que el camino consista en la negación simple de todas sus categorías; en la disolución de la realidad en el discurso; en la pura negación de la idea y de la perspectiva de totalidad en el conocimiento.”
(Quijano, 1992, p. 447)

Resulta difícil pensar, na vida vivida, separar o trabalho remunerado das relações com o Estado, as relações de família, amizade, gênero ou com a economia no contexto das sociedades capitalistas contemporâneas. Minha pesquisa trata apenas de trabalhadores de origem latino americana, e outro de origem portuguesa trabalhando no Brasil. Nada pretendo dizer sobre os trabalhadores na Alemanha ou na China por entender que seria uma simplificação (na esteira dos ensinamentos de Edgar Morin e também por desconhecer as relações que aquelas pessoas e trabalhadores têm com o trabalho). Reconheço ainda as narrativas e visões disseminadas globalmente, mas desconheço as apropriações que essas comunidades de trabalhadores fazem dessas narrativas. Sem assumir um ponto de vista por demais inocente que pretenda defender uma constituição *sui generis* para as diferentes comunidades de trabalhadores, entendo que as generalizações das descobertas nesta comunidade ora estudada para os proletários do mundo inteiro devem ser uma responsabilidade do leitor e não deste autor.

1.2 O trabalho que dá escrever sobre o trabalho. Procurando uma comunidade interpretativa.

Procuo dialogar com teóricos da antropologia do trabalho e da antropologia econômica pensando esta síntese no contexto das premissas da antropologia urbana que permeia tanto as relações de trabalho como a vida das pessoas entrevistadas que me auxiliarão na empreitada. Ainda sobre as narrativas dos entrevistados o fundamento teórico

vem da antropologia da memória e da duração. Para conformar este arcabouço teórico foi importante minha relação com o NAVISUAL, o Núcleo de Antropologia Visual da UFRGS e da minha orientadora Profa. Cornelia Eckert. No núcleo percebi também o potencial dos recursos imagéticos para enriquecer o trabalho etnográfico e limitado pela minha restrita sensibilidade na área tentarei, sempre que possível, aliar a poética das imagens ao texto.

Seguindo Eckert e Rocha (2015) e Lopes Leite (2013) entendemos que entre as décadas de 1950 e 1970 a teoria econômica passou a ser uma questão cara para a antropologia. Os conceitos da teoria econômica desenvolvidos naquele momento foram pensados para explicar a economia capitalista, porém com a pretensão de abranger princípios econômicos gerais, de todas as sociedades. Em etapas anteriores da antropologia o trabalho aparecia geralmente relacionado ao dom e à reciprocidade, negando o interesse econômico e dando maior relevância à lógica da honra ou do capital simbólico.

O trabalho, enquanto categoria analítica foi objeto de estudo inicialmente por historiadores sociais e sociólogos para, posteriormente fazer parte do escopo dos antropólogos. Nesta síntese que me orienta podemos ressaltar que, desde a história, na Inglaterra, a memória do trabalho começa a ganhar o interesse dos historiadores a partir da perspectiva de uma história oral, orientada para as condições de vida da classe trabalhadora e nesse contexto são importantes os aportes de E P e Meira (2014) e Eric Hobsbawm.

E P Thompson (2001) escreveu um clássico em 3 volumes: *A Formação da Classe Operária Inglesa*, outro livro que traz parte da obra de E P Thompson é *E. P. Thompson: as peculiaridades dos ingleses e outros artigos*, organizado dentre outros por Antonio Luigi Negro e Sergio Silva (1998). Já o aporte de Eric Hobsbawm (2015), se dá através de obras como *Os Trabalhadores: Estudos Sobre a História do Operariado* e *Mundos do Trabalho: Novos Estudos Sobre a História Operária*. Essa nova literatura coloca o protagonismo não no polo moderno da transformação capitalista, a fábrica e seus operários, mas sobre aqueles a quem tais mudanças estavam deslocando e destruindo. Trata-se de dar voz aos silenciados que não necessariamente são os vencidos.

Um aporte interessante de E. P. Thompson trazido por Iñigo (2014) foi a insistência no rigor da pesquisa empírica aliada à importância dada à ação humana e ao desenrolar dos acontecimentos a partir da vivência e da experiência dos sujeitos. Thompson se afasta um pouco da ortodoxia marxista ao reivindicar que a classe não seria uma estrutura fixa e questionar a existência a priori da classe em si, a classe definida em relação ao capital. A classe se gesta a partir de experiências comuns que alguns homens compartilham. As relações sociais e culturais, na luta de classes, seriam experiências derivadas das relações econômicas

de produção e dominação. Entre os conceitos de classe e luta de classes ele prioriza a luta de classes, pois esta implica um processo. As classes não existem como entidades separadas que olham ao redor, acham um inimigo e partem para a luta. As pessoas estão (Thompson apud Negro e Silva, 2001, p 274) imersas dentro de uma sociedade estruturada em base às relações de produção, identificam o “nós” dos interesses antagônicos e nesse processo de luta, descobrem a si mesmos como classe. É na experiência que os trabalhadores se reconhecem enquanto classe (sujeitos da sua própria história).

Na França desde a história social autores como Foucault, em *Vigiar e punir* (2014) que já vislumbrava o vínculo na modernidade entre a manipulação do tempo e do espaço e o disciplinamento do corpo nas doutrinas relacionadas à organização racional do trabalho Eckert e Rocha (2015, p. 19). *A miséria do mundo*, organizado por Bourdieu (2004), ou a Imigração ou o paradoxo da alteridade de Abdelamlek Sayad (1998) vão se interessar na exploração dos trabalhadores, nacionais e estrangeiros no sistema capitalista.

Já a antropologia do trabalho ganha fôlego no Brasil na década de 1970 com pesquisas, desde o Museu Nacional, de antropólogos como Ligia Sigaud (1979, 1980), Moacir Palmeira (1977) e José Sergio Leite Lopes (1976). Começa a consolidação do que pode se entender como uma antropologia da classe operária. Giralda Seyferth (1990) com as pesquisas dos camponeses trabalhando nas usinas ou nas fábricas de SC e nesta mesma linha Fernando Dias Duarte (1986), em sua pesquisa sobre a Vida Nervosa de trabalhadores no Rio de Janeiro. Cornelia Eckert (2012, 2015) em sua pesquisa com mineiros em La Grand Combe, na França, é um marco nos estudos sobre memória do trabalho em sociedades ditas complexas. Nesse contexto de produção acadêmica no Brasil os vínculos com a antropologia urbana e das sociedades complexas fica claro. Uma particularidade apontada por autores como Leite Lopes é o fato da classe operária brasileira ter sua origem no campesinato o que justifica que inicialmente o estudo da migração das atividades rurais para industriais e do campo para a cidade tenham ocupado um espaço preponderante. Junto com essa constatação podemos inferir que o interesse dos antropólogos brasileiros pela antropologia urbana tem relação com estes movimentos.

Posteriormente, uma literatura mais recente que tem como foco o trabalho em tempos de cibercultura aponta questões que vem ao encontro de nossa pesquisa. Ursula Huws (2014, 2018); Ricardo Antunes e Rui Braga (2009) em *Infoproletários: Degradação real do trabalho virtual*, aproximam-nos ao trabalho em empresas de tecnologia no século 21. Úrsula Huws (apud Antunes e Braga, 2009, págs. 37 a 53) entende que após o colapso da União Soviética em 1989 uma única economia global vem se conformando e que esta determina

direta ou indiretamente os termos de empregabilidade de uma parcela cada vez maior da população mundial. Pareceria que estão finalmente dadas as condições que Marx anunciava no fim do manifesto comunista: “Trabalhadores do mundo inteiro, uni-vos” mas não é precisamente essa união que vemos. No atual modelo industrial a população está envolvida, seja como trabalhador, seja como consumidor e as TICs (tecnologias da informação e da comunicação) são ao mesmo tempo objetos de consumo e meios de produção.

O novo paradigma de mobilidade ocupacional dificulta a criação de grupos de identidade estáveis baseados em habilidades compartilhadas e a única coisa que podemos prever com certa precisão é que haverá mais mudanças. Trabalhadores que manipulam dados usam informação desenvolvida por trabalhadores do conhecimento² e em termos numéricos os primeiros crescem mais do que os segundos confirmando uma tendência à rotinização antes do que ao trabalho criativo. Nesse contexto surge uma dúvida: como se agruparão (se é que se agruparão) essas novas identidades coletivas: em função do local, da empresa ou do ramo em que trabalham?

As ferramentas informacionais tencionam as fronteiras entre trabalho e consumo e um exemplo pode mostrar essa situação mais claramente. A encomenda de um bilhete aéreo pode ser feita pelo telefone e processada por um trabalhador de um *call center* ou pode ser feita através do sítio web da empresa e nesse caso o consumidor realiza o trabalho. Assim, o trabalho de ingressar os dados pode ser pago ou não e falarmos em trabalho produtivo demanda um maior rigor teórico.

Estes autores, muito brevemente relacionados, me ajudaram a pensar como a relação tempo-espaço foi tomando gradativamente diferentes dimensões e para pensar nesta relação nos dias de hoje, tempos da quarta revolução industrial, autores que teorizam o ciberespaço, como Pierre Lévi. Autores que pensam o tempo, o espaço e as diferentes formas de narrativas, Bachelard, Elias, De Certeau, Simmel (1979) ou Milton Santos desde a geografia foram relevantes.

² Entendemos que são trabalhadores do conhecimento aqueles orientados a funções mais criativas que de alguma maneira lidam com o conhecimento e fazem da informação matéria prima seja para a geração de processos ou a criação de novos conhecimentos. Trabalhadores que criam algoritmos que possibilitam filtrar dados de uma maneira que resultem úteis no processo de geração de valor como, por exemplo, os que possibilitam identificar padrões de consumo nas redes sociais ou trabalham no desenvolvimento de ferramentas de inteligência artificial fazem parte dos trabalhadores do conhecimento.

Já trabalhadores orientados a tarefas repetitivas que têm por objetivo introduzir dados em uma base ou registrar eventos estão sujeitos a uma lógica diferente. Um detalhe a levar em consideração para estes últimos é que os dados que manipulam tanto podem pertencer a uma empresa do mercado farmacêutico como outra na área de serviços de turismo o que traz como vantagem adicional para as empresas que os trabalhadores não precisam para essa função um treinamento específico no segmento de atuação.

1.3 Trabalho *on-line* e vida *off-line*.

“En ciertos oasis, el desierto es sólo un espejismo”³

Mario Bendedetti

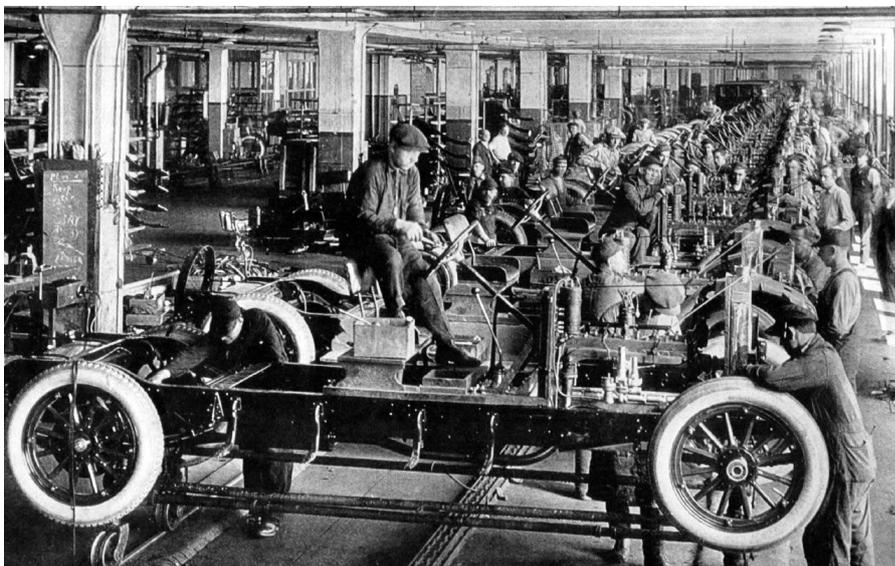


Figura 1: Linha de produção na indústria automotiva do início do século XX

Fonte: <https://www.todoestudo.com.br/geografia/fordismo> o dia 26/08/2018 às 8:00hs



Figura 2: Linha de produção na indústria automotiva do início do século XXI

Fonte: <http://portallubes.com.br/wp-content/uploads/2017/03/fotos2.jpg> o dia 26/08/2018 às 8:10hs.

Existem semelhanças nas duas fotos que temos acima e claro, existem diferenças. O período de tempo que separa uma da outra não supera 100 anos. Qual delas representa um deserto e qual uma miragem dependerá de quem com elas se depara. A primeira, a mais antiga é uma foto em preto e branco, a segunda, mais recente, em cores. Essa pequena

³ “Em alguns oásis, o deserto é apenas uma miragem” Tradução livre.

diferença já pauta a dinâmica *técnica* no registro de imagens, seja na fotografia ou no vídeo. Esta dinâmica aceita no discurso hegemônico como evolução nos mostra que a forma de registrar mudou e essa mudança aconteceu em paralelo (ou em convergência) com a mudança na maneira de fazer carros.

Na primeira foto vemos vários operários trabalhando diretamente no ensamble dos carros. Já na outra aparecem apenas robôs. Podemos aceitar num primeiro momento o argumento defendido pelo *establishment* de que, de fato, os postos de trabalho não se perderam, apenas foram migrados para a construção dos robôs. Nesse sentido nosso desafio é pensarmos primeiro se de fato os postos de trabalho eliminados na fabricação de carros foram transferidos para a fabricação de robôs. Entendemos que não. Aparece neste ponto uma primeira questão sobre a qual desejamos dar ênfase: a fronteira entre o que a teoria marxista define como trabalho vivo e trabalho morto.

Interessa-nos também pensar sobre o lugar em que o trabalho se desenvolve. No caso do trabalho no ensamble dos carros, na fábrica, era possível circunscrever espacialmente com maior clareza a relação dos trabalhadores com o trabalho. Na época, os trabalhadores podiam morar na mesma vila operária, na mesma cidade e os laços estabelecidos entre os trabalhadores iam além da jornada de trabalho. Já os robôs da segunda foto muito provavelmente foram pensados e desenvolvidos em algum país central no sistema ocidental capitalista e eventualmente manufaturados em alguma região periférica do mundo que permita uma equação de lucro mais favorável para o capital. O elo espaço-temporal nessa fase da produção tornou-se difuso, vago. Da comparação dessas duas realidades de trabalho retratadas nas imagens, separadas por algumas décadas podemos extrair algumas observações. Para isso, pensemos em dois processos diferentes sobre os quais desejo no momento chamar a atenção. Na primeira, a mais antiga, existe o que podemos entender como um processo de pesquisa e desenvolvimento que leva até a definição do conceito “carro” e a posterior definição de procedimentos de manufatura e engenharia que permitem a produção. Estas etapas acontecem normalmente em regiões centrais do sistema capitalista ocidental. Num primeiro momento, falando na produção de carros podemos pensar nos Estados Unidos da América e alguns países europeus como Alemanha, França e Itália por exemplo. Posteriormente entraram para esse seleto grupo alguns países asiáticos como Japão e Coreia do Sul e mais recentemente China e Índia. Uma vez desenvolvido o “projeto carro” e definido o processo de fabricação, esta, a fabricação, pode acontecer em lugares remotos, com custos de manufatura menores, próximos dos consumidores ou que atendam de alguma outra

maneira os interesses do capital. Esse processo, podemos aceitar que faz parte de uma lógica global que mobiliza recursos financeiros, materiais e de mão de obra dispersa por diferentes regiões do mundo.

Queremos analisar separadamente um segundo momento que seria a etapa de fabricação, que na primeira fotografia era eminentemente local. Concentrava trabalhadores na fábrica e nesse ambiente a relação dos trabalhadores era local. A interação diária dava-se no entorno da fábrica, do bairro, da cidade. Na segunda fotografia, a que retrata o processo na fábrica contemporânea, os robôs fazem parte da lógica global descrita anteriormente para o desenvolvimento dos carros e aquele processo local foi em mais de um sentido substituído.

Chegados a este ponto nos perguntamos até que ponto é possível substituir processos que eram locais por outros processos globais, qual a relação dessa mudança com as novas ferramentas técnico-informacionais e o impacto na vida dos trabalhadores.

O trabalho remunerado é a fonte de subsistência para uma parcela relevante da população mundial e podemos observar que nos últimos anos, dentre outras causas, a globalização e os avanços tecnológicos nas mais diversas áreas desencadearam alterações significativas nas relações dos trabalhadores com o trabalho.

Em termos gerais, a narrativa do desenvolvimento do capitalismo na sociedade ocidental aceita como marcos divisores o que seria uma primeira revolução industrial a partir do final do século XVIII em que a energia a vapor permitiu migrar de um sistema de produção manual para outro mecanizado, a disseminação das ferrovias e do trem. Na segunda metade do século XIX o advento da eletricidade permitiu o que conhecemos como segunda revolução industrial que permitiu desenvolver a manufatura em massa, consequência da implementação da linha de produção. Na segunda metade do século XX no que foi denominado como terceira revolução industrial os avanços na eletrônica e na informática foram a chave. Finalmente, no início do século XXI, o novo paradigma que está em plena fase de consolidação é uma série de fenômenos apresentados como a quarta revolução industrial e que tem como alicerces tecnologias tão diversas como a inteligência artificial, a robótica, a internet das coisas, o armazenamento de dados em nuvem (*cloud computing*), a bio e a nanotecnologia.

Essa narrativa linear, homogênea ajuda a pensar no processo das sucessivas revoluções como um evento universal, que aconteceu de forma análoga em todas as regiões e que germinou simultaneamente no mundo inteiro não se sustenta uma vez colocada sob uma análise mais crítica. Como latino americanos sabemos que o protagonismo de nossos povos

nessa gesta admite matizes e resulta difícil achar uma versão universal. Pensando apenas em América Latina, sabemos que alguns países aderiram mais fervorosamente do que outros ao processo e ainda dentro desses países diferentes grupos de poder tiveram atuação diversa. Aníbal Quijano, dentre outros, descreve muito bem esses matizes ao longo de sua extensa obra.

Acompanhando Castells (1997) entendemos que resulta interessante delimitar no espaço as diferentes etapas deste processo e assim é possível aceitar que o berço da primeira revolução industrial foi a Inglaterra e desde ali se alastrou com diferente intensidade pelo mundo. Nesse contexto, a revolução da tecnologia da informação, podemos afirmar que teve suas origens nos Estados Unidos, mais precisamente na Califórnia. E segundo Castells (1997, p. 58) foi a primeira vez nas ditas revoluções industriais em que a mente humana pôde ser considerada como uma força produtiva direta e não apenas como um elemento decisivo dentro do sistema de produção.

É importante, mais uma vez identificarmos o fato desta revolução tecnológica da informação ter seguido caminhos diferentes em territórios diferentes como EUA, Japão, Coreia do Sul ou América Latina. Assim, ao falarmos de “Revolução industrial”, independentemente de falarmos da primeira ou das mais recentes precisamos ter em mente que o desenvolvimento foi, em todos os casos heterogêneo.

Ainda acompanhado Castells (1997, p. 88) ressaltamos como algumas características do paradigma regido pela revolução técnico informacional: Em primeiro lugar, a informação é considerada como matéria prima, criam-se tecnologias para agir sobre a informação, contrariamente ao que era possível observar em momentos anteriores nos quais a informação era apenas utilizada para atuar sobre as tecnologias. Em segundo lugar não podemos ignorar o poder de penetração das novas tecnologias, sua lógica de interconexão em rede e sua flexibilidade. Finalmente, é importante destacar que esse novo paradigma não se fechou como seria de esperar ao pensarmos nele como um sistema senão que ao contrário, podemos dizer que se abriu numa rede.

Para finalizar, queremos fazer menção a ARPANET (*Advanced Research Projects Agency Network*), um projeto originado no departamento de defesa dos Estados Unidos no contexto da “Guerra fria”. O objetivo do sistema era que o mesmo fosse imune a um ataque e para isso teria que ter uma estrutura descentralizada. O resultado foi uma arquitetura de rede que não possuía um centro e era composta por milhares de redes informacionais autônomas com infinidade de opções (caminhos) para se comunicar. A partir dali, o capitalismo

informacional aproveita-se desta arquitetura que evoluiu para o que seria posteriormente a origem da internet e seus protocolos mais disseminados como o TCP/IP. As tecnologias desenvolvidas nessa fase foram aperfeiçoadas na atual quarta revolução industrial, a revolução 4.0 da qual falaremos brevemente a seguir.

Possivelmente as características que mais chamam a atenção nesta quarta revolução industrial são, em primeiro lugar, a velocidade, a amplitude e a profundidade da mesma. Em segundo lugar, o fato de existir uma fusão de tecnologias emergentes e outras aperfeiçoadas que conectam os domínios físico, digital e biológico permitindo uma abrangência não imaginada nas anteriores ditas revoluções (Schwab, 2016).

Nesse contexto, por exemplo, pesquisas apontam que quase 50% dos atuais empregos poderão ser informatizados no futuro breve e apresenta como exemplo casos tão diversos como as profissões de motorista ou advogado (OIT, 2018, p. 38-39).

Alguns autores citados no mesmo documento sobre o futuro do trabalho no Brasil (OIT, 2018, p. 39) entendem que houve uma mudança na organização das empresas e identificam como marco temporal a década de 1970. Até esse momento a estrutura organizacional era o que podia denominar-se como vertical e era condição para a gestão a criação de estruturas que requeriam trabalhadores treinados para desenvolver funções que demandavam conhecimentos específicos. Por esse motivo, ainda segundo os autores, estabeleciam-se contratos de longo prazo que permitiram viabilizar tais projetos organizacionais também de longo prazo. O emprego estável era, assim, consequência dessa estrutura.

Já mais próximos ao final do século XX, as mudanças nas tecnologias e nos métodos de gestão estimularam uma migração do que era o modelo vertical para outro que poderia entender-se como resultado de cadeias produtivas - ou como costuma ser denominado no meio do *business* como cadeias globais de valor - organizadas de forma horizontal e, claro, global. As empresas começaram a aderir a paradigmas entendidos como mais universais e homogêneos, ficaram mais virtuais e os contratos, assim como as metas de longo prazo ficaram em mais de um sentido obsoletas. As tendências divulgadas e em geral aceitas como verdades que deverão acontecer no futuro próximo preveem o crescimento deste novo modelo, como podemos ver pelo apresentado no mesmo documento:

“... setores em franco crescimento, como o setor de serviços altamente especializados, ligados a componentes intangíveis de produtos. Em relação ao setor de serviços, seu crescimento está ligado à preponderância desse setor no comércio global, que já corresponde a 54%, com previsão de atingir 75% do comércio global até 2025, impulsionado pelos componentes intangíveis do valor final dos produtos,

em parte pela aproximação entre os setores de transformação com os serviços.” (OIT, 2018, p. 10)

e continua afirmando na página 12 que “tais processos demandarão mudanças em muitas áreas, em particular no que toca à qualificação profissional e à criação de marcos normativos adequados para regular as novas relações de trabalho.”

A nova fábrica digital, face visível dos novos tempos que por sua vez impulsiona essa nova economia mais virtual, nos impele a pensar em algumas de suas características. Não é novidade, pois já acontece há algum tempo, que empresas que tem suas sedes e nelas os departamentos de marketing e pesquisa e desenvolvimento transferem sua produção para países “em desenvolvimento”, assim fabricantes de eletroeletrônicos, computadores e telefonia celular com sede nos Estados Unidos, podem fabricar suas *comodities* na China e ainda assim ficar com até 90% do valor agregado. Essa realidade pode mudar.

Com a crescente automação e integração potencializada pelas novas tecnologias, o custo de mão de obra deixa em muitos casos de ser o principal critério para a locação das plantas produtivas e já existem casos exemplares de linhas de produção que estão se deslocando neste novo cenário para os centros desenvolvidos, mais próximos assim dos fornecedores e dos consumidores. Podemos citar, neste movimento conhecido como *reshoring*, a Adidas, no que é um exemplo simples da produção de camisetas esportivas. Em sua nova planta nos EUA com apenas quatrocentos funcionários e uma legião de robôs, impressoras 3D e ferramentas computacionais de hardware e software de última geração produzirá 800 mil camisetas/dia e o custo unitário da mão de obra será de apenas trinta e três centavos de dólar por peça. (OIT, 2018, p. 28-29)

Na *Declaration on Social Justice for a Fair Globalization* a Organização Internacional do Trabalho (OIT, em sua sigla em português) de 2008 mostra a preocupação da organização com o impacto da globalização sobre o trabalho decente:

A Declaração vem em um momento político crucial, e reflete o amplo consenso sobre a necessidade de uma clara dimensão social da globalização para a obtenção de resultados melhores e justos para todos. Constitui uma bússola para a promoção de uma globalização justa baseada no trabalho decente, bem como uma ferramenta para acelerar o progresso na implementação da Agenda do Trabalho Decente a nível dos estados nação. (ILO, 2008, p. 1)

A Organização Internacional do Trabalho (OIT), assim como outros organismos nacionais e internacionais percebem a relevância da mudança de paradigma e para comemorar seus cem anos, a OIT definiu uma agenda de trabalho em que as mudanças

tecnológicas são o foco da atenção. Na Iniciativa do Centenário sobre o futuro do trabalho, o documento *“MUDANÇAS TECNOLÓGICAS E TRABALHOS NO FUTURO: Como conseguir que a tecnologia beneficie a todos (um aporte de Irmgard Nübler)”* aborda o tema nos seguintes termos:

As mudanças tecnológicas também são inevitavelmente processos dinâmicos que envolvem: a) tanto a supressão quanto a criação de empregos e b) transformar os atuais, principalmente em termos de organização do trabalho. Ambos os aspectos têm repercussões críticas para os trabalhadores, os empregadores e suas famílias. A extensão das mudanças tecnológicas e a velocidade com que elas ocorrem sempre foram objeto de debates econômicos e sociais, muitas vezes com opiniões divergentes entre otimistas e pessimistas...

Embora tenha havido um amplo consenso sobre o seu potencial de produtividade, nos últimos anos tem havido uma preocupação crescente - não muito diferente do passado - sobre a "possibilidade de que esse tipo de mudança tecnológica possa substituir mão de obra"(OIT, 2015. P 1).

Mas adiante, o documento contrapõe duas visões que vaticinam, desde a perda de empregos em função do desenvolvimento tecnológico até, no extremo oposto, uma situação de emprego total:

...No entanto, a história nem sempre se repete, então a questão permanece: será diferente desta vez? A seção 3 examina essa questão crítica, revisando as características particulares do fluxo atual de mudanças tecnológicas (muitas vezes referidas como a Quarta Revolução Industrial) com um potencial sem precedentes para a eliminação de empregos. Então, examinamos o caso oposto que argumenta que a mudança tecnológica está relacionada a uma sólida criação de empregos e ganhos líquidos no emprego total. (OIT, 2015. P 1).

As mudanças tecnológicas acontecem a uma velocidade cada vez maior. Por vezes se sustentam no conhecimento acumulado em etapas anteriores, representando o que poderíamos entender como um aperfeiçoamento dentro do mesmo campo. Cada vez são mais frequentes, no entanto, situações em que as mudanças trazem novos paradigmas que demandam, por sua vez, novos conhecimentos não relacionados aos adquiridos previamente e nestes casos esse conhecimento acumulado previamente não representa um capital, no sentido que Bourdieu lhe confere ao termo (Bourdieu, 1999, p. 15).

Bauman (2001) vislumbra a passagem do que ele entende como modernidade sólida para a modernidade líquida que se caracteriza pela velocidade da mudança e a fluidez das formas que as estruturas das organizações sociais apresentam. Estas não mais servem, como serviram no passado, para estabelecer as premissas de planejamentos de longo prazo e muito menos para estabelecer projetos de vida. Como o próprio Bauman afirma,

Cada passo seguinte deve ser uma resposta a um diferente conjunto de oportunidades e a uma diferente distribuição de vantagens, exigindo assim um

conjunto diferente de habilidades e um arranjo diferente de ativos. Sucessos passados não aumentam necessariamente a probabilidade de vitórias futuras, muito menos as garantem, enquanto meios testados com exaustão no passado precisam ser constantemente inspecionados e revistos, pois podem se mostrar inúteis ou claramente contraproducentes com a mudança de circunstâncias. (2001,p. 9)

O pano de fundo do chão de fábrica fordista, acompanhando Sennet (1999), ainda que opressivo e sustentado no trabalho repetitivo e desmotivador, mas que justificava a ação coletiva para a construção de projetos de longo prazo não mais existe. Hoje o indivíduo é o gestor de seu próprio destino e cabe a ele achar as soluções para os dilemas que sua realidade em contínuo estado de mudança lhe apresenta. A incerteza do quadro incompleto que aparece ante si é a matéria prima da qual surgirá seu projeto, sempre inacabado, em mutação. A responsabilidade por esta construção é colocada sob seus ombros e o fato dele não conhecer as premissas não justifica nem seus acertos e muito menos seus fracassos. As escolhas individuais são privilegiadas perante as soluções coletivas.

A espada de Dâmocles pende sob sua cabeça, mas ao contrário daquele, não almeja o poder, apenas manter a condição que lhe permita continuar sendo parte ativa da sociedade, pois a fronteira entre o trabalhador empregado e o desempregado é tênue. Mais difusa ainda é a fronteira entre aquele indivíduo que ainda desempregado faz parte do “exército de reserva”, que eventualmente uma vez reciclado pode voltar a produzir e aquele outro que está definitivamente banido da sociedade, para quem resta apenas a indiferença e a invisibilidade, legiões cada vez mais numerosas que povoam nosso planeta, massa informe e ignorada, ferida aberta em nossa condição humana que nos negamos a tocar.

Esta situação define, em parte, o perfil do novo trabalhador que deve ser flexível e motivado para obter capacitação sempre que necessário, muitas vezes de maneira autodidata e por sua conta e risco, para poder acompanhar as demandas do mercado de trabalho.

O “mercado de trabalho”, por sua vez, tem que conciliar o ingresso das novas gerações que direta ou indiretamente disputarão vagas com os trabalhadores que estão na ativa. As novas tecnologias impulsionam novos modelos de produção que pressionam as formas de trabalho vigentes. Assim as estruturas têm que se transformar ou potencializar novas formas de trabalho que acompanhem as mudanças tecnológicas.

Essas novas formas de trabalho afetam aos trabalhadores ao menos de duas maneiras: os trabalhadores têm que se reinventar, seja dentro da profissão ou procurando uma colocação dentro de uma nova profissão caso a anterior já não ofereça oportunidades, seja porque

deixou de existir ou simplesmente porque já não oferece espaço para um dado perfil de trabalhador.

Marginalia 1: Fotografia. Eu lembro, tu lembrás, nós lembramos.

Essa lembrança...mas de onde? de quem?

Essa lembrança talvez nem seja nossa,
mas de alguém que, pensando em nós, só possa
mandar um eco do seu pensamento
nessa mensagem pelos céus perdida...

Mário Quintana

No coração do bairro Cerro em Montevideu, na esquina das ruas Grécia e Holanda há um museu que guarda um valioso acervo para um bairro e um país impensável sem a carne bovina e sua indústria:

“Esta foto é do Swift” disse Sergio, de 70 anos, um dos aposentados que atende honorariamente o museu dos trabalhadores da indústria frigorífica, mostrando uma foto em que o Zeppelin estava passando pelo Cerro.

“No, no” disse Nicolas, outro aposentado de 78 anos.

“É o Swift” retrucou Sergio. “Coloca o óculos, não vamos brigar, não?”

“Parecia o Artigas” resigna-se Nicolas, mas finalmente concordaram tratar-se do Swift.



Figura 3: Passagem do Zeppelin sobre o bairro Cerro

Fonte: <https://lagalenadelsur.wordpress.com/2013/02/01/la-radio-y-los-zeppelines/> no dia 05/11/2018.

*“El 1º de julio de 1934, la nave comenzó a divisarse sobre el mediodía y a las 12 y 30 horas estaba sobrevolando el Cerro a una altura, que muchos estiman en 150 metros, enfilando hacia el centro de Montevideo. Bordearía el Palacio Salvo y la Plaza Independencia, sucediendo un hecho curioso: desde la nave se arrojó sobre la Casa de Gobierno un arreglo floral dirigido a la esposa de Gabriel Terra, fallando en su intento y cayendo sobre una casa de la calle Juan Carlos Gómez”.*⁴

O diálogo entre os dois aposentados foi resgatado de uma nota no jornal El Observador de Montevideú do dia 2 de maio de 2018.⁵ A matéria tratava da inauguração do museu dos trabalhadores da indústria frigorífica e aquela foto, naquele contexto era importante porque trazia um registro dos frigoríficos do bairro. A fotografia, originariamente, fazia referência ao Zeppelin em sua passagem por *Montevideo*. O frigorífico que resultou interessante para os trabalhadores ora aposentados muito provavelmente passou inadvertido para o fotógrafo e para a maioria dos leitores da matéria na época.

⁴ A foto e a crônica sobre a passagem do Zeppelin sobre o Cerro foram obtidas na página web <https://lagalenadelsur.wordpress.com/2013/02/01/la-radio-y-los-zeppelines/> no dia 05/11/2018.

⁵ Nota obtida na página web do jornal El Observador, de *Montevideo* em <https://www.elobservador.com.uy/nota/conozca-un-museo-atipico-que-recoge-el-pasado-de-un-barrio-y-un-pais-201852500> o dia 05/11/2018.

O brilho do bairro foi apagando-se com o declínio dos frigoríficos e do passado restam apenas as ruínas daqueles prédios que abrigaram milhares de trabalhadores. Nas ruas do bairro, no entanto, a vida pulsa intensamente ainda que para a maioria dos atuais moradores, o Zeppelin e os frigoríficos em plena atividade, sejam apenas fantasmas que procuram abrigo nas velhas paredes que resistem, teimosas, o embate do vento sul e do tempo.



Figura 4: Vista atual do prédio do frigorífico Swift no Cerro de *Montevideo*
Fonte: em <http://ruinasenmontevideo.blogspot.com/2009/> no dia 16/07/2019 às 09:00hs

Antes de continuar desejo explicitar em dois parágrafos minha intencionalidade no uso da fotografia na pesquisa social. Acompanhando Mariana Leconte (2011) podemos afirmar que a fotografia, enquanto imagem conjura o passo do tempo, conspira contra o esquecimento e a ausência. A fotografia, no entanto, não cumpriria essa função se não fizesse parte de uma narrativa, se já não dissesse alguma coisa a alguém. Essa fotografia (re)produção ou (re)apresentação está em permanente disputa com a fotografia enquanto imagem produtora, imagem que traz sentidos não imaginados ou planejados previamente. A fotografia assim, além de fazer presente um instante do passado, ‘congelado’, isto é, reproduzir o real, gera um irreal, cria uma nova perspectiva que antes não existia.

Graças à exterioridade que a imagem inscrita em um suporte material lhe confere à fotografia podemos diferenciá-la da lembrança, que é interna. Aquela vivência íntima, conservada na memória é pessoal, mas na fotografia fica exposta, pode ser observada. Sua

mensagem, no entanto permanece muda até que o olhar que a ela se aproxima não atualiza sua dimensão semiótica conferindo-lhe sentido.

2 OS TRABALHADORES E O TRABALHO

“Que é, pois, o tempo?
Se ninguém me pergunta, eu sei;
mas se quiser explicar a quem indaga, já não sei.”
Santo Agostinho - Confissões

Neste segundo capítulo traremos meu próprio relato enquanto trabalhador e os depoimentos de quatro interlocutores, acima de cinquenta anos, começaremos com meu próprio depoimento que terá foco na trajetória operária da minha família. Fotos e lembranças que me ajudaram a pensar no que mudou nestas últimas décadas e o que ao meu entender apenas mudou de aparência para permanecer o mesmo.

Amanda, uma colega colombiana que narrou com uma sensibilidade ímpar sua trajetória e nos instiga a pensar para além da academia procurando nos feminismos (no plural) nascidos nos países de América Latina possíveis respostas, sempre parciais sobre a condição de ama de casa, mãe, esposa e trabalhadora.

Na sequência dois depoimentos, um de João, um brasileiro que após correr por vários países deste mundo tão grande e tão pequeno ao mesmo tempo, procurando na religião respostas a perguntas para outros mundos se depara hoje com outro tipo de virtualidade muito diferente daquela da fé e outro de Luis, que em seu Portugal querido conseguiu estruturar uma carreira de sucesso dentro de uma multinacional do segmento de produtos tecnológicos e que por essas coisas da vida teve de começar novamente no Brasil e para quem a vida laboral estruturada por projetos cai como uma luva.

O relato de Marcelo ficou para o final, pois considero que como cubano que iniciou sua vida laboral quando o sistema socialista na Europa começava seu declínio e como testemunha de primeira mão do ingresso da informática nas empresas cubanas é um resumo de muitas dessas mudanças que nos levaram a iniciar esta pesquisa.

Para finalizar, trazemos alguns tópicos e autores que escrevendo sobre o tempo e o espaço de maneira relacional nos ajudaram a organizar as perguntas que norteiam nossas muitas dúvidas e alguma certeza. Damos um enfoque especial ao tipo de trabalho por projetos que consideramos extremamente apropriado para o ambiente ora pesquisado.

2.1 Um depoimento pessoal: reminiscências de uma família de trabalhadores.

A partir de um olhar relacional para a trajetória de trabalho familiar, inicio propositalmente meu relato lembrando do meu avô. Ficou claro para mim neste exercício de escrita, a intencionalidade, os motivos, as frustrações e as alegrias que me levaram a definir por esse caminho e não outro o que sou hoje enquanto trabalhador, usar esses momentos e esses detalhes e não outros.

Brevemente retomarei minha ascendência ao tempo que faço uma pequena homenagem a homens e mulheres que foram importantes para mim e cujos nomes não fazem parte, até onde conheço, em nenhuma obra sobre a história do movimento operário.

Meu avô paterno se chamava Guillermo Llanes e trabalhou por quase quarenta anos no Frigorífico Swift no Bairro Cerro, em *Montevideo*. O período entre as duas guerras mundiais foi de pleno emprego nos vários frigoríficos que se instalaram no Uruguai. Nos bairros Casabó e Cerro, em *Montevideo*, estavam localizados três dos maiores produtores de *corned beef*, principal produto de exportação para alimentar os soldados no front na segunda guerra mundial e posteriormente na guerra da Coréia: os frigoríficos Swift⁶, Artigas e Nacional. Até hoje, esses bairros guardam o perfil operário, agora sem o brilho daqueles tempos de pleno emprego, em que o sindicato da carne era o mais forte do *Uruguay* e o trabalho em três turnos é lembrado como um período de “*vacas gordas*”.

De meu avô herdei meus primeiros livros, a maioria eram romances clássicos da literatura universal. Um livro que sempre chamou minha atenção era de eletrônica, da década de 1940 e parecia destoar com seu conteúdo eminentemente técnico naquele mini acervo literário. Junto com aquele livro de eletrônica ganhei um ferro de solda que perdi em alguma das minhas várias mudanças de endereço. Meu avô tinha feito na segunda metade da década de 1940 um curso de eletrônica por correspondência. Os aparelhos de rádio eram, na época, muito caros para os trabalhadores assalariados e ele se orgulhava do fato de ter construído seu próprio aparelho receptor. A escola de eletrônica tinha sua sede em Buenos Aires e após receber pelos correios o livro e o material didático complementar, ele estudava em casa e posteriormente enviava para a escola, também pelos correios, as provas parciais. Nesse rádio que não cheguei a conhecer, minha avó Ana escutava as radionovelas, mas meu avô confessava que seu sonho, quando começou a imaginar a possibilidade de construir aquele

⁶ Swift foi fundada nos Estados Unidos da América em 1855 para comercializar num primeiro momento cortes diferenciados de carne. No sul da América do sul teve operações na Argentina desde 1907, em 1911 instalou-se em Montevideo e em 1917 na cidade de Rio Grande no sul de Brasil. Conforme o sítio web Mundo das marcas (<http://mundodasmarcas.blogspot.com/2013/04/swift.html>, consultado em 13 de dezembro de 2018). Quando faleceu seu fundador Gustavus Swift em 1903 o faturamento bruto da empresa rondava os 400 milhões de dólares e tinha 23.000 empregados nas diferentes plantas nos EUA

aparelho, sonho não explicitado à época, era poder escutar em sua casa, em seu próprio rádio os jogos da copa do mundo de futebol em 1950. Grande era sua satisfação em contar, uma e outra vez como ele, a família e os vizinhos se emocionaram com as façanhas de Obdulio Varela, Alcides Giggia e companhia que chegavam através das ondas no “éter”.

Meu pai, Edison Llanes trabalhou por quarenta e cinco anos até aposentar-se na que foi uma das primeiras fábricas de material elétrico do *Uruguay*. Começou como aprendiz e ao aposentar-se era supervisor do depósito. A carreira desenvolvida assim como o crescimento profissional que teve ao longo dos anos era para ele um motivo íntimo de orgulho. Morou no bairro Cerro até casar-se e sempre conseguia me surpreender com o conhecimento que tinha sobre seu antigo bairro e das pessoas que nele moravam. Quando conhecia uma pessoa do Cerro perguntava o sobrenome e qual era a rua em que morava. A seguir perguntava, “não conheces a fulano, é teu parente?”, o fulano era identificado por um nome seguido do sobrenome que o interlocutor previamente informara. E geralmente acertava na mosca. O interlocutor confirmava o grau de parentesco com a pessoa que meu pai lembrava. Esse era o orgulho da maioria dos antigos moradores do Cerro. Conheciam “todo mundo”.

Na fábrica meu pai conheceu a quem seria sua esposa e minha mãe, Irene Calixto. Minha mãe trabalhou por quinze anos até nascer meu irmão menor, Álvaro e depois se dedicou aos afazeres da casa e a cuidar de mim e do meu irmão. Trocou uma jornada remunerada de oito horas diárias, quarenta horas semanais por um trabalho não remunerado sem hora para começar nem para finalizar. Ainda hoje minha mãe lembra os anos de duro trabalho na fábrica como anos bons. O trabalho lhe permitiu sair da chácara em que seus pais moravam e trabalhavam. Foram anos de conhecer amigas e de ter uma vida social bastante ativa e algumas dessas amizades foram preservadas por décadas. Minha madrinha, por exemplo, foi sua colega de trabalho e a relação de amigas e comadres foi alimentada até o falecimento de minha madrinha há alguns anos.

O trabalho do meu pai na fábrica e a administração em parceria com minha mãe permitiu-lhes adquirir o apartamento em que moraram por quase cinquenta anos e criar dois filhos. Eu próprio e duas primas, fomos os primeiros da família a aceder à universidade.

Eu, por minha vez, trabalhei em *Montevideo* quase dez anos na Companhia Salus, fabricante da cerveja Patricia e da água mineral Salus, marcas centenárias. Deixei a Salus quando me mudei para Porto Alegre. Um pouco devido à minha condição de imigrante e talvez outro pouco como reflexo dos tempos, nos pouco mais de vinte anos que tenho em Porto Alegre, entre empregos formais e informais somados aos empreendimentos que comecei “do zero” somam mais dos que gostaria de lembrar. Posso dizer que estes empregos

majoritariamente giravam em torno da informática e da tecnologia, segmento com o que tenho relativa familiaridade há aproximadamente vinte anos. Sempre gostei mais de atividades técnicas ou de administração, que foi minha primeira formação, mas as oportunidades que surgiram ao me mudar para Porto Alegre giravam em torno da área comercial. Confesso que não gostava muito de vender “soluções” que o cliente nem sempre precisava, mas com a pressão das metas pairando mais cedo ou mais tarde é possível achar uma resposta racional que justifique a insistência.

Da minha época de Salus lembro com carinho muitos colegas e amigos. Manuel Faulord, meu tio, que me levou a trabalhar lá e sem dúvidas era em vida um dos depositários da história e dos causos da empresa recompilados como testemunha presencial por quase cinco décadas. Guillermo Castro, Gandário, Richard, Ruben... Alguns deles viveram o período em que a distribuição de bebidas era feita em carroças puxadas por cavalos e que no lugar das garagens para os caminhões havia estábulos para os animais. Quem trabalhava na Salus dificilmente bebia cerveja Pilsen ou Norteña, fabricadas por “concorrentes”. Quando nos reuníamos no sindicato da bebida, FOEB (Federação dos Obreros y Empleados de la Bebida) estávamos juntos com os trabalhadores das outras cervejarias e nas ocasiões festivas, geralmente, sempre que possível cada um tinha por costume beber a cerveja de “sua fábrica”. Alguns destes colegas se aposentaram com mais de quarenta anos de empresa. Não sei como definir o que senti quando li recentemente a notícia de que Ambev⁷, uma empresa multinacional brasileira do segmento das bebidas, comprou as três fábricas de cerveja que existiam no *Uruguay*, fechou a fábrica da Patrícia no interior do *Uruguay*, em Minas e passou a engarrafar a centenária cerveja na fábrica da Pilsen, sua eterna concorrente.

⁷ A Companhia de Bebidas das Américas AmBev ou ainda Ambev é uma empresa multinacional de origem brasileira que se dedica à produção de cerveja. A aquisição de cervejarias tradicionais ao redor do mundo tem sido a principal estratégia de crescimento.



Figura 5: Foto do meu pai Edison e seus colegas de trabalho em uma comemoração formal
Fonte: Acervo particular

Os avanços tecnológicos e seus desafios não são invenções deste início de século, meu avô já lidava com eletrônica e cursos EAD (Ensino A Distância) há quase oitenta anos, naquela época esses cursos eram conhecidos como “cursos por correspondência” e curiosamente a ênfase dava-se na forma em como o curso era oferecido: por correspondência, por carta. Hoje, nos cursos EAD, no ensino a distância, a ênfase dá-se na separação, na distância que separa o aluno do professor, ainda que o curso esteja disponível na maioria dos casos as vinte e quatro horas do dia, os sete dias da semana e que a “distância” com o curso seja a que separa a ponta dos dedos do aluno do teclado e do *mouse*.

Claro, mudaram a velocidade na disseminação das novas tecnologias e fundamentalmente o acesso e uso de técnicas eficientes, hoje mais restritas à grande indústria. Ainda hoje é possível desenvolver e montar artesanalmente dispositivos eletrônicos simples, assim como meu avô o fez. Desenhando as placas de circuito impresso, fazendo os furos na pcb (abreviação de *printed circuit board*, em português placa de circuito impresso) e soldando os componentes. Nesta modalidade artesanal, no entanto, resulta impossível a

manipulação de microcomponentes ou a utilização de técnicas de solda em *boards multilayers*, que permitem depositar várias camadas de microcomponentes na mesma placa e que são hoje o *core* dos diversos equipamentos eletroeletrônicos com os que convivemos. Mudou também em termos de volume e velocidade o acesso à informação. Hoje em dia, no entanto, com a facilidade e a fartura de informação disponível, dificilmente alguém se disporia a construir seu aparelho de rádio ou sua TV. Dificilmente poderíamos construir um aparelho de TV 4K hoje em casa.

Meu pai, assim como a maioria de seus contemporâneos desenvolveram suas trajetórias laborais sob o modelo fordista de trabalho que prezava pelas relações de longo prazo negociadas entre trabalhadores e os donos dos meios de produção. O benefício para o patrão neste modelo era a possibilidade de desenvolver as habilidades necessárias nos trabalhadores para sustentar a estrutura vertical das empresas que demandava o domínio de certos conhecimentos específicos. Os trabalhadores, nesse modelo esperavam desenvolver uma carreira na empresa. Era possível esperar que o acúmulo de conhecimento transformado em experiência adquirida no transcurso dos anos permitisse traçar planos de longo prazo, planos que transcenderiam o âmbito da empresa e se transformariam em projetos de vida.

Os trabalhadores em termos gerais começavam a procurar emprego com uma certa idade, sabiam que teriam que trabalhar uma dada quantidade de anos até aposentar-se e era com esses recursos que contariam para subsistir e eventualmente adquirir bens. Estamos cientes da simplificação que esta afirmação carrega. Muitas vezes percalços no caminho alteravam os planos, mas era isso o que podia se esperar. O modelo fordista sustentado no taylorismo, não eram a panaceia para a classe trabalhadora e Charles Chaplin retratou as implicações para os trabalhadores da submissão a condições de trabalho nesses moldes em *Tempos Modernos*, filme de 1936. De uma maneira simplificada, podemos afirmar que a proximidade dos trabalhadores e as relações que perduravam no tempo reforçavam os laços e o fortalecimento da estrutura sindical.

Outro aspecto importante a ressaltar é o vínculo com o local, com o espaço. O conhecimento que meu pai, assim como a maioria dos moradores do bairro “Cerro” tinham dos vizinhos, eu não tenho hoje sobre as pessoas que moram no meu prédio com pouco mais de dez apartamentos. Em termos gerais, para a maioria dos trabalhadores a moradia e o local de trabalho coincidiam na mesma cidade ou no limite estavam em cidades vizinhas. Não faria

sentido, para a maioria dos trabalhadores se o horário de um encontro era GTM ou UTC⁸, essa informação, no entanto resulta crucial hoje se a reunião envolve pessoas de diferentes localidades geográficas espalhadas pelo mundo, situação, aliás, que faz parte do dia a dia de muitos trabalhadores.

Não podemos ignorar e muito menos romantizar o fato de que em casos como o da minha mãe o acesso ao mundo fabril e do trabalho remunerado lhe permitiu a oportunidade de desvincular-se do trabalho na chácara dos pais e que não lhe gerava prazer. Na fábrica pôde conhecer a pessoa com quem se casaria alguns anos mais tarde para formar uma família e amizades que, em alguns casos, ainda hoje cultiva. Lembranças voltaram de forma viva ao revirmos as fotografias que estavam guardadas em caixas há muito tempo e as despedidas de solteira ou os aniversários na “Vascongada”, tradicional local de reuniões no centro de *Montevideo*, frente à *Plaza Del Entrevero* se tornaram presente na tentativa de identificar aqueles rostos jovens em tons de cinza apagados pelo tempo e em alguns casos, os nomes eram relacionados a breves histórias e anedotas.



Figura 6: Despedida de solteira de minha mãe na Vascongada
Fonte: Acervo particular

⁸ O Tempo Universal Coordenado, em inglês Universal Time Coordinated (UTC) é o sucessor do Tempo Médio de Greenwich, em inglês Greenwich Mean Time (GMT). A nova denominação foi definida para substituir a referência a uma localização específica no padrão internacional e referenciar a medida do tempo nos padrões atômicos, mais do que nos celestes. Em todo caso, ambos modelos servem para criar um padrão de tempo mundial e que pessoas localizadas em diferentes “fusos horários” consigam negociar um tempo comum.



Figura 7: Ação solidária com os colegas do projeto entregando agasalhos a um grupo de imigrantes no CIBAI – Centro Ítalo Brasileiro de Assistência e Instrução às Migrações (julho de 2016)
Fonte: Equipe Cibai

2.2 Amanda: É difícil separar o trabalho da vida.

Com Amanda trabalhamos na mesma empresa há aproximadamente cinco anos. Fomos contratados no mesmo ano, mas somente nos conhecemos um bom tempo depois. A estrutura de trabalho por projetos e o número crescente de funcionários dificulta a possibilidade de um contato mais próximo com a maioria dos colegas. O grupo mais próximo está composto geralmente pelos colegas “do projeto” que se dedicam a atender a demanda de um cliente específico. É nesse grupo que se dão as relações mais estreitas. A possibilidade de troca de projeto faz com que alguns colegas passem a trabalhar para outro cliente aumentando assim a rede de “colegas”. Existe na empresa um local para as refeições com geladeira, micro-ondas e a máquina de café. O tempo para o cafezinho acaba sendo um ponto de encontro que possibilita uma série de diálogos curtos com colegas do projeto, antigos colegas que agora trabalham em outros projetos ou ainda colegas que se identificam pela

nacionalidade. *De donde eres? De que ciudad, de que barrio?* São perguntas comuns nessas horas.

Amanda é colombiana e beira os cinquenta anos. De estatura média, cabelo curto e óculos com um *design* elegantemente arrojado que lhe dão um ar de jovialidade, cumprimenta a maioria das pessoas que entram na cozinha. Mora no Brasil há quase vinte anos e seus filhos, que chegaram pequenos se criaram aqui e se identificam com o país. Por mais de dez anos dedicou-se a dar aulas de espanhol em São Leopoldo e Porto Alegre em escolas de idiomas da região.

Ainda na Colômbia, começou cedo a trabalhar como secretária. Os requisitos na época eram ter curso de datilografia e taquigrafia. Os computadores eram poucos e de uso restrito para funções específicas. Geralmente eram operados por pessoal especializado que na época despontava como uma espécie de elite trabalhadora. O telefone e a máquina de escrever eram as ferramentas de uso diário. Em função da perícia na digitação e do prestígio do “*jefe*” era possível aceder a uma máquina de escrever elétrica que permitia pequenas edições antes de passar ao papel o que já era um grande avanço.

Ao falar sobre o telefone, com um sorriso de cumplicidade por estar falando com alguém que saberia do que estava falando (no caso, eu mesmo) disse, acompanhando com um gesto com a mão e o dedo:

- Eram aqueles de colocar o dedo no buraquinho do número de girar a rodinha, sabes?

Ao nascerem os filhos, ela ficou alguns anos sem trabalhar e ao tentar após esse período uma nova colocação achou com relativa facilidade trabalho na mesma área como secretária. Os requisitos continuavam os mesmos, datilografia e taquigrafia. A máquina de escrever e o telefone partilhavam o espaço agora com algumas novas ferramentas como o fax e as primeiras gerações de telefones celulares. Os computadores pessoais ainda eram pouco comuns, mas já estavam entrando sorrateiramente nos escritórios.

Amanda lembra que a empresa para a qual ela trabalhava na época, era um fabricante multinacional de eletroeletrônicos e a quantidade de produtos oferecidos era reduzida se comparada com a oferta que se encontra hoje em qualquer loja do ramo.

Mudaram-se com a família para Costa Rica e lá sentiu pela primeira vez o que significa a dificuldade para arranjar emprego. Não conseguiu trabalho como secretária e teve que vender *hot dogs* na praça de alimentação de um shopping. Foi uma experiência nova, diferente e ela afirma que gostou. O shopping era muito bonito e a vida na Costa Rica era

agradável, tinha, no entanto o problema da escassez de emprego e foi nesse momento que apareceu a possibilidade de mudar-se novamente com a família toda para o Brasil.

Ao chegar ao Brasil, com os filhos ainda pequenos teve que enfrentar novamente o desafio de arranjar emprego e a possibilidade veio como professora de espanhol. Lembra desse momento como um desafio enorme, pois ela se achava muito tímida na época.

– Ainda me acho tímida- acrescenta após uma breve pausa, mas naqueles tempos era pior.

Foi nesse momento que começou a usar a internet para pesquisa com a intenção de formar-se e informar-se por necessidades de trabalho e no início era apenas pesquisa, não criava documentos usando algum editor de textos nem preparava apresentações.

Em uma das escolas de idiomas trabalhou por doze anos e foi ali que conheceu outra colombiana que por sua vez trabalhava na empresa de tecnologia em que hoje trabalhamos. Esta colombiana lhe apresentou vários amigos que também trabalhavam na mesma empresa e num dado momento perguntaram-lhe se não queria tentar uma vaga. O salário era melhor e tinha um pacote inicial de benefícios bem interessante.

Amanda dava risadas sempre que alguém insistia para ela apresentar seu currículo na empresa.

- Vocês estão loucos dizia, eu trabalhando com tecnologia? Eu não entendo nada de computadores e na verdade a informática não me interessa. Isso não é para mim, nunca trabalhei com computadores...

Na verdade, confessa hoje, ela tinha medo e achava impossível adquirir competência para sobreviver nesse mundo de computadores e aplicativos.

Após muita insistência por parte de seus novos amigos *high tech*, postulou-se para uma vaga e dois meses depois começou a trabalhar como analista de suporte técnico. No início achou muito difícil, talvez pela idade... a cabeça de 45 não reage igual a uma de 25. A capacidade de memória e de entendimento diminui, disse e seu rosto ficou mais sério ao lembrar-se daquele período.

- Tudo novo. Te falam “este programa é assim e serve para isto”. A informação só entrava na cabeça e ia se acumulando, mas era como uma bola de neve. Eu não entendia, não conseguia ligar as informações...

- Com o tempo foi ficando um pouco mais claro, lentamente – risos – ia perguntando, ouvindo o que os companheiros falavam quando estavam com um usuário.

- Se estavam fazendo alguma coisa nova me aproximava e prestava atenção. Mas não tem sido fácil, realmente. Ainda hoje estou aprendendo

Continuando, ela afirma que no “projeto” as coisas sempre estão mudando, sempre tem alguma coisa nova, um procedimento, uma regra.

- Há coisas com as que eu lido bem, outras me dão trabalho, mas me sinto satisfeita com meu desempenho e estou feliz. Já não enfrento mais monstros de sete cabeças
- Não era diferente 25 anos atrás. Sempre recebíamos informações e tínhamos que estar atualizados. O que mudou hoje são os meios. É a mesma coisa só que com diferentes instrumentos. Tudo é mais avançado.

Ao falar um pouco mais sobre seu entorno familiar, comenta que ainda morando em Bogotá, na Colômbia com as crianças pequenas, seu companheiro ajudava nas tarefas da casa como cuidar das crianças ou cozinhar. As distâncias eram muito grandes e por esse motivo pouco depois das seis da manhã saíam de casa para deixar as crianças na creche e depois cada um para seu trabalho. Lá pelas sete da noite pegavam as crianças e voltavam para casa para enfrentar banhos, comida, faxina, mas o companheiro nessa época ajudava. Já uma vez no Brasil, com as crianças maiores toda a responsabilidade passou para Amanda que após as aulas de espanhol tinha que cuidar dos filhos e da casa.

- A mulher trabalha mais sim. Sempre vai trabalhar mais disse para encerrar o assunto.

Ao falar sobre as amizades, disse que muitos são do trabalho e mesmo estando em casa parece que ainda está no serviço.

- A gente não se afasta do trabalho. Ainda falando sobre outra coisa, ao falar com eles estás nessa relação. Hoje com os grupos nos aplicativos de mensagens estás no trabalho 24 horas por dia, seja falando de trabalho ou de outras coisas.

Em termos gerais Amanda considera sua atividade laboral como uma boa experiência. Gosta da possibilidade de conhecer pessoas de diferentes países. Em alguns países os usuários são mais frios e formais e esses são os contatos mais difíceis porque ela sempre tenta ser amável e cordial. Sempre existe, no entanto, a possibilidade de estabelecer um vínculo com uma pessoa do outro lado do mundo e chegar a conhecer deles tanto quanto conheces do colega que senta ao teu lado, na mesma sala. “Imagino que estou ao lado dos usuários”.

Mesmo sendo pequeno, o projeto em que Amanda trabalha tem contato com vários países. Na pequena sala que ocupam há pessoas de cinco nacionalidades diferentes, todos eles latino americanos, atendem usuários no Brasil, na Europa e na África. Conta de maneira divertida gesticulando e tentando imitar o sotaque da vez em que foi trabalhar no projeto uma jovem argentina que metade das coisas que falava Amanda tinha que perguntar, como assim? O que significa essa frase?

Acho importante transcrever integralmente a parte final da entrevista, pois traz o resumo que ela própria faz sobre o tema com o qual a provoqueei, que foi falar sobre sua trajetória de trabalho e sobre sua experiência no mundo digital.

Me sinto privilegiada de trabalhar nesta empresa. A gente trabalha, aprende e também se diverte, não sempre se diverte (risos) mas te enriquece como trabalhador e como pessoa. A trabalhar no mundo virtual a gente acostuma. Os jovens nasceram na era digital e nós na era da pedra (mais risos).

A tecnologia é uma coisa maravilhosa, mas também tem nos embrutecido um pouco. Aprendemos muitas coisas e tem outras que já não fazemos nem memorizamos mais, por exemplo, os números de telefone, já ninguém mais se lembra de cabeça. Se teu celular fica sem bateria não podes te comunicar com ninguém porque não sabes o número.

Vês os amigos através do telefone, já não se abraçam, não estão juntos. Ajuda porque conheces e te aproximas das pessoas que estão longe ao tempo que te afasta das que estão perto...

Estás 24 horas por dia no trabalho, ainda que não trabalhes 24 horas. Quando algum colega coloca alguma coisa no aplicativo de mensagens imagino ele sentado em sua mesa, na sala do projeto. O único momento em que nos desconectamos é quando estamos dormindo... sempre e quando desligues o celular.

Falando com Amanda sobre a dificuldade que foi fazer a entrevista com Gabriela, outra colega que trabalha no meu mesmo projeto, a três metros da minha posição porém em outro turno ela me disse já com ares de *expert* sobre minha pesquisa que seja no mundo virtual ou no “real” do tempo, não podemos fugir. Conclusão bela e provocativa.

2.3 João: A salvação está num mundo virtual?

João é o brasileiro mais “francês” que conheço. Sua longa barba e o par de óculos de acetato preto, arredondados lhe dão um cuidadoso ar intelectual. No inverno então, com seu abrigo longo e sua boina francesa que usa levemente de lado, fumando charuto me dá sempre a impressão de estar frente a um filósofo da mais tradicional escola francesa. Ao falar espanhol, no entanto, o sotaque chileno nos induz a pensar que sua nacionalidade é dos Andes, da terra de Pablo Neruda e Gabriela Mistral. Com quatorze anos iniciou-se em Gravataí como seminarista e nos quatorze anos que permaneceu na Igreja Católica passou, além de Gravataí, por Bom Princípio, também no Rio Grande do Sul e depois um período em São Paulo e Goiás. Posteriormente, continuou como seminarista alguns anos em Florença, na Itália onde concluiu seus estudos de Filosofia e começou a estudar Teologia; depois a congregação o enviou para Chile, lugar em que ficou mais tempo para finalmente ir aos Estados Unidos. Um trajeto que perpassa inúmeras fronteiras, algumas delas materiais como as que separam ao tempo que unem os diferentes Estados nação. Brasil, Chile, Itália, Estados Unidos percorridos e vividos por quatorze anos. Outras fronteiras definidas pela fé podem parecer mais sutis, e, portanto fáceis de transpor, mas nem sempre é assim e a trajetória de João nos mostra isso.

Ainda lembra como foi difícil o momento de decidir que não queria seguir a vida religiosa e com vinte e oito anos saiu da Igreja. Uma vez passado esse primeiro momento de

decisão, precisava escolher para onde ir e a opção que se apresentou mais clara foi voltar, agora como laico, para o Chile que era o lugar que mais conhecia. Do Brasil tinha apenas lembranças da infância, pois no seminário as relações com o espaço e com o tempo são outras bem diferentes. E lá, no Chile foi trabalhar num restaurante francês: “*Del altar al bar*” segundo suas palavras. Perguntei por que francês e não italiano, já que ele tinha morado anos na Itália. Foi a oportunidade para ele contar como conheceu no mosteiro de Florença um velho padre francês que era muito respeitado pela sua sabedoria e como nas primeiras tentativas de estabelecer um diálogo a resposta que dele tinha era sempre a mesma, se queria falar com ele, teria que aprender francês. Com o aprendizado da língua e os diálogos com o tal do padre foi adquirindo um interesse e um conhecimento cada vez maior da cultura e principalmente da gastronomia francesa.

- Conhecer de vinhos, queijos, a diferença entre um camembert e um brie, por exemplo, os temperos... Me abriu as portas a outro mundo! – disse João empolgado ao lembrar-se daqueles tempos. Lembra-se dessa fase como de descoberta dos prazeres da gastronomia e justifica filosoficamente:
- Como falava São Francisco de Assis, se pega uma mosca com uma gota de néctar e não com um barril de vinagre – e continua:
- Como vês – disse – trabalhando com a vida espiritual iniciei meu caminho no trabalho virtual há muito tempo.

Acompanhou a frase com um sorriso de cumplicidade. E continuou explicando. Em religião a ideia do mundo virtual é trazer a realidade. Baixar do mundo das ideias ao mundo das experiências sensíveis.

- O trabalho virtual que faço agora é desagradável. Imagina... trabalhar frente ao computador por horas com um *headset* na orelha para atender alguém que tem um problema com o computador do outro lado do mundo...
- Não é por satisfação, mas o dinheiro manda e esse trabalho foi o que o mercado ofereceu ao voltar ao Brasil cinco anos atrás. – continua.

No Chile trabalhou nove anos com gastronomia, em restaurantes e lojas de produtos gastronômicos franceses e italianos. Poder trabalhar com os gostos, com as sensações, ver as pessoas felizes. Era disso que ele gostava. O fato é que ao ficar desempregado no Chile após uma das tantas crises econômicas que temos que padecer ciclicamente na América Latina, teve que voltar para o Brasil e sua mãe na época alugava um quarto para a namorada do coordenador do suporte de TI, em espanhol, de uma empresa que prestava serviços a uma multinacional brasileira do ramo do aço. Disseram-lhe que precisavam mais de conhecimentos para comunicação em espanhol do que propriamente conhecimentos de TI. “Foi uma mudança drástica e dramática” lembra.

Após trabalhar dois anos nessa empresa de TI ficou sabendo que tinha outra empresa na região, multinacional também, que prestava o mesmo tipo de serviços e pagava mais e foi ali que nos conhecemos. Mas ele reafirma que esse tipo de trabalho não é para ele, disse que beirando os cinquenta anos, não lhe interessa ver jovens para os quais o trabalho é quase um jogo e que “para piorar” saem do trabalho e continuam juntos, cada um na sua casa jogando “joguinhos online”.

Voltando ao trabalho nas lojas em que trabalhou no Chile, lembra que ambas tinham sua loja virtual. Claro que é possível comprar pela internet, mas experimentar um bom queijo, um vinho, uma cerveja é muito diferente. Para João o mundo é mais extenso do que imaginamos, na Europa, por exemplo, pode comer apenas um sanduiche, mas pode ser com um bom queijo, um salame maravilhoso e acompanhá-lo com um vinho que lá custa dois euros e aqui custa 60 reais. “O mundo virtual deveria estar à disposição do mundo real” afirma “Hoje tiramos o nariz do computador e o enfiamos no celular”. João entende o mundo virtual como uma gaiola “real” na qual fomos pegos e muitas vezes nem a percebemos.

Continuando com o mesmo raciocínio coloca um exemplo relacionado ao trabalho que realiza hoje no suporte de TI: “Há pessoas trabalhando e se no ‘mundo real’ para uma esteira na linha de produção alguém tem que por a mão em algum sistema do mundo virtual para que o “mundo real” volte a funcionar.” Essa solução virtual, essa aplicação que faz com que a esteira de produção se movimente pode estar “fisicamente” em outra planta a milhares de quilômetros e nem o operador da linha de produção e nem o analista que lhe presta suporte precisam saber exatamente o lugar físico da aplicação desde que esteja corretamente mapeado, ou seja, que a esteira saiba onde procurar a informação necessária para movimentar-se. Muitas vezes as soluções que esse mundo virtual oferece falham e acaba “ferrando” com o mundo real o que pode criar, no limite poluição e morte se falamos de uma mineradora, que é o segmento da empresa a que João presta suporte. Pensemos em tragédias como as de Brumadinho.

Outro trecho que transcrevo na íntegra:

Por outro lado, acabas atendendo muitas vezes às mesmas pessoas e se gera um vínculo com usuários com os que te identificas mais. O lado bom do trabalho é quando consegues solucionar um problema. Tu ficas feliz e deixas alguém feliz e com menos um problema. Só que às vezes não é possível solucionar o problema porque alguém tem que ir até o local e ‘apertar um botão’ e o usuário pode estar a 12 ou 12.000 quilômetros. Os usuários pensam que estamos próximos, mas nem sempre é assim. Creem que podemos solucionar tudo virtualmente, à distância, e nem sempre é assim. Alguns usuários aceitam, entendem, já outros acham que você é um preguiçoso ou que não tem vontade para atendê-los. Eles, os usuários, muitas vezes não sabem que nós não sabemos qual é a solução e que precisamos seguir

algum procedimento para que alguém com mais conhecimento técnico ou específico sobre essa aplicação possa realmente ajudar. Acreditam que quem sabe de informática sabe tudo, de todas as áreas, e isso está bem longe de nossa realidade. Mas o que mais me frustra é que se tu perdes o controle perdes o emprego.

2.4 Luis: A vida profissional como sucessão de projetos.

Luís é português e começou a trabalhar com TI alguns meses após chegar ao Brasil. No dia em que marcamos para fazer a entrevista ele estava completando 53 anos e para comemorarmos, uma cerveja e meia porção de fritas, dividiram a mesa com o gravador.

Como imigrante, tentou algumas alternativas até dar com a empresa em que trabalhamos juntos por dois anos. Iniciando seu relato disse que conheceu a empresa através de uma pesquisa na internet e que o primeiro que lhe chamou a atenção na oportunidade foi o fato de precisar espanhol e inglês fluentes. Fez uma entrevista e estava tudo dado para começar a trabalhar, mas não tinha carteira de trabalho e sua residência definitiva não tinha sido concedida ainda. Por esse motivo não conseguiu o emprego nessa primeira tentativa. Após finalizar a documentação, que para ele foi um processo um pouco mais rápido pelo fato de sua esposa ser brasileira, fez um novo contato e finalmente começou a trabalhar.

Sua primeira frase, ao ligar o gravador foi mais ou menos assim: “Tenho um percurso de trabalho alinhado com o que é a evolução do mercado de trabalho e da tecnologia.” Do relato foram aparecendo informações que tentaremos transcrever respeitando a ordem em que foram aparecendo. Ao começar a trabalhar, lidava com o que de mais avançado tinha no mercado, máquinas datilográficas elétricas e telex, por exemplo. Hoje, ainda estando inserido no mercado de trabalho ele percebe diferenças abissais principalmente do potencial, do que é possível fazer com as ferramentas hoje disponíveis.

O detalhe, para ele, é que o trabalhador para permanecer no mercado tem que acompanhar e conviver com as novas realidades. O trabalhador evolui junto. Seu começo no mundo do trabalho deu-se na Philips, na época um colosso da eletrônica, uma multinacional respeitada e admirada pela qualidade de seus produtos e a aposta permanente pela inovação. Para ele, naquele momento era o topo do topo. Ainda lembra-se da primeira sensação ao deparar-se com um emprego numa empresa daquele porte: susto, medo. “Será que vou conseguir trabalhar com isso?” perguntava.

Luis tem claro, olhando agora em perspectiva, que ele já encontrou um mercado de trabalho em mutação. Ainda que no início falassem para ele que a Philips era uma empresa para trabalhar a vida toda, logo notou que os mais jovens não tinham a aspiração de se

aposentar naquela empresa. Tinha, no entanto, trabalhadores com muitos anos de trabalho que aspiravam se aposentar na Philips sim. Desde seu início na empresa, as coisas começaram a evoluir rapidamente. Estamos falando de metade da década de 1990 e a microinformática e os computadores pessoais começavam a entrar nas empresas e olhando em perspectiva afirma que sua geração teve o privilégio de evoluir do que ele lembra ser um projeto analógico para outro digital.

Para poder permanecer esses anos no mercado laboral foi obrigado, em certo sentido a estar sempre atualizado. Era uma necessidade e adaptar-se às novas realidades, era um requisito para permanecer dentro do mercado de trabalho. “As novidades apareciam na tua frente e não tinhas muita escolha, as abraçavas ou te passavam por cima.” afirma.

Ele reconhece que tudo o que aprendeu para manter-se no mercado de trabalho foi na prática, não teve uma formação específica. O negócio era ir se adaptando às novas realidades, às novas tecnologias e evoluir junto com elas. Mas reconhece também, dando um pulo no tempo, que mesmo adaptado a lidar profissionalmente com tecnologias de ponta, ao confirmarem que seria contratado para trabalhar, já no Brasil, por outra empresa líder no segmento de tecnologia, mas agora de uma área bastante diferente de aquela em que ele trabalhou por tantos anos, a apreensão e o medo fizeram-se presentes mais uma vez. Já trabalhando pôde ver que aquele imaginário de empresa multinacional de TI, que trabalha com serviços inovadores e ferramentas de ponta na verdade não era bem assim. O trabalho que ele devia realizar era bastante repetitivo e havia bastante documentação descrevendo os processos o que na verdade deixava uma margem pequena para trabalho criativo ou de aplicação de grandes conhecimentos de TI.

“O receio de falhar no trabalho é exatamente o mesmo de trinta anos atrás quando lhe apresentaram uma máquina de datilografar”. É o peso da evolução tecnológica que faz com que sempre tenhas medo de falhar e quando te dizem que irás trabalhar num colosso na área de tecnologia isso só piora. “Tá bom, eu vou lá, acredito em mim, sei que consigo fazer, mas sei também que lá vão me pedir algo que não sei fazer.” Assim como na primeira vez, na década dos 90, realmente esse desafio de início confessa que o intimidou. E novamente sentiu, como antes, que mais do que a tecnologia era enfrentar-se com o novo que o intimidava. E continua: “Quando te dizem que vais trabalhar com alguma coisa muito evoluída achas que podes não ter a capacidade”. Mas, após algumas semanas de iniciar com o novo trabalho Luis percebeu que não era tudo isso e que aos poucos conseguiria adaptar-se.

Para ele, o impacto, esse primeiro contato com o mundo tecnológico sempre vai dar algum temor.

Com o tempo a gente vai se adaptando. No seu caso em particular ele afirma que evoluiu junto com a tecnologia e que sempre foi se adaptando a aquilo que era necessário. “Hoje em dia continuo evoluindo e vou querer continuar evoluindo para manter-me no mundo do trabalho. Hoje nós somos obrigados a evoluir, não podemos parar no tempo”. Quero continuar a evoluir, e enfrentar mais receios, mais alguns medos porque isso faz parte do crescimento pessoal e para poder acompanhar o crescimento tecnológico. Hoje ainda enfrento dificuldades com as novas tecnologias. Às vezes entender minha *smart TV* não é fácil (risos), são muitas opções. Mas olhando para trás acredito que fui acompanhando a evolução tecnológica e isso me ajudou a manter-me no mercado de trabalho.

Perguntei a Luis o que tinha sido mais difícil para ele, se atravessar essa fronteira que representava começar a trabalhar em uma empresa de um segmento diferente, ainda que dentro do que podemos entender como tecnológico ou aquela fronteira que implicou em mudar-se de país. Ele tomou um tempo e afirmou que os dois foram desafios. Foram duas opções que se apresentaram e que ele decidiu abraçar para crescer a partir delas. A mudança de país, no entanto, foi para ele mais difícil em termos sentimentais e de ilusão pessoal. Já no Brasil começar a trabalhar numa empresa que era um monstro tecnológico foi mais um receio inicial, foi o fato de não conhecer e foi superado assim que começou a entender como funcionava. Com certeza, sair de Portugal para vir morar no Brasil foi um processo mais lento, mais difícil. Bastante difícil de assimilar. O trabalho é a mesma coisa em qualquer lugar, novas rotinas, novos processos, novos conhecimentos que uma vez que consegue assimilar tudo fica mais tranquilo.

Ele reconhece que tem facilidade para o contato pessoal e que foi essa característica que lhe permitiu trabalhar no passado. Realmente, pensar em trabalhar virtualmente, atendendo pessoas que normalmente não contataria se apresentou como um desafio, o espanhol era nesse contexto um desafio adicional. Tudo foi encarado como mais um desafio a vencer. Basicamente isso. Mas realmente o medo inicial era mais com a tecnologia do que com o contato com as pessoas.

O que lhe enche de orgulho, no entanto, olhando em perspectiva, é a evolução que teve dentro da Philips, lá em Portugal. Conta que entrou na empresa como empregado de armazém e quatorze anos depois saiu de lá como diretor de divisão. Todo um percurso, uma evolução pessoal, um esforço e confiança que na instância final estava pronto para ser

presidente da Philips em Portugal. Luis reconhece que a Philips foi um marco em termos profissionais e que a empresa e aquele período foram os que deixaram nele a marca mais profunda pela perspectiva de carreira e ascensão.

Continuando, afirma que desde sempre, em todos os projetos que abraçou esteve disposto a seguir adiante, a progredir. Mesmo quando prestava suporte técnico de TI, quando nos conhecemos, de continuar na empresa ele teria tentado progredir. “Não ia ficar muito tempo naquela função lá” Isso é uma característica minha, eu não gosto de ficar parado onde estou. Sempre procuro novas oportunidades. Tento estar sempre bem e procurando novas oportunidades. “Meu sonho seria evoluir no que estou a fazer agora, com minha empresa e continuar a crescer no meu país“. O melhor dos mundos lhe permitiria conciliar a atividade profissional com aquele lugar que o acolhe, aquele lugar que ele gosta muito e que o faz sentir bem, que é Portugal. Juntar o útil ao agradável.

Quando já estávamos encerrando a entrevista eu lhe disse que caso tivesse mais alguma coisa para perguntar lhe passaria uma mensagem pelo *WhatsApp* e ele podia me enviar uma mensagem de áudio. Ele rindo disse:

Lembrei agora que quando entrei a trabalhar com suporte não tinha um *smartphone*. Quando cheguei lá, vi aquele bando de jovens com telefones de última geração. Telefones top (mais risos) e me senti mesmo a última carruagem do trem. Na época estava começando o *Whats* e para mim era chinês. A gurizada falando e eu pensando, bahh... estou um passo atrás. Foi um ponto alto ter meu primeiro *smartphone*. Lembro que cheguei e mostrei para a turma. Hoje em dia é uma ferramenta de trabalho da qual não abro mão.

E lembramos nesse momento daquela turma muito ligada, falando em aplicativos, em jogos e tudo aquilo era chinês. Eu contei que minha situação ao iniciar não era muito diferente. Eu tinha na época um *smartphone* que herdei de minha filha quando compramos um novo para ela. E que também pensei ao entrar que a turma iria falar, “coitado, já meio coroa e com esse celular.” Lembranças compartilhadas que voltam ao serem instigadas pelo relato de Luis, um grande colega com quem partilhamos além de cerveja e batatas fritas algumas experiências e memórias de tempos de trabalho e de vida.

2.5 Marcelo: Um resumo de dois mundos *made in* Caribe

Marcelo é um colega de trabalho cubano com quem compartilhamos eventualmente algum churrasco e frequentemente conversas nos intervalos do serviço sempre que a rotina do trabalho à noite nos coloca no mesmo horário na cozinha. Nesses momentos aproveitamos para tomar um café e ter um daqueles diálogos curtos, porém sempre animados. Do grupo dos

“cinquentões”, de cabelo grisalho, óculos pequenos e diálogo fácil. Bom de viola e com voz afinada para o canto, acompanha sempre nossas reuniões fora da empresa com seu vasto repertório de música latino americana.

Escolhi propositalmente deixar seu relato por último, pois sua experiência inicial no mundo do trabalho se deu em Cuba na década dos 80, com a União Soviética desmoronando e o apoio que dela a ilha recebia encolhendo muito rapidamente até tornar-se inexpressivo para a população. Seu pai lutou na época da revolução e hoje com oitenta anos continua convicto dos logros e dos avanços que a revolução trouxe para o povo mais humilde de Cuba. Marcelo, nosso interlocutor acredita nos preceitos de justiça social, mas suas divergências com o “sistema” e as novas elites que dele surgiram fizeram com que saísse da ilha à procura de novas e melhores oportunidades. Segundo sua própria definição, mesmo longe de Cuba e da sua origem campesina, continua sendo um *guajiro*⁹ que não fica a vontade nas grandes cidades. “*Ni mucho ni muy poco, por eso São Leopoldo está bien para mi*” afirma sorrindo.

Trabalhando no segmento do turismo pôde conferir o ingresso da informática a nível comercial em Cuba e seu depoimento, além de riquíssimo em detalhes e anedotas, das quais algumas ficaram de fora apenas por uma questão de espaço, é um ótimo resumo do que tentamos mostrar neste trabalho sobre a categoria trabalho. Cuba naquela época, achou no turismo uma fonte de ingresso de renda em dólares e assim fazer frente à diminuição de receitas que se dava em consequência da crise no mundo socialista e Espanha foi nesse contexto um parceiro estratégico.

Sua área de trabalho sempre foi o turismo. Teve outros trabalhos esporádicos, pois trabalha, como muitos, desde que tinha quatorze anos mesmo isso sendo proibido em Cuba. Seu primeiro emprego foi como professor. Ele não tinha formação para tal, mas em função da falta de professores, quem tinha completado o nono ano, sendo aprovado numa prova, passava por um breve curso de pedagogia e de metodologia para aula. Para quem completava o 12º grau valia a mesma regra.

Após o serviço militar, fez o curso de turismo bem no período em que estavam começando a aparecer os primeiros computadores e os sistemas na área de hotelaria. Ele estudava em um hotel-escola com 144 quartos e sua tarefa era atender na recepção. De início não existiam computadores nem sistemas de reserva nem de telefonia digital tal como a conhecemos hoje.

⁹ Em Cuba são conhecidos por guajiros os camponeses

2.5.1. A rotina de formulários e controles manuais

Em seu relato fez uma pausa e disse “Vamos começar pelo telefone, eram aquelas centrais comutadas em que a telefonista ao receber uma chamada, a pessoa informava com quem queria falar, assim ela plugava um fio manualmente no telefone de destino completando a ligação. Isso funcionava para ligações entre os quartos e também entre os departamentos do hotel, se da recepção precisávamos falar com a contabilidade era o mesmo sistema”.

Segundo Marcelo detalha, existia um quarto enorme para a central de telefonia e podia ter até três telefonistas para atender, naquele caso, 144 habitações. Hoje uma telefonista faria tranquilamente todo o trabalho com uma central digital, até porque muitas das ligações são diretas. No balcão da recepção não tinha computador, tinha uma “*caja registradora*”, daquelas bem antigas, que ainda hoje tu vêes em Cuba. Digitavas o valor, giravas a manivela e a gaveta se abria. Tudo automático (risos).

As reservas se recebiam por telefone e se registravam em um formulário padrão, o sistema de *booking* era manual. Fazia-se o cartão do hóspede, o cartão da reserva e existia uma espécie de *rack* que ficava de frente para o recepcionista que tinha pequenos quadrinhos com o número de cada quarto e se colocava no quadrinho correspondente ao quarto um papel pequeno com os dados da reserva, data de entrada e de saída. Em cada quadrinho do *rack* tinha a opção de marcar se o quarto estava vazio limpo, vazio a limpar e quando estava indicado como ocupado, o papelzinho estava visível e nesse caso era possível marcar, também, a opção para indicar se o quarto já tinha sido arrumado ou não. Claro que as informações a maioria das vezes estavam errada (risos) e era preciso ligar para o quarto para saber se já tinha sido arrumado. Para descobrir o dia de saída do hóspede o papelzinho se dobrava ao meio a noite anterior, assim o recepcionista sabia que no dia seguinte o hóspede deixaria o hotel. A correria começava na hora de checar o consumo, pois não havia comunicação com o restaurante ou o bar, e era preciso ligar para checar se não tinha nenhum consumo de última hora, que ainda não estava registrado no cartão do hóspede. Os consumos dos dias anteriores era possível checar nas comandas e fazer as contas na hora. Além do sistema de comandas era preciso ter em dia o controle dos dados pessoais do cliente, pois a segurança sempre foi coisa séria para o Estado.

As chaves dos quartos eram enormes e tinham apenas uma cópia, caso uma chave se perdesse era um caos, era preciso sair para procurar um chaveiro, mas é importante dizer que as coisas se cuidavam muito, muito mais do que agora, agora tudo é descartável, antes se cuidava e se consertava se tinha conserto. Os departamentos tinham calculadoras, os de maior *status* tinham calculadora eletrônica (mais risos). Tudo era “*a punta de lapis*” tudo nos formulários correspondentes, dezenas de formulários, cada um com o modelo próprio.

2.5.2. Antes do computador tudo se fazia “a punta de lapis”

Marcelo lembra que quando chegou o primeiro computador no hotel ele ainda era estudante e claro, “o monstro” foi para a recepção. Ali mudou tudo. Faziam-se fechamentos diários, a contabilidade, tudo por ali, todos vinham na recepção. “Não me perguntes por que

estava na recepção, acredito que para mostrar para os hóspedes” disse Marcelo (mais risos). Aos poucos os outros departamentos foram se informatizando e nesse meio tempo os formulários e os computadores trabalhavam juntos, ou melhor, um contra o outro, pois tinha muitos trabalhadores que resistiram ao ingresso do computador e achavam melhor os registros manuais. O sistema que instalaram no computador era o Sistema CAD Hotel, o cunhado de Marcelo, por um acaso estava na equipe que instalou esse primeiro sistema. Quando conseguiram instalar o sistema em rede em todos os departamentos foi maravilhoso.

Tu já sabias se o cliente tinha consumido alguma coisa no bar e não tinhas que sair procurando informações ou fazendo os cálculos na *‘a punta de lapis’*”. Era um sistema muito rudimentar se comparado com o que vi pouco depois nas redes hoteleiras em que trabalhei em Cuba, mas na época, para nós já era fantástico. Departamentos mais sofisticados, como contabilidade ainda tinham máquinas de escrever para os formulários de reportes que iam “para cima”. Nem tudo foram flores. Como foi dos primeiros sistemas de hotelaria instalado em Cuba tinha muitos problemas, não funcionava, travava e tinha que reiniciar o sistema e para piorar, nós, usuários, não sabíamos nada de informática, só sabíamos que apertando essa tecla dava tal informação. Por isso acho que muitas pessoas não gostavam do tal do computador, depois que acostumam a trabalhar *‘a punta de lapis’* não queres fazer diferente. Ao princípio eu mesmo fazia meu caixa *‘a punta de lapis’* e conferia com o computador. Fiz isso por bastante tempo.

Marcelo lembra que seu pai passou por uma experiência similar, ele trabalhava na época em Cubanacan, uma empresa de turismo que ainda existe, quando chegou a informatização, mesmo sendo um contabilista muito eficiente, que trabalhava *‘super limpio’* “Os numerinhos um embaixo de outro, perfeitamente alinhados, com uma caligrafia impecável, ele não cedeu, e foi embora” disse Marcelo. Ficou trabalhando muito tempo para empresas que não tinham possibilidade de se informatizar e pediam para ele arrumar a contabilidade. Arrumar era em muitos casos, ao mesmo tempo acertar as contas e fazer do jeito limpo, esteticamente impecável, que era seu estilo. Tinha muitas pessoas que não queriam ceder à tecnologia.

Falando com Marcelo ele me disse que a resistência não era apenas medo do computador. Em casos como o do seu pai, era também uma revolta com a impessoalidade do trabalho. Esse esforço, o trabalho bem feito, a responsabilidade e o compromisso que estavam implícitos nesse trabalho “bruto”, no computador não é visto. O trabalho de um contabilista medíocre que só digita no computador tem o mesmo valor e resulta impossível de diferenciá-lo do trabalho do pai do Marcelo, *don* Martin, por exemplo. Sim, hoje tudo é mais fácil, mas qual é o custo desse trabalho anônimo que resulta do computador para o trabalhador? “Seguramente terá pessoas que não entendam, ao ouvir esta história do que estou falando e preferiram o trabalho anônimo ao esforço de deixar sua assinatura, que alguém diga com

respeito ao ver um trabalho de contabilidade, olha, esse trabalho contábil foi *don* Martin que fez, olha esses números!” finaliza Marcelo.

E Marcelo continua o relato, ele tem certeza de que a tecnologia veio para ajudar muito. Antes, se havia alguma divergência na conta, um cliente não reconhecia um consumo, por exemplo, sempre ficava a dúvida sobre o formulário para colocar essa perda, hoje já tem as contas configuradas no sistema e pronto, é um segundo. Depois se delimitariam as responsabilidades, mas já estava no sistema, não estava no formulário que ninguém sabia como tratar.

Ter tudo em papel era um caos, num país como Cuba, que tem ciclones, o risco de perder muita informação numa tormenta é grande e real. Os “registros” do curso de turismo, por exemplo, tudo estava literalmente em papel, veio um ciclone e perdeu-se tudo. Para obter uma cópia Marcelo precisou mexer céu e terra, pedir à família e só conseguiu no final de um longo processo. Obteve uma certidão dizendo que finalizou o curso, mas o diploma ou o registro escolar não pode ter novamente. Estamos falando de 2006.

2.5.3. De Cuba para o Brasil, um guajiro na cidade.

Em 2006 mudou-se para Brasil e o câmbio foi muito grande. Ele já conhecia uma realidade fora do sistema cubano porque durante o serviço militar esteve em Angola, mas naquela época era em um contexto de guerra, mas mesmo assim serviu para ele conhecer quase todo o país. Luanda, por exemplo, era uma cidade muito linda, de primeiro mundo, suja, mas muito linda. Como militar não conseguia aceder a muitos lugares, mas foi lá que pela primeira vez também viu uma desigualdade tão grande e escancarada. Era uma cidade muito contraditória, tinha a riqueza ao lado da miséria. Viu isso depois no Brasil, mas naquele momento lhe chamou muito a atenção. “Não conheço Rio, mas imagino as mesmas contradições de bairros de luxo e favelas ao lado. Lá em Angola foi a primeira vez que conheci um lugar, em Luanda mais precisamente, em que essas duas realidades se fundem e tu te perguntas, onde estou? Como bom guajiro, aquela visão me chocou muito”.

Na narrativa de Marcelo o trabalho se funde com a família e os amigos e resulta impossível não trazer anedotas pontuais que ele conta entre risadas e momentos de meditação mais séria.

Quando cheguei a Porto Alegre minha cunhada estava me aguardando no aeroporto e fomos de trem para São Leopoldo, e como ela também é cubana e sabe da nossa realidade, ao vermos que um trem estava saindo quando chegamos na estação me disse que o próximo só Deus sabia quando passaria e dava risadas. Mas eu não

achei graça em perder o trem e cinco minutos depois chegou o seguinte e eu simplesmente não acreditei.

Pior do que a chegada em Porto Alegre foi a chegada em São Paulo, que foi a entrada no Brasil. Chegou no aeroporto internacional de Guarulhos e teve que usar o ônibus que liga Guarulhos ao aeroporto de Congonhas para pegar o voo até Porto Alegre. Lembra que ver tanto prédio, tanta construção e nenhuma área aberta lhe causou um desconforto que beirou o vômito, segundo suas palavras. Tamanha era a diferença com a Cuba que tinha ficado para trás e da qual já desde aquele momento começou a sentir saudades. Ele acredita que apesar das críticas, o transporte público na grande Porto Alegre é muito bom, mesmo com suas limitações, aqui funciona. Para ele em Cuba falta realmente muita coisa básica e não sabe se acredita a culpa ao embargo ou ao bloqueio ou aos dois, mas as pessoas passam necessidades afirma, não importa de quem é a culpa.

O primeiro trabalho no Brasil foi lavando pratos num restaurante só nos finais de semana, e nem era sempre. Tinha que ir e ficar a disposição, se tinha trabalho ganhava o dia, se não voltava para casa. Conseguiu depois trabalho na praia de Garopaba, em Santa Catarina no verão. O restaurante era de um gaúcho que tinha outro restaurante em São Leopoldo e foi seu primeiro emprego mais estável. Ficou três anos nesses restaurantes, no verão em Garopaba nos outros meses trabalhava em São Leopoldo.

Após tudo esse tempo (mais de três anos) tentando obter o visto de residência permanente no Brasil em Porto Alegre ficou sabendo que no norte, em Roraima, poderia ser mais fácil e lá foram ele e sua esposa. O pastor de uma igreja lhe ofereceu um quarto para poder dormir e era o que tinha quando chegou a Boa Vista, mais uma vez enfrentar o novo, pois era muito diferente de tudo o que tinha visto no Rio Grande do Sul. Ainda lembra que não gostou de lá desde o início e esse sentimento não mudou em todo o período que lá morou. Realmente obter o visto lá foi mais fácil e nesse tempo ele começou a dar aulas de espanhol e inglês. Marcelo se considera tímido e por esse motivo apresentar-se na frente de uma turma para ensinar foi um grande desafio no primeiro momento. Aos poucos foi se acostumando e até “pegando o gosto” segundo suas palavras.

Com os “documentos” na mão não pensou duas vezes e voltou para o sul. Sua esposa também voltou, mas já estavam separados. Uma vez em São Leopoldo, que a essa altura ele já considerava seu lugar no Brasil, trabalhou pela primeira vez numa feira de sapatos na cidade o que lhe serviu para contatar-se com as empresas que organizavam feiras, muitas delas no ramo do couro. O conhecimento de espanhol e inglês eram naquele momento sua carta de apresentação para as empresas expositoras apresentarem seus produtos a potenciais

clientes internacionais. Lembra que o dinheiro era bom, em três ou quatro dias ganhava o equivalente a um mês dando aulas, mas era muito provisório.

Mais uma vez começou a dar aulas numa rede nacional de escolas de idiomas, já tinha as referências que a filial do norte tinha passado para a de São Leopoldo e fazendo uma retrospectiva confidencia que hoje dar aulas de idiomas é fácil porque a metodologia está já implícita no modelo das aulas, existe um procedimento claro que depende muito pouco da criatividade e da iniciativa do professor. “mais ou menos como o suporte de TI” disse rindo.

Já com os “papeis” na mão começou a procurar emprego, primeiro em sua área, a hotelaria, mas se paga muito pouco. Lembra:

o primeiro currículo o entreguei num hotel tradicional aqui na cidade, pequeno, que não pertence a nenhuma rede. A mulher me disse que o currículo era muito bom para o hotel e eu disse que precisava trabalhar! Deixei meus dados, mas nunca me ligou.

E continua o relato:

Um dia comecei a procurar na internet outro trabalho. Ali achei uma oportunidade numa empresa de TI que precisava pessoas fluentes em inglês e espanhol e me inscrevi. Pouco depois me chamaram e na entrevista já fui avisando, ‘eu de informática não sei nada, nada’ e a pessoa que me estava entrevistando disse que isso se aprendia no caminho, o que importava era o idioma e fiquei lá três anos. Uma conhecida que trabalhava na empresa em que estamos agora sempre me falava, vem pra cá, o salário é melhor, a empresa é maior, mas eu estava numa zona de conforto, trabalhando pela madrugada, estava num momento complicado da minha vida pessoal, com muitas mudanças e não queria enfrentar mais um cambio e eu gostava, ganhava o suficiente e ia protelando.

Finalmente decidiu seguir o conselho de sua amiga quando na empresa em que trabalhava acabaram com o turno da noite, o salário diminuiu muito e trabalhar durante o dia com aquela turma de adolescentes estava difícil. Lembra que a contratação foi muito rápida e que, em menos de uma semana, já estava trabalhando na nova empresa. Só lamenta que não conseguisse tirar nem férias e emendou um trabalho no outro. Finaliza esta parte do relato com uma afirmação: “E aqui estou. Não é também meu sonho, mas aqui estou. Uma coisa posso te dizer, não sei qual é ao certo meu sonho, mas esse com certeza não é...”

Ainda pensando e falando sobre sonhos e trabalho disse que o turismo lhe encanta, que a recepção hoteleira faz com que se sintam muito bem, mas é um trabalho escravo, muito sacrificado. O problema é que quando procurou emprego na hotelaria pela primeira vez, sempre tinha a mesma resposta: o currículo era muito bom, mas não estava legalizado. Em Gramado, por exemplo, se interessavam, mas quando chegava a hora de registrar “à parte dos papeis” tudo esfriava. E finaliza: “Como te falava, turismo me encanta, também não é meu

sonho, mas está mais perto... Resumindo os pontos negativos, é um trabalho escravo e muito mal pago, fora isso é muito bom, me faz sentir bem”

2.5.4. *O usuário do outro lado do computador não morde!*

Uma vez que chegamos a este ponto lhe perguntei como tinha sido esse momento de começar a atender usuários com problemas de informática à distância, de maneira virtual. A resposta veio rápida.

Eu tinha experiência de atender clientes cara a cara, em situações em que a maioria das vezes era preciso solucionar problemas que não tinham solução. *Over booking*, problemas com a climatização do quarto em que a solução era trocar o hóspede para outro setor com problemas de água nos quartos... é sério

disse rindo ante meu rosto que imagino era de espanto e continua,

quando o cliente pedia para falar com o gerente e teus chefes não davam a cara porque sabiam que os problemas não tinham solução e tu estavas ali, em frente ao indivíduo que tinha uma reclamação que era muito válida, e tu entendias isso e não podias nem oferecer uma janta de cortesia para amenizar, nem isso tinhas. E isso era a rotina diária. Nessas situações só tinhas a bondade, a empatia e tua habilidade para sair do fogo e voltar para a frigideira (risos).” Por isso, atender um cliente, em nosso caso um usuário, que está do outro lado do mundo e que não pode te morder ou te atirar um computador pela cabeça, como fizeram com um companheiro, onde tens procedimentos bastante claros, que se não podes solucionar o problema podes escalar a situação a outra equipe e os procedimentos te amparam, te digo, estamos perto do paraíso, por isso me divirto muito quando chega um companheiro jovem, que sabe bastante de informática mas treme para falar com o usuário

E continua:

Tenho o que considero uma virtude, eu não me altero fácil, não me altero por qualquer coisa, quando cheguei à primeira empresa de TI estavam passando por um aperto grande, o cliente estava atualizando a ferramenta de gestão, que era o SAP, nunca tinha ouvido falar (risos) e quando entrei o processo já estava pela metade, então o pior já tinha passado. Nos primeiros dias eu não sabia do que estavam me falando, mas normalmente no primeiro nível mais escalas para outra equipe solucionar do que resolves. O problema é que nem o básico eu sabia. Em Cuba eu tinha trabalhado apenas operando um sistema específico de hotelaria, apertava duas teclas e se dava problema chamava ao informático para solucionar o problema e eu voltava aos meus velhos e conhecidos formulários, porque quando falhava ao sistema a solução estava “*a punta de lapis*”, assim, voltando à TI, quando chegava um monstro de sete cabeças sempre tinha uma solução, algum colega com mais experiência, a base de procedimentos, e se não tinhas como solucioná-lo se escalava e pronto. Teve uma colega quando comecei na primeira empresa, que depois veio para nossa empresa atual, Jolima, a conheces?

respondi que sim, tínhamos trabalhado juntos num projeto e eu tinha treinado ela. Enfim, Marcelo disse que ela lhe ajudou muito no início e que ainda são amigos, ainda que Jolima tenha voltado para Colômbia. Eu mesmo, ainda tenho contato com ela porque realmente era uma grande colega que virou amiga.

Segue o depoimento de Marcelo, “Lembro que meu chefe tinha me avisado ao contratar-me para ir com calma, que nem tudo éramos nós que resolvíamos, mas eu queria ajudar o cliente, e imaginava que poderia fazer muitas coisas que na verdade não podia e tinha que encaminhar para outra equipe.” Ele reconhece que TI não é sua área, quando os colegas mais jovens começam a falar de assuntos relacionados a TI afirma: “não sei do que estão falando, não é comigo. Já tive oportunidade de capacitar-me, estou neste mundo há sete anos, mas não é uma coisa que me interesse.”

A lembrança que ao mesmo tempo interpreto como uma homenagem a seu cunhado, engenheiro de software, lá em Cuba:

Tu vê, já meu cunhado lá em Cuba dizem que no seu momento era um dos engenheiros de software mais cobiçados do mundo, sério, um cubanito, com aquele atraso lá em nosso país. Mas claro, ele estudou na Rússia, na Noruega, no México e todos queriam que ficasse por lá, mas ele era revolucionário, amava Cuba e lá está ainda.

E culmina com uma frase ambígua, marca registrada do humor caribenho, ”Eu já sou tudo o contrário” (mais risos) E continua. Nessa hora eu achava que ele não ia parar de falar nunca mais, tão fluido e, tentando usar uma das expressões do meu interlocutor sinônimo de agradável, com certeza estava “rico” o momento. E continua.

Na verdade, como estou, como estamos cinquentões, sei que a roda um dia vai nos passar por cima e não teremos mais como acompanhar este mundo de TI. Essa área é para jovens, nós temos nossas virtudes, somos responsáveis, não nos levam com um conto, não faltamos, mas a parte técnica, um dia nos supera...Na empresa conheço pessoas das mais diversas áreas, biólogos, historiadores, matemáticos, até antropólogos tem (e mais risos). Que estão fazendo na TI?

O desafio para Marcelo é descobrir do que gosta e assim preparar-se para esse momento. “Eu sei o que não gosto e é mentira que dizem que se sabes o que não gostas, podes chegar ao que tu gostas. Eu ainda não cheguei” afirma.

Dizem que quando descobres tua paixão nunca mais trabalhas e te levantas feliz por que vais fazer o que gostas. Hoje para mim é exatamente o oposto, levanto e penso bahh, tenho que ir trabalhar... Acho que o mais próximo que cheguei tal vez, ao que mais gosto foi com a música.

A expectativa de vida de meu país é 75 anos, agora um pouco mais, mas eu já vivi dois terços de minha vida e ainda não achei o que gosto. Espero acha-lo antes de passar para o outro lado, e espero ainda ter tempo para desfrutá-lo. Vejo tanta gente que disse que ama o que faz, e sei que tem muita encenação neste mundo, mas eu gostaria de achar o que eu gosto. Quando surge este assunto eu pergunto sempre, que é o que tu gostas? que farias a vida toda com prazer? e quase ninguém sabe. E isso me incomoda, há alguma coisa errada em nossa formação que não nos estimula, ou não nos deixa descobrir o que gostamos para ir atrás.

Essas perguntas chegam ao mais íntimo, transbordam meu Eu pesquisador e aceito o desafio proposto por Marcelo e penso. Não sei se o problema está apenas na educação, que

não nos prepara para o futuro. Será que podemos carregar essa “culpa” exclusivamente no sistema sociocultural ocidental capitalista? Será que não está na hora de nos arriscarmos a sonhar um mundo diferente não apenas para o trabalho? Que teria nesse contexto uma proposta descolonial a oferecer? É possível pensarmos o capitalismo, o socialismo, o marxismo desde uma pele e com uma sensibilidade que não conhece o centro do mundo senão através dos produtos e da narrativa que sobre ele nos contaram tantas vezes? Será um problema metafísico e o ser humano está se procurando, também, através do trabalho? Uma procura que tem como virtude não aceitar um ponto de chegada?

Marcelo finaliza: “Se as pessoas pudessem por pra fora o melhor de sim, o mais valioso que tem ninguém mais trabalharia e seríamos mais felizes.”

2.6 O tempo e o espaço narrados: como se constroem as narrativas

*Vivir relatando historias
coloreando la memoria
el viejo acapara la atención,
la distancia entre los cuentos
y los acontecimientos
ni más ni menos que una versión.*

El Gran Pez
Alejandro Balbis
Música popular

A história compartilhada por cada interlocutor é preciosa. A construção tijolo a tijolo dos fragmentos de uma vida que faz com que a distância entre o contado e o acontecido seja resumida em apenas uma versão, fugaz, sutil nos permitirá em momento posterior pensar e conectar outras vidas e outras versões. Essa responsabilidade precisa estar presente em cada momento que essas histórias são evocadas pelo pesquisador.

Seguindo Rocha e Eckert (2012, p. 22) o trabalho do antropólogo, na produção de uma antropologia da duração consiste em acompanhar os deslocamentos dos interlocutores nos espaços vividos e nos tempos lembrados e para essa jornada servirão de inspiração alguns autores e conceitos que nos são caros e que desenvolveremos brevemente a seguir: o conceito de duração de Bachelard (1978) memória coletiva de Halbwachs (1990) e espaço e cotidiano de De Certeau (1994).

Teremos no transcurso da pesquisa em mente como premissa que é no presente que o passado é evocado pela memória-imagem. Bachelard (1978, p. 33) nos ensina que acima do

tempo vivido encontra-se o tempo pensado. Uma característica deste tempo pensado que podemos ressaltar seria que pelo fato de ser mais livre, pode ser interrompido e retomado mais facilmente. Nosso pensamento trabalha simultaneamente com ações virtuais e reais (posteriormente, no capítulo em que trataremos o conceito de virtualidade desenvolveremos melhor este conceito) e o momento culminante seria a decisão. A fragmentação das decisões no tempo e não a manipulação de sólidos no espaço é o que parcela, interrompe e retoma o pensamento.

Bachelard (1978, p. 51) entende que a memória não nos entrega diretamente a ordem temporal. Esta ordem precisa, para acontecer, de outros princípios de organização que lhe confirmam certa lógica. Do passado permanece apenas o que tem razões para recomeçar.

Ao pensarmos em narrativas, podemos levar em consideração o ensinamento do mestre que afirma que ao contarmos nosso passado, a nostalgia das durações em que não conseguimos viver plenamente abala profundamente nossa inteligência histórica. Um aspecto que consideramos importante trazer neste momento é a influência que os diferentes grupos dos quais um indivíduo faz parte condicionam essa memória que auxilia na reconstrução do passado trazido ao presente nas narrativas dos interlocutores. Halbwachs (1990) nos ajuda e podemos tomar como premissa o fato de existir uma subjetividade específica nos diferentes grupos que trazem sua própria visão de mundo. Essa subjetividade tende a tornar-se objetividade absoluta quando o grupo assume uma posição dominante na sociedade.

As diferentes narrativas têm sentido desde o momento em que uma dada comunidade afetiva as acolhe e para isso é importante estas serem referenciadas ao contexto do grupo em questão. Não podemos afirmar que nossas lembranças sejam apenas nossas. Ao falar sobre trabalho para embasar nossa pesquisa, os interlocutores têm plena consciência do fato de seus comentários estarem repletos de referências que farão sentido para mim e será assim no que podemos assumir como um grupo de trabalhadores, que a narrativa vai se conformando e fazendo sentido. Claro, no momento da entrevista é o presente que estamos compartilhando e colocar as lembranças nesse novo contexto é um desafio. Essa operação se faz, ainda segundo Halbwachs não apenas concatenando fatos e lembranças senão construindo um conjunto que deve fazer sentido.

Mas as pessoas vivenciam mais de um grupo simultaneamente, o que faz na hora de estabelecer a narrativa que os contrastes apareçam e resultarão evidentes apenas para quem está narrando. O fato de ter uma determinada nacionalidade, cor de pele ou ter nascido em um determinado bairro pautarão o que pode vir a fazer sentido ou não naquele relato. Quando

estamos sob o manto do grupo não percebemos sua influência, para isso precisamos receber o estímulo de outro grupo. Assim vamos conformar uma percepção que é apenas nossa, os acontecimentos não estão dados em si mesmos, mas na percepção conformada pelo que o autor denomina como pensamento coletivo. Essa lógica imposta pelo grupo determina em mais de um sentido o modo de compreender os estímulos que nos chegam do nosso meio e no limite como vemos o espaço.

Não podemos esquecer que esses grupos se contraem e se expandem constantemente, tanto no espaço como no tempo. É nesse ponto em que essa denominada memória coletiva se diferencia da narrativa dominante: Essa memória coletiva, conformada pela nossa participação nos diversos grupos aos que temos acesso, preserva apenas o que é importante e está vivo para nós. É por esse motivo que as narrativas que são impostas de fora e que estão por cima, amparadas nas categorias universais por ela defendidas, podem em alguns momentos não fazer sentido para o grupo ou o indivíduo. Talvez por esse motivo, de tanto dividir o tempo em prol da produtividade, por exemplo, não sabemos o que fazer com o tempo em outros contextos que não o do trabalho. Uma questão instigante e que esperamos abordar com maior profundidade até o final desta dissertação e que entendemos, acompanhando Halbwachs, que a memória coletiva acontece em um dado contexto espacial e perguntamos como se daria a gestação de uma memória coletiva em um espaço virtual como o ciberespaço.

Precisamos, no entanto estar atentos aos detalhes nessas histórias compartilhadas por nossos interlocutores. Assim como os contos trazem os discursos estratégicos do povo e privilegiam a dissimulação e a ocultação segundo de Certeau (1994), nossos interlocutores deslizam nas trajetórias pessoais, evocações, que como naqueles contos, trazem momentos em que uma sorte de inversão nas relações de força permite ao oprimido uma vitória no que seria um espaço maravilhoso. Não desejo com esta afirmação nem definir para nosso interlocutor o rol de oprimido e muito menos que para obter vitórias tenham necessariamente que recorrer a espaços maravilhosos. Não estamos falando de vítimas. Desejo apenas explicitar que nessas histórias as armas utilizadas são as que estão disponíveis, mas essas armas, que podem ser sim as armas do fraco, são protegidas da ordem estabelecida, das grandes narrativas e das estratégias globais e nacionais que definem as regras do jogo. No contexto dessas vidas e das narrativas que a partir delas são criadas por nossos interlocutores com o falado e também com os silêncios, as astúcias, assim como os trocadilhos na linguagem, vão desenhando as estratégias possíveis. Estratégias que são apresentadas como ferramentas possíveis para um futuro que como tal não chegou e que permitem fazer frente a

essas outras estratégias das quais é preciso se defender porque foram criadas sem levar em consideração as vozes de quem precisa viver sob regras que nem sempre lhe favorecem.

2.7 O trabalho por projetos

Podemos afirmar que nossos entrevistados e eu próprio, estamos inseridos, dentro da empresa, na área em que fica mais evidente a estrutura de trabalho por projetos. Cada cliente que assina um contrato de prestação de um dado tipo de serviços relacionado à tecnologia da informação passa a ser um projeto. Tentaremos começar pelo início. A necessidade da empresa cliente de nome fictício Multinacional SA é, por exemplo, receber suporte de determinado tipo de recursos de *hardware* e *software* para seus usuários finais. Dentro da empresa Multinacional SA cria-se um grupo de trabalho que terá como objetivo definir o escopo da necessidade. Devem ser explicitados detalhadamente quais usuários receberão o suporte, quais as ferramentas de *hardware* e *software*, os locais geográficos, os horários e tudo o que a empresa considere relevante para atender sua necessidade.

Temos no parágrafo anterior algumas pistas que podem nos auxiliar a, inicialmente, delinear em linhas gerais um projeto. O projeto nasce para atender uma necessidade específica da organização, seja uma necessidade presente ou futura, geralmente envolve equipes multidisciplinares e certamente terá um fim. O escopo, os prazos, o orçamento e os resultados assim como outros detalhes importantes para cada empresa e cada projeto começam a ser definidos. Os projetos assim definidos devem ser comunicados às empresas prestadoras de serviços que eventualmente vão se candidatar para de fato, atender a necessidade de Multinacional SA. Existem padrões que auxiliam a garantir a inteligibilidade de um projeto específico entre as empresas. Dentre os mais valorizados hoje pelas corporações estão as orientações contidas no PMBOK¹⁰ para gerenciamento de projetos e o ITIL¹¹. Existem outras normas e orientações, mas ficaremos com estas duas por serem representativas do que é mais procurado no mercado hoje. Um projeto criado seguindo as práticas e orientações acima referidas é facilmente entendido e mensurado pelas empresas potenciais prestadoras de serviços. Para seguir as orientações tanto do ITIL quanto do PMBOK é preciso ter pessoas capacitadas e a certificação nessas ferramentas facilita aos trabalhadores o acesso aos projetos nas mais diversas organizações. Temos aqui mais uma

¹⁰ O guia Project Management Body of Knowledge (PMBOK) é um conjunto de melhores práticas para auxiliar na gestão de projetos organizado pelo instituto PMI, o Project Management Institute (a página web da organização no Brasil é <https://brasil.pmi.org/>)

¹¹ ITIL é a sigla para Information Technology Infrastructure Library, que apresenta um conjunto de boas práticas detalhadas para o gerenciamento de serviços de TI e se concentra, esse detalhe é relevante, no alinhamento de serviços de TI com as necessidades dos negócios nas organizações.

dica sobre projetos: Há conhecimentos e engajamentos que facilitam o acesso aos projetos e, portanto a empregabilidade. Voltando à empresa Multinacional SA, uma vez definido o prestador de serviços o projeto geralmente é encerrado e um novo projeto é criado para gerenciar os termos do acordo. Esse novo projeto pode aproveitar alguns trabalhadores do projeto anterior, os que já não são mais necessários passam a trabalhar em outro projeto ou são dispensados.

Na empresa prestadora de serviços candidata a fornecer os serviços, empresa com nome fictício Serviços Globais, um projeto tem início para tratar da demanda da empresa Multinacional SA. O objeto do serviço é comum às duas empresas, mas os projetos são diferentes e envolvem pessoas e grupos com perfis diferentes. Na empresa Serviços Globais, uma vez definidos os produtos que precisarão de suporte, a quantidade de usuários, os horários, e um sem fim de detalhes ancorados no ITIL e no PMBOK definem-se os processos e as métricas que permitirão medir o desempenho. Uma decisão importante e que nos interessa para nossa pesquisa é a quantidade de trabalhadores que serão necessários para atender o SLA (*Service Level Agreement*), que pode ser traduzido como acordo do nível de serviço, que faz parte das cláusulas contratadas entre as organizações.

Passaremos agora a descrever como nossos entrevistados circulam nesse universo de projetos dentro da organização, para isso nos auxiliaremos em Boltanski (2009) e sua cidade por projetos. Um diálogo normal entre trabalhadores nessa modalidade, independente da empresa pode ser algo assim:

- Oi, em qual projeto estás trabalhando?
- Oi, estou no projeto da Empresa “A” (normalmente nas empresas prestadoras de serviços os projetos são conhecidos pelo nome da empresa contratante)
- Legal, Fulaninho trabalha no teu projeto?
- Trabalhava, agora passou para o projeto da empresa “B”
- Ahh... Eu trabalhei com ele no projeto da Empresa “C”. Que tal é o trabalho em teu projeto?
- Legal, recebemos muitas ligações, mas o supervisor é tranquilo.

Uma observação inicial e importante é que os projetos estão ancorados em redes, mas não toda rede pode se transformar em projeto. Uma característica das redes é que podem crescer em qualquer sentido e não existem elos interditados *a priori*, nos projetos, no entanto a procura pelo fortalecimento de alguns elos e a criação de outros passa por um filtro que interdita algumas opções e estimula outras, pondo de alguma maneira uma ordem no crescimento das redes.

Na organização por projetos a estrutura é reticular e isso permite que as pessoas procurem ampliar suas redes e assim sempre ter a possibilidade de se inserir em um novo projeto. Isso permite aos pequenos sobreviver numa estrutura instável. O tipo de conhecimento que pode ser útil em outro projeto, mesmo de outra empresa e outro segmento é de suma importância. Uma característica que precisamos destacar chegados neste ponto é que na organização do trabalho por projetos os trabalhadores estão atentos aos tipos de projeto nos quais podem se inserir em função do seu perfil e suas qualidades. Seja na empresa que hoje os contrata ou em outra diferente, independente do segmento de atuação. Nessa lógica “projetos de longo prazo” ou mesmo a fidelidade com as empresas são entendidos sob outro olhar e independentemente de achar que aquele modelo que hoje faz parte do passado era melhor ou pior dificilmente alguém almeja ficar quarenta anos na mesma empresa.

O trabalhador inserido no modelo de trabalho por projetos deve estar sempre atento, sempre em movimento, procurando informações sobre novos projetos, pois a única certeza que tem é que o projeto em que hoje está inserido um dia acaba. A mobilidade e a procura de novas oportunidades são a característica que define o perfil. O projeto induz à conectividade, quem não procura aumentar sua rede no sentido que lhe permita inserir-se em novos projetos corre o risco de ser excluído. Um projeto que está próximo da data de fim do contrato ascende uma luz amarela. Pela característica fundamental de sua estrutura matricial, os projetos são dinâmicos e por isso em contínuo câmbio. Não apenas um projeto pode ser melhor do que outro dentro da mesma empresa prestadora de serviços. Pode existir outra empresa prestadora de serviços, eventualmente concorrente da que hoje o emprega, que por uma circunstância qualquer oferece melhores oportunidades. Porque captou um novo cliente ou aumentou o escopo de serviço com algum cliente da carteira. Esses aspectos geralmente estão no horizonte do trabalhador por projetos, independentemente do nível hierárquico dentro do projeto.

Esses aspectos detalhados anteriormente não passam inadvertidos pelas empresas prestadoras de serviços que devem trabalhar ao mesmo tempo a valorização do funcionário e o estabelecimento de condições estimulantes de trabalho e uma forte estrutura de processos que dependa o mínimo possível das pessoas para conseguir assim substituir um *asset* por outro sempre que necessário. Três palavras que interrompem minhas meditações ao pensar na relação trabalhador empresa nesse contexto são efêmero, finito, fugaz. Chico Buarque explica isso melhor do que eu posso fazê-lo quando disse “Minha mãe sempre diz: Não há dor que dure para sempre! Tudo é vário. Temporário. Efêmero. Nunca somos, sempre estamos.” Por isso, se estou com fome, ou estou preocupado com a educação de meus filhos é melhor não

ser um excluído. Um excluído neste mundo é aquele que, na rede, depende dos outros e ninguém depende dele.

Como vimos no primeiro capítulo, é de se esperar uma migração da manufatura das regiões periféricas nos quais se localizou na segunda metade do século passado movendo-se novamente para os centros originários da industrialização no coração do sistema capitalista ocidental, perto dos consumidores. Com os serviços essa realidade não é bem assim e se os trabalhos na indústria podem diminuir nas periferias econômicas do mundo, o trabalho no que tradicionalmente se define como prestação de serviços (com todas as fragilidades conceituais que essa divisão manufatura/serviços tem) o panorama parece ser outro. Vemos hoje se destacando como países e regiões com vocação empresarial para os serviços Índia, América Latina, com destaque para Brasil e países europeus como Irlanda ou Polônia. Propositamente deixamos fora desta breve lista a China por se tratar de um “universo” que deve ser tratado aparte em termos de trabalho e para o qual não temos no momento condições de abordar.

Por este motivo, vemos no atual modelo de trabalho por projetos na área de serviços, pontualmente nos serviços de TI, uma relevância para a manutenção da empregabilidade o desenvolvimento de redes que priorizem a componente espacial. De pouco serve para um trabalhador de Porto Alegre saber de uma oportunidade própria para seu perfil em Montreal se não está pensando em mudar-se para o Canadá. Para os trabalhadores dos níveis hierárquicos mais baixos é importante desenvolver os elos que têm relação com o local. Nossos entrevistados ingressaram a empresas de TI ou trocaram uma por outra através de contatos no seu grupo de conhecidos na região em que moram. E neste ponto notamos uma diferença de estratégias dependendo do nível hierárquico no projeto. Quanto maior o nível hierárquico, maior o investimento no que Boltanski denomina como elos pouco prováveis e muito proveitosos. Já na base da pirâmide percebemos pelo que nossos interlocutores informaram um movimento diferente, quase oposto, investindo em elos muito prováveis e pouco proveitosos. Os amigos e familiares compartilham as oportunidades e nesse contexto o trabalhador com mais contatos ou que ingressa a uma nova rede, seja porque mudou de projeto dentro da mesma empresa ou porque mudou de empresa passa a ser um indivíduo valioso na rede.

Parece que para manter-se empregado de pouco adianta ficar ligado a uma profissão ou ofício ou ainda preso a uma qualificação específica. As modas passam e as certificações que ontem garantiam emprego podem ficar obsoletas rapidamente. Para manter-se dentro da malha é importante adaptar-se e estar pronto a esquecer da maneira como se trabalhava no passado e estar disposto a começar de novo. Nessa configuração preservar e aumentar o

capital social e ter acesso a informações relevantes é ao mesmo tempo condição para manter-se nas redes e a possibilidade de ser aceito em outras diferentes. As empresas, por sua vez, são organizadas como vimos para depender cada vez menos das pessoas apostando nos processos e nas normas e no convés do navio em que navegamos, assim como nas bodegas o piso balança ao impulso das ondas que muitas vezes nem vemos chegar. Esse cenário estimula, entendo, uma necessidade de criar um refúgio interior que vira ponto de partida para novos empreendimentos, refúgio desde o qual se avaliam os riscos e as oportunidades, os pontos fortes e os pontos fracos e onde o futuro está sempre no presente, mesmo que de relance. O individualismo pregado, nada inocentemente como panaceia parece ser a solução aos problemas e as alternativas coletivas parecem cada vez fazer menos sentido e assim vamos, ajustando o leme e as velas para definirmos nosso rumo.

Esse ponto para nós é relevante e tentaremos no próximo capítulo aprofundar essa linha de argumentação. Talvez essa experiência passe por uma superposição de tempos-espacos diferentes e o tal do trabalho imaterial, fora do espaço “real, concreto” precise ser olhado com maior atenção, pois entendemos que o espaço, mesmo no ciberespaço ocupa um lugar central na vida dos trabalhadores “virtuais”. Para isso precisamos definir melhor o que entendemos por espaço e por tempo e a relação que existe entre esses dois conceitos.

2.8 Marginalia 2: O trabalho que dá ir trabalhar: Apontamentos sobre as vicissitudes no trajeto da casa ao trabalho.

2.8.1. O enclave fortificado

Podemos considerar que a empresa de TI à qual estes trabalhadores estão vinculados está localizada em um enclave fortificado, nos termos de Teresa Caldeira (2011). Ao chegar no prédio em que se localiza a empresa, dentro do parque tecnológico da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), existe um controle de acesso biométrico na porta de entrada. Desde este local é possível acessar o *hall* de entrada, as escadas e os elevadores. No andar da empresa em questão, há outra porta e o acesso é liberado com o crachá funcional. Uma vez que as pessoas atravessam esta primeira porta, o acesso aos diferentes departamentos é liberado mais uma vez com o crachá funcional conforme a necessidade e o perfil do colaborador. Cada crachá permite abrir apenas as portas dos locais aos quais o trabalhador precisa acessar. Em todo este percurso, as pessoas estão acompanhadas (prefiro esse termo a monitoradas) por sistemas de câmeras de segurança. Estas medidas de segurança visam atender os critérios de certificação para *sites seguros*, e são necessárias para oferecer serviços a empresas que precisam compartilhar dados sigilosos. Essa necessidade de segurança, neste caso em particular, visa, em primeira instância, proteger os dados, mas acaba gerando uma sensação de segurança, pois as pessoas que ali trabalham sabem que o acesso de alguém não autorizado é dificultado em vários níveis.

Acompanhando Teresa Caldeira (2011), podemos verificar que esses enclaves fortificados se apresentam como um novo modelo de segregação social e que essa segregação é vendida como valor (2011, p. 5). A segurança e o controle mantém o “outro”, o desconhecido, o não autorizado do lado de fora do muro ou em nosso caso dos portões; ainda que eventualmente possa estar sob o olhar das câmeras que monitoram o perímetro externo. Assim, estas novas morfologias urbanas do medo dão novas formas à desigualdade.

Esses locais inteligentes, em que dados biométricos dividem o espaço virtual com informações armazenadas nos *chips* dos crachás funcionais em bancos de dados que podem estar armazenados fisicamente em lugares distantes, fazem parte dessa cidade ciborge familiar às pessoas neste início do século XXI. Esta parte da cidade mecânica, eletrônica e sem alma entende apenas de bits, e quando tudo funciona corretamente nos dá uma sensação de controle e de poder: é apenas colocar o dedo no local indicado ou passar uma simples peça plástica pelo sensor que as portas se abrem ao nosso passo. Já na hora do erro de sistema, seja porque não reconhece o crachá, porque machucamos o dedo ou simplesmente porque

acontece algum *bug* esse sentimento de poder pode virar impotência e frustração, pois o sistema não entende de negociações, se não é fornecida uma resposta correta o caminho é interditado. Não há espaço para o jeitinho. Para negociar é preciso recorrer a outro humano, que solucione o problema no sistema ou simplesmente nos permita driblar o controle implacável da máquina. Geralmente os melhores sistemas de controle de acesso não resistem ao *tailgating*, se alguém abre a porta para nós dificilmente o sistema terá como barrar o ingresso.

Em última instância podemos afirmar que uma vez que conseguimos entrar salvando os controles definidos, a sensação é de segurança em relação aos perigos externos.

2.8.2. O desafio está na rua

Podemos afirmar que uma vez ultrapassada a porta os funcionários sentem-se seguros e, de fato, não foram relatados incidentes de violência ou assaltos dentro do parque tecnológico. Nosso desafio agora será entender como é vivenciado o trajeto que vai da casa até o parque tecnológico. Para isso nos restringiremos a funcionários que usam durante o dia ônibus e/ou trem para o deslocamento até o lugar de trabalho e durante a noite, em função da falta de transporte público usam o transporte executivo providenciado pela empresa.

Seguindo o percurso destes “praticantes ordinários da cidade” como os denomina De Certeau (1994) para diferenciá-los do observador que olha a cidade do alto, em perspectiva, transformado em *voyeur* que não anda nas ruas, tentaremos entender as táticas e as astúcias que se resistem aos discursos que ideologizam a cidade (De Certeau, 1994, p. 170-174) É andando que se reorganiza a relação entre o lugar de onde se sai, da origem e aquele não-lugar que se produz por uma dada maneira de passar. Os nomes, das ruas por exemplo, entendemos acompanhando De Certeau, criam um não-lugar nos lugares que são transformados em passagens apenas e, como afirma o autor, só é possível viver em lugares povoados de memória (1994, p. 189). Tentaremos extrair dos relatos a seguir as vivências destes trajetos que uma vez povoados de lembranças e sentimentos são trazidos desfazendo a lógica que substituiu a prática por um traço no mapa.

ROCHA e ECKERT (2015) por sua vez, mostram em seu trabalho na cidade de Porto Alegre como o imaginário do medo no contexto urbano é modulado pelas diversas mídias que abordam o problema da violência e como de fato a paisagem urbana modificou-se em função dessa cidade construída pelos discursos midiáticos (2015, p. 6). Nesse sentido a “cidade sitiada” é agregadora de trocas de sentido e táticas de permanência. As autoras afirmam que “os relatos de experiências de medo à vitimização desenham diferentes sociabilidades

urbanas reorientadas pelo sentimento de insegurança” ROCHA e ECKERT (2015, p. 25). É com este viés que queremos resgatar os dois relatos que seguem.

Assaltos nas paradas de ônibus, dentro do ônibus e no Trensurb, o trem suburbano que liga o centro de Porto Alegre à cidade de Novo Hamburgo, são comuns ainda que não sejam divulgados com a ênfase que merecem. Os usuários conhecem os trajetos e os horários de maior risco e traçam em função destes as estratégias para deslocar-se na cidade. Estas estratégias, é importante observar, são diferentes para homens e mulheres. Temos o relato de uma funcionária que foi assaltada duas vezes na parada do ônibus. De segunda-feira a sábado até o meio dia é possível fazer uso de um ônibus Circular que faz o percurso desde a estação Unisinos do Trensurb, passando pelo campus da universidade e voltando até a estação. As duas vezes foi assaltada no sábado à tarde, nesse horário o ônibus circular não funciona e é preciso para ir até a estação do trem pegar um ônibus na Avenida Unisinos, fora do campus e por esse motivo fora da “área de segurança”. Após perder dois celulares e passar por situações de risco extremamente desagradáveis, ela decidiu pagar de seu bolso um táxi para ir desde o edifício em que trabalha dentro do campus da universidade Unisinos, no parque tecnológico, até a estação do trem aos sábados.



Figura 8: Mapa detalhando o deslocamento da trabalhadora desde seu lugar de trabalho até a parada do ônibus Circular (dentro do campus da Unisinos) e até a parada na Av. Unisinos (fora do campus). Foi nesta última parada que foi assaltada duas vezes.

Fonte: Google Maps

Um relato mais dramático é apresentado por outra funcionária que sai de casa cedo, ainda noite, para pegar o ônibus em Sapucaia, uma cidade vizinha. Em função do risco e da distância de sua casa até a estação do trem, todos os dias vão ela e uma prima que mora perto

até o ônibus. Em uma oportunidade quando estavam indo em seu horário habitual antes das seis da manhã até o ônibus que as levaria à estação do trem, um jovem anunciou um assalto a poucos metros da parada do ônibus. No desespero ela simplesmente atinou a correr, chegou à parada e o ônibus estava passando e ela simplesmente subiu. Só nesse momento percebeu que sua prima não estava no ônibus e seu desespero se transformou em pânico. Ficou sabendo que sua prima estava bem só quando chegou, chorando, na empresa. Seu pai conseguiu ligar e lhe avisou que a prima tinha sido assaltada e voltou para casa sem a bolsa nem o celular mas a salvo. Escolhemos estes dois exemplos não por serem exemplares, pois evidentemente nem todos os trabalhadores que saem cedo de casa são assaltados. Mostram, no entanto os cuidados que, principalmente as mulheres, têm que ter na hora de sair cedo de casa ou passar por lugares mais isolados, que seriam os lugares “interditados” segundo de Certeau, pois ainda que o risco de assalto está sempre latente e não diferencia gêneros, esse risco acaba gerando estratégias diferenciadas de deslocamento pela cidade, estratégias que geralmente primam pela segurança e não pelo caminho mais curto como escolheria por exemplo um dispositivo de GPS. Como afirmamos algumas linhas acima, o risco de assalto e à vida é real e existe, o mesmo é amplificado, no entanto, por um discurso de violência e de perigos na rua que a mídia alimenta e que geralmente fala em bairros marginais “perigosos”, mas não ecoa situações de risco iminente ao deslocar-se nas ruas solitárias de bairros mais abastados. Essa estratégia de comunicação acaba gerando mais um vetor de desigualdade e discriminação muitas vezes que pode, no limite, influenciar na hora da seleção de um novo funcionário por parte de uma empresa. Temos notado nas entrevistas e em conversas informais com colegas de trabalho que estas decisões e os riscos relacionados a estes deslocamentos são diferentes para homens e para mulheres.

Para os trabalhadores que iniciam seus turnos à noite e na madrugada, quando não há transporte público, é oferecido um táxi que faz o traslado entre a empresa e a casa dos funcionários. Trata-se de um meio mais rápido (demanda menos tempo de deslocamento casa-trabalho-casa) e resulta mais confortável. Por tratar-se de um meio de transporte mais oneroso para a empresa, seu uso é restrito a casos em que o transporte público não é possível. Resulta revelador o caso de outra funcionária que começa seu turno às sete da manhã e comentou com os companheiros que no inverno terá que trocar o horário, pois no inverno ainda é noite quando pega o ônibus, a parada é perigosa e seu pai não pode mais acompanhá-la. O ideal para ela seria começar mais cedo, às seis da manhã, por exemplo, e conseguir assim transporte executivo. Levantaria à mesma hora que levanta hoje, seu filho poderia ir ao colégio com a tia que mora perto e ela conseguiria pegar seu filho no colégio saindo uma

hora antes à tarde, poupando assim o valor da Kombi escolar. Neste caso o risco de ficar sozinha na parada aguardando o ônibus, que de fato existe, soma-se à possibilidade de arranjar sua rotina fora do trabalho de uma maneira menos estressante e que lhe permitiria ao mesmo tempo poupar o dinheiro do transporte escolar, que segundo ela, não é barato. Mas de momento não tem outra opção. O problema é que seu caso não justifica o transporte e caso não consiga, terá que pedir para trocar e entrar não às seis da manhã, mas às oito horas e continuar usando o transporte público, atrapalhando totalmente sua rotina após o trabalho que passa por cuidar do filho e agora do pai doente.

2.8.3. O trabalho à noite e o transporte diferenciado

Como trabalhador que trabalha à noite, eu próprio faço uso do transporte executivo e até começar a escrever sobre o assunto não tinha percebido que, além do ponto de vista do usuário – trabalhador tem também o ponto de vista do motorista do táxi, que também é um trabalhador e seu trabalho e a relação com os usuários possui suas particularidades.

Falando recentemente com um dos motoristas tive um entendimento melhor do seu ponto de vista e dos temores de trabalhar à noite, na rua. Confessou que quando lhe falaram de meu transporte achou ruim. Era longe, em Porto Alegre, cidade que ele não conhece muito bem por ser de Sapucaia, e com todas as notícias sobre violência e mortes que aparecem na TV não era uma situação muito confortável. Ainda com GPS, me disse, já entrou em alguma “fria” mais acabou descobrindo que, no meu caso, o trajeto era simples, e me aguardar dentro do condomínio era bem tranquilo e até em função disso, normalmente chegava antes para montar a escala da noite.

Basicamente, o responsável pelos roteiros na empresa de táxis, estabelece as rotas e para isso utiliza o GPS e o Google Maps. Nos trajetos que vão desenhando-se na tela são relevantes informações como distância e tempo dos diferentes percursos. Seu desafio é montar um quebra cabeças em que todos os usuários devem ser recolhidos nos locais combinados, um após outro, fazendo o caminho mais curto otimizando assim tempo e combustível. O desafio final é chegar à empresa na hora contratada, pois os funcionários são aguardados a uma hora determinada para iniciar suas atividades. Essa é a primeira tradução: Como bem lembra Ingold (2005, p. 87), “ao observarmos um mapa os ‘olhos do corpo’ ficam perto do solo. Já os olhos da mente estão no alto com os pássaros e toda essa vida que os lugares pelos quais o transporte tem que passar, fica reduzida a linhas, percursos, desenhados no mapa.” No segundo processo de tradução esses traços no mapa se transformam em dados contidos em uma tabela com o nome do motorista responsável pela rota, o nome do

passageiro, o local e hora de coleta e o local e hora de destino. Resulta difícil imaginar, ao ver a planilha o conjunto de situações que esse trajeto carrega. Como entender, ao ver apenas letras e números tabulados em uma folha A4 a diferença de fazer o trajeto em uma noite de chuva ou ao contrário, com uma lua cheia acompanhando através da janela os devaneios dos passageiros. Com saber se é uma noite calma e sem trânsito ou com algum engarrafamento. Ainda, se foi aquela noite em que a música no rádio transporta a lugares, sensações e tempos distantes e que pouco ou nada têm a ver com o destino dessa viagem concreta, que leva ao trabalho ou ao lar. Se era aquela noite em que alguém ficou doente em casa, mas era preciso ir trabalhar ou a festa que ficou pela metade porque o taxi já chegou. Acompanhando Ingold, entendemos que os lugares não têm posições, têm histórias, assim os caminhos longe de serem inscritos sobre a superfície de um mundo inanimado, são os próprios fios a partir dos quais o mundo vivo é tecido (Ingold, 2005, p.108)

Mas na cidade ciborge nem tudo é poesia ou devaneios. Os taxis têm um sistema de localização que permite monitorar o trajeto e, como consequência, se ouve algum desvio da rota traçada originalmente. Os carros têm também um sistema que indica na central de controle se o motorista excedeu a velocidade máxima permitida na rua ou estrada pela que circula. Assim, o desafio dos motoristas resume-se a coletar os passageiros na hora combinada, rodar pelas ruas, caminhos e estradas definidas previamente, respeitando os limites de velocidade e chegar, na hora combinada, no destino combinado. Quer tenha lua, quer tenha chuva.

Uma observação que resulta interessante é o fato desses jovens motoristas, longe de assumir todas essas regras e restrições como empecilhos ou fatores de estresse, em geral, consideram a situação como um desafio, uma fase de um jogo que tem que ser superada para assim poder avançar à próxima fase. Assim como outros jovens trabalhadores vinculados principalmente à tecnologia em geral ou à informática em particular, o trabalho vira, de alguma maneira uma extensão do console do videogame. Está muito além do escopo deste trabalho desenvolver as possibilidades de esta alternativa analítica levantada por diversos autores, que resulta, no entanto, muito interessante: Quais são as condições que essa visão de certa maneira mais lúdica definem na hora de sindicalizar-se ou reivindicar salário, por exemplo, nestes segmentos de trabalhadores jovens?

Ainda sobre o transporte à noite. Normalmente, para os passageiros que pegam na porta de casa em áreas consideradas pouco seguras, os motoristas têm a orientação de não ficar com o carro parado à noite na rua. O procedimento é dar uma volta e passar novamente para ver se o passageiro já está aguardando. Não consegui evitar pensar que assim, quem

aguarda e fica exposto é o usuário do transporte, também trabalhador e no caso cliente do prestador de serviço.

Alguns dias da semana, após me procurar em casa, vamos até a casa de outro colega que mora numa área das consideradas não seguras, o lugar é realmente escuro. Nosso colega comentou um dia em que o táxi chegou uns minutos atrasado que com o atraso, ele fica mais tempo na rua e isso é complicado. “Se um dia eu for assaltado”, disse, “a empresa vai ouvir”. Ainda considerando esse viés de consequências legais o relato de outro colega é revelador. Ele relatou que pediu algum tempo atrás para trocar o ponto de coleta não mais de cinquenta metros. O ponto em que aguardava o táxi era uma parada pouco iluminada e solitária. A menos de 50 metros existia um ponto com maior trânsito de pessoas e era considerado por ele como mais seguro. O gestor lhe informou que a troca não seria possível porque alteraria a “logística” e acabaria atrapalhando a coleta dos outros usuários. Ao ouvir essa resposta o funcionário solicitou para reconsiderar avaliando que seria mais problemático: se alterar a logística ou lidar com as consequências legais de um assalto e eventuais danos físicos de um trabalhador que estava aguardando o transporte para ir até o trabalho. Poucos dias depois, a logística foi mudada e o trabalhador passou a ser coletado no ponto por ele considerado como mais seguro.

2.8.4. O trabalho que dá ir trabalhar.

Como estes relatos mostram, o ato de ir trabalhar, isto é, se deslocar até o trabalho para iniciar as atividades e no final do expediente se deslocar desde o trabalho para outro lugar não tem nada de trivial e abrange uma infinidade de possibilidades, histórias e dilemas que geralmente passam despercebidos.

Os sistemas de monitoramento que envolvem o dia a dia de muitas empresas acabam gerando uma sensação de segurança que faz com que o contato com o outro aconteça em condições mais controladas e nesse contexto fica para a rua o “risco” da interação com o outro que é perigoso e com a cidade na qual reverberam os discursos do medo. Como bem ressalta Teresa Caldeira, essas novas morfologias urbanas do medo dão novas formas à desigualdade e abrem ao mesmo tempo mercados milionários no segmento de segurança e supervisão de áreas e de pessoas.

Acompanhando De Certeau e Ingold, entendemos que uma descrição meramente gráfica, que esvazie das vivências dos trabalhadores estes trajetos para convertê-los apenas em linhas no mapa resulta insuficiente. Ali onde os traços substituem as práticas geram-se o que De Certeau denomina como não-lugares, que seriam áreas apenas de passagem. O

paradoxo se dá por que não é possível morar nesses não lugares, só é possível morar em um lugar povoado de lembranças (De Certeau, 1994, p. 189). Ou como nos lembra Ingold (2005, p. 108) “... esses caminhos longe de serem inscritos sobre a superfície de um mundo inanimado, são os próprios fios a partir dos quais o mundo vivo é tecido”.

Pensar nesses momentos de transição entre o trabalho e o que podemos denominar como não-trabalho, sem nenhuma pretensão de rigor, pode nos ajudar a pensar em abordagens novas para situações de trabalho. Como influência, se é que influência, tanto no desempenho como na estabilidade emocional do trabalhador, deslocar-se até o trabalho de carro, sozinho ainda que eventualmente enfrentando engarrafamentos cada vez mais normais nessa cidade ciborge em que homens e máquinas cada vez são mais interdependentes? E se o transporte utilizado é público, lotado e nem sempre no horário, carregando por vezes pasta, mochilas e filhos que devem ser acompanhados até creches e colégios antes de iniciar mais um dia de labuta? Será que questões de gênero são relevantes? Os cartazes disseminados em terminais, ônibus e metrô divulgando a campanha contra o assédio no transporte coletivo: “O TRANSPORTE É PÚBLICO, MEU CORPO NÃO” tem algum eco na consciência de quem desrespeita o corpo do outro, achando que pode aproveitar-se da situação da sobrelotação dos meios de transporte? Os caminhos permitidos e interditados são os mesmos para homens e mulheres? Como afeta o traslado (tempo e espaço) pensando em dinâmicas de cuidado para as trabalhadoras e os trabalhadores que têm dependentes a seu cargo?



Figura 9: Campanha no transporte publico contra o assédio sexual
Fonte: Javier Calixto

Estas questões e outras que não é possível desenvolver aqui nos levam a pensar que o estudo dessa fronteira, dessa interface entre o trabalho (enquanto lugar físico) e o que aceitamos denominar como não-trabalho (também enquanto lugar físico) pode trazer aportes sobre as vicissitudes, as tensões e os medos que as trabalhadoras e os trabalhadores partilham em seu cotidiano. Entender as táticas e as astúcias utilizadas para driblar os inconvenientes que o dia a dia apresenta demanda sair dos trajetos desenhados nos mapas e dos custos calculados nos departamentos de recursos humanos na hora de calcular o montante em dinheiro necessário para o transporte. A estes temos que adicionar, sob risco de ficarmos com uma pálida sombra dessa realidade, as vivências e as memórias que os trabalhadores têm sobre esses eventos. Será que é possível traçar um paralelismo entre trabalhadores que fazem uso de ferramentas próprias do mundo virtual para desenvolver suas atividades e a relação que têm com o espaço na cidade, no bairro? Qual será a diferença se considerarmos trabalhadores definidos como responsáveis por trabalhos mais “criativos” nesse mundo virtual e aqueles que apenas ingressam dados ou manipulam informações no que seria um nível mais baixo de responsabilidade?



Figura 10: Emoticon na Estação Unisinos
Fonte: Javier Calxito

Para finalizar A imagem ao lado representa o desenho que imita um emoticon de uma cara triste. O desenho foi inserido no espaço faltante de uma pastilha cerâmica na parede da estação Unisinos do Trensurb. Desenho que quebra a hegemonia reticulada do azul e contra ela se rebela, ainda que para isso, de uma maneira reveladora, como resposta humana traga uma imagem traduzida da cibercultura. O desafio que aceitamos nesta pesquisa é procurar os rostinhos, sejam eles tristes ou felizes, no reticulado que impõe a homogeneidade da cidade ciborge e do trabalho assalariado. Desenhos humanos que assim como a hera que nasce nas fendas dos muros brancos e imaculados da cidade passam por cima da lógica que tenta se impor dominante e mostram que a vida sempre acha caminhos para seguir adiante.



Figura 11: Embarque no ônibus na Estação Aeroporto, Porto Alegre. (2019)
Fonte: Javier Calixto



Figura 12: No Trensurb às 09:00hs (2019)



Figura 13: Um senhor que estava embarcando no ônibus disse uma tarde: “As latas têm sorte. Não estão tão apertadas que nem a gente” (2019)
Fonte: Javier Calixto

3 CONCEITO DE MUNDO – ESPAÇO VIRTUAL

Neste capítulo nosso esforço se orienta a relacionar as narrativas do capítulo anterior a uma síntese teórica que nos ajude na procura por novas perguntas e dessa maneira evitar que as trajetórias de vida de nossos entrevistados sejam consideradas apenas como dados anedóticos de maior ou menor relevância. Como explicitamos na introdução, a música e a poesia terão um lugar central em nossa narrativa, lugar, alias que têm na vida dos trabalhadores na maioria dos países da América Latina.

Tentaremos entender as diferentes dimensões do tempo e para isso nos apoiaremos em autores como Norbert Elias e Milton Santos. A relação do tempo e do espaço nos permitirá uma primeira aproximação de conceitos como espaço virtual e como a apropriação, em nossa sociedade, das novas técnicas emergentes permitem tanto a contração como a expansão do binômio tempo/espaço.

Esse percurso nos permitirá pensar que entendemos por trabalhador virtual e por virtualização. Faremos uma abordagem tangencial ao aporte que os feminismos latino americanos têm a somar neste debate para nos perguntarmos no final se existe alguma forma dos trabalhadores de estes novos mercados se organizarem para reivindicar seus direitos. Finalizaremos o capítulo com um relato que povoa as redes tecnológicas de trabalhadores, de corpos e sentimentos para pensarmos no trabalho imaterial, sem peso, virtual e seu impacto no mundo físico.

3.1 *El tiempo pasa, nos vamos poniendo viejos*

Mercedes Sosa com sua música Años constata:

*El tiempo pasa
Nos vamos poniendo viejos*

...

*Vamos viviendo
Viendo las horas
Que van pasando*

Em Tempo perdido Renato Russo filosofa:

Todos os dias
quando acordo
Não tenho mais
O tempo que passou
mas tenho muito tempo
Temos todo o tempo do mundo

Cazuza, em O tempo não para denuncia:

Eu vejo o futuro repetir o passado
 Eu vejo um museu de grandes novidades
 O tempo não para
 Não para não, não para

Para finalizar esta introdução que povoa minha memória de sons e ritmos, Mario Benedetti escreve para ouvir seu poema *Tiempo sin tiempo*:

*Preciso tiempo. Necesito ese tiempo
 que otros dejan abandonado,
 porque les sobra o ya no saben
 que hacer con él.*

*Tiempo en blanco,
 en rojo, en verde,
 hasta en castaño oscuro,
 no me importa el color.
 Cándido tiempo
 que yo no puedo abrir
 y cerrar como una puerta.*

*Tiempo para mirar un árbol, un farol,
 para andar por el filo del descanso,
 para pensar qué bien hoy es invierno,
 para morir un poco y nacer enseguida,
 y para darme cuenta,
 y para darme cuerda.*

*Preciso tiempo el necesario para
 chapotear unas horas en la vida,
 y para investigar por qué estoy triste
 y acostumbrarme a mi esqueleto antiguo.*

*Tiempo para esconderme
 en el canto de un gallo
 y para reaparecer
 en un relincho,
 y para estar al día,
 para estar a la noche*

*Tiempo sin recato y sin reloj,
 vale decir preciso,
 o sea necesito,*

*digamos me hace falta,
tiempo sin tiempo.*

3.1.1. Podemos separar o tempo físico do tempo social?

Norbert Elias (1998. Págs. 63-64) cita uma definição de Censorinus, um intelectual romano do século três que escreveu em sua obra *De die Natali* da qual chegaram até nosso tempo apenas citações de outros autores:

“[O tempo absoluto] é imenso, sem começo nem fim. Não se relaciona com nenhum ser humano mais do que com outro. Divide-se em três tempos: o passado, o presente e o futuro. O passado não tem entrada, o futuro não tem saída. Quando o presente, situado numa posição intermediária, é tão breve e inapreensível, que não possui extensão própria e parece reduzir-se à conjunção do passado com o futuro. É tão instável que nunca fica no mesmo lugar; e tudo aquilo que é por ele atravessado é retirado do futuro para ser entregue ao passado.”

Iniciamos nossos raciocínios sobre o “tempo” com uma pergunta: Será que estamos falando da mesma dimensão, do mesmo conceito ao pensarmos no tempo como dado objetivo, ou como criação, portanto subjetiva? Entendemos por “dado” o que no dicionário Michaelis define como “princípio ou base para se entrar no conhecimento de um assunto”, ou ainda como “Elemento, princípio ou quantidade conhecida que serve de base para a solução de um problema”. Já o verbete “criação”, no mesmo dicionário, é definido como “Produção resultante da ação criadora e do trabalho humanos; invento, obra”

Independente da subjetividade humana e da criação de conceitos como ‘tempo’ ou ‘devir’ o fato de os humanos, assim como os outros seres vivos passarem por uma sucessão de etapas: nascem, se desenvolvem e finalmente morrem. Esse fato nada tem a ver com o desejo ou a consciência dos homens como afirma Elias (1998. p. 21). Se pudermos constatar com Mercedes Sosa que o tempo passa e vamos ficando velhos, de alguma maneira nossa procura pelo tempo sem tempo de Bendedetti é um gesto de revolta contra esse tirano que não para.

Podemos assim arriscar, seguindo Elias (1998. p. 10) uma primeira aproximação à pergunta acima: O passar do tempo marca ao mesmo tempo a sequencia de acontecimentos naturais e sociais?

Diferentes sociedades ao longo do tempo têm observado algum evento físico para, a partir dele, situar as atividades da sociedade, seja no fluxo de um devir ou apenas para lhe designar uma duração. Um exemplo nesse sentido pode ser a rotação da Terra ao redor do Sol que serviu para definir o ano calendário. Esse fenômeno físico escolhido dentre inúmeras

outras possibilidades permite tanto comemorar meu aniversário cada 28 de dezembro como saber a validade do leite que compro no mercado do meu bairro. Podemos assim nos apropriar e de alguma maneira controlar as mais variadas sequencias de eventos, sejam eles físicos, sociais ou pessoais em função o que Elias denomina como “símbolos reguladores temporais”, criados e usados pela sociedade na qual os indivíduos estão inseridos. Não precisamos nos estender mais para notar a arbitrariedade que existe em relacionar um evento astronômico como a rotação da Terra em torno do Sol e a data de validade de um produto qualquer que compramos no mercado.

Ainda acompanhando Elias (1998. p. 60):

“O que chamamos de tempo é um quadro de referência para erigir, por meio de uma sequencia de eventos, limites reconhecidos pelo grupo. É por isso que o conceito de tempo é aplicável a tipos completamente diferentes de contínuos evolutivos.”

O avanço da urbanização consequência da disseminação do sistema capitalista ocidental contemporâneo criou a necessidade de sincronizar uma série de atividades humanas, portanto sociais. Nesse contexto a quantificação do tempo surge como uma ferramenta que permite aos homens realizar tarefas sociais com precisão. Por essa razão entendemos que resulta difícil, se não impossível o estudo separado dos tempos sociais (no plural) e do tempo físico (no singular).

Não teremos condições neste trabalho de aprofundarmos no conceito de “tempo” que com certeza estamos longe de esgotar. Existem, no entanto, alguns pontos que desejamos marcar por considerarmos que nos auxiliarão posteriormente. Em primeiro lugar, o fato de na sociedade “global” contemporânea o tempo “físico” ter uma preeminência sobre o tempo “social”. No cerne desta hierarquização interpretamos que está a característica do tempo físico poder ser representado por quantidades isoláveis, que podem ser medidas com precisão e juntá-la a outras quantidades que podem relacionar-se através das matemáticas conferindo-lhe uma aura de universalidade. Perante essa “precisão”, o tempo social impreciso e incomensurável (que convive com o contratempo e o fora de tempo) que se apresenta como uma construção humana permaneceu insignificante e menor.

Em segundo lugar, o conceito de tempo está intimamente ligado na tradição social ao conceito de espaço. Às três coordenadas que nos permitem localizar espacialmente um evento (x, y, z na geometria cartesiana ou terceiro andar do prédio na esquina das ruas “C” e “37” na vida cotidiana), podemos acrescentar uma quarta dimensão que é o tempo, coordenada necessária para a sincronia de eventos ($t=15\text{seg.}$ na Física, nos encontramos às 16:30 na vida

social). Paremos agora para pensar como se agenda uma reunião “virtual” através de algum recurso informático que permita a pessoas das mais impensáveis regiões do mundo participar, por exemplo, de uma reunião por Skype. As informações necessárias são o horário, por exemplo, 9UTC e contato da pessoa que organiza a *meeting* ou em seu lugar, o “endereço” para acessar a reunião, geralmente um link que nos levará por caminhos insondáveis através da rede mundial de computadores até um “servidor de rede” que fornecerá o serviço. Mas os participantes ignoram onde esse servidor está localizado fisicamente. E a reunião acontece, eu aqui e o outro lá. Mais ou menos como era possível fazer telefonicamente algumas poucas décadas atrás.

Afirmamos no parágrafo anterior que pessoas de qualquer parte do mundo podem participar de uma reunião virtual. Isso é verdade apenas se os indivíduos, no lugar em que se encontram têm acesso à internet e ainda se não existe alguma restrição técnica ou política para acessar um serviço como Skype. Uma vez que essas condições de “conectividade” estão dadas, o indivíduo pode participar da reunião e não precisa atravessar bairros, cidades ou países, interagir com uma quantidade de pessoas que encontrará no percurso e que nada tem a ver com o motivo do ‘deslocamento’ para participar da reunião com as pessoas com quem desejo de fato me comunicar. Não preciso conhecer caminhos, áreas interdidas ou de risco, não preciso nem mesmo dizer bom dia para alguma recepcionista na portaria do prédio ou da empresa. Apenas precisarei tirar meu fone de ouvido para falar com quem me interessa falar e só. A liberdade absoluta para escolher meus rumos no universo e as pessoas ou os artefatos que dele fazem parte!

Podemos ainda considerar uma quinta dimensão para além das três coordenadas espaciais mais o tempo e esta dependerá do grupo social que construiu a simbologia que ordena os eventos espaço-temporais. Dificilmente os exemplos mencionados acima fariam sentido, por exemplo, para o grupo de índios isolados da etnia Korubo recentemente contatados no Vale do Jari, no extremo oeste do Amazonas. Essas pessoas até o momento viveram isoladas da civilização ocidental ainda que seu território faça parte do Brasil. Muito provavelmente o sistema de organização do espaço-tempo dessa tribo é tão complexo quanto o ocidental, porém, sustentado em sua própria cosmologia.

Consideramos seguindo autores como Elias que o enigma do tempo é um bom exemplo de um símbolo que usado exhaustivamente, pode se tornar independente dos dados observáveis e adquirir, ele próprio, o estatuto de dado no pensamento humano, entendido como uma realidade universal. Algumas perguntas que nos fazemos e que tentaremos

começar a elucidar nos parágrafos que seguem: É possível concebermos um tempo sem espaço? Será que essa pergunta vale apenas para o tempo socialmente construído? Se a resposta for afirmativa, como é possível que esse tempo construído desconsidere o espaço físico, aquele das cores, dos cheiros, aquele em que nossa pele procura outra pele para tocar e nossos olhos procuram outros olhos. Espaço em que precisamos nos alimentar, espaço em que adoecemos, envelhecemos e no final, morremos?

3.1.2. O espaço como suporte do tempo

Milton Santos (2001), por sua vez, acompanhando Baillard separa o tempo em três tipos de tempos diferentes: cósmico, histórico e existencial. O tempo cósmico, da natureza, é um tempo objetivado, está sujeito a cálculos matemáticos. O tempo histórico, também é um tempo objetivado, pois a história o testemunha, mas nesse testemunho há censuras em vista da profunda carga humana que carrega e por fim temos o tempo existencial, um tempo íntimo, não externado, não objetivado. Esse tempo existencial é o tempo do mundo da subjetividade e não da objetividade. Mas, isso é importante, esses tempos todos se comunicam entre eles, na medida em que o tempo é social.

Nas cidades, ainda acompanhando Milton Santos (1977), entendemos que o espaço é formado pelo menos por dois elementos: materialidade e relações sociais. Assim, podemos imaginar que a paisagem é toda passado, porque o presente que escapa de nossas mãos, já é passado também.

Então, a cidade nos traz através de sua materialidade, que por sua vez é um dado fundamental para entender o espaço, a presença dos tempos que se foram e que permanecem através das formas e objetos que são também representativos de técnicas e modos de sociabilidade. As técnicas andam de mãos dadas com o tempo e podem ser deste um sinônimo. As técnicas de um dado momento expressam as possibilidades de realização humana e chegados neste ponto perguntamos, adiantando nossa aproximação à virtualidade que faremos a continuação, quais serão esses vestígios nos espaços virtuais? Existirão espaços virtuais diferenciados? Espaços virtuais de primeiro e terceiro mundo? Existirão espaços virtuais poluídos?

Transportar cada dia milhares de trabalhadores, manter os serviços de eletricidade, de água e de televisão depende tudo de um fato: o tempo. Esse organismo não poderia sobreviver se não estivesse sincronizado, cada passo, cada refeição, cada ligação.

Não temos, enquanto indivíduos o mesmo comando do tempo na cidade, as firmas não o têm e muito menos os Estados nacionais. Em paralelo temos um tempo que

denominaremos, seguindo Milton Santos, cósmico a falta de um adjetivo mais preciso, que é sucessão, que não para, temos um outro tempo dentro do tempo, um tempo que é comandado pelo espaço. Como afirma Milton Santos (2001, pág. 2) “No momento em que o tempo aparece como havendo dissolvido o espaço, a realidade é oposta: O espaço impede que o tempo se dissolva e o qualifica de maneira diversa para cada ator.”

3.1.3. Sobre geografias virtuais.

O que faz um lugar ser de primeiro ou de terceiro mundo? Entendemos que uma soma de características podem ajudar a responder a pergunta, grosso modo podemos afirmar que um lugar de primeiro mundo seria associado ao centro, o lócus das decisões políticas e econômicas deste mundo globalizado. Já o terceiro mundo ficaria na periferia. Assim a França, por exemplo, é considerada um país do primeiro mundo e o Brasil um país do terceiro mundo. Ao falarmos de pessoas e não apenas de lugares, essa definição mostra-se insuficiente. Neste modelo definido previamente um morador de um bairro periférico de Paris seria um cidadão de primeiro mundo e por sua vez um cidadão de um bairro nobre de Rio de Janeiro seria um cidadão de terceiro mundo. Tentamos com esse exemplo banal explicitar como categorias gerais e tiradas de contexto podem mais confundir do que esclarecer na hora de assumir premissas.

Entendemos que tentar traduzir categorias criadas para explicar o mundo físico (e que já nesse contexto são problemáticas) para o mundo virtual nem sempre será possível e não tenho neste momento certeza se conceitos como tempo e espaço, ao falarmos do mundo virtual tem o alcance que têm no mundo físico. Claro, essa divisão entre mundo físico e virtual também é uma construção, pois sem querer entrar em dilemas filosóficos dos quais teria grande dificuldade para sair, se assumimos que o mundo físico é real podemos aceitar que o mundo virtual também é real?

Nossos interlocutores nos dão algumas pistas dessas diferenças de “mundos”. Assim, Marcelo lembra daquele usuário que jogou um computador na cabeça do seu colega quando trabalhava na recepção do hotel, já no mundo virtual, seja no telefone ou no computador, os usuários não mordem! João nos lembra com muita propriedade que decisões do mundo virtual incidem no mundo físico e dessa maneira é possível tanto movimentar uma esteira na fábrica como dirigir um drone que jogará uma bomba em algum lugar do mundo. Mas tem também efeitos no próprio mundo virtual. Ao inserirmos informação em um banco de dados estamos interagindo apenas no mundo virtual. Penso neste momento em João ao afirmar que a religião, entanto virtualidade tem como objetivo “Baixar do mundo das ideias ao mundo das

experiências sensíveis” e pergunto se toda virtualidade tem como objetivo baixar ao mundo das experiências sensíveis, mais concretamente se a virtualidade criada pelas ferramentas informáticas sempre têm por objetivo interagir com o mundo físico ou ainda se toda virtualidade tem um objetivo. Alguns exemplos sobre rumos que a inteligência artificial (IA) está tomando nos faz pensar que no futuro, talvez, o mundo virtual seja o único mundo real dessas ferramentas. Futurologia ou ficção científica? Confesso que **não** tenho neste momento como ir adiante neste devaneio. Fico feliz ao poder substituir minha dúvida inicial sobre se existem espaços virtuais de primeiro ou de terceiro mundo e colocar no seu lugar novas dúvidas.

Voltando aos analistas de suporte técnico de TI que atendem usuários de maneira remota. Eles falam com pessoas do seu nível hierárquico e não têm contato com pessoas ou áreas de níveis restritos ou de decisão. Sempre que têm acesso a pessoas ou áreas restritas é apenas para executar tarefas bem delimitadas e específicas. Podemos assumir a partir de nossa pesquisa que *a priori*, no mundo virtual que as corporações disponibilizam para atender às demandas de seus clientes, que também são corporações, os indivíduos têm o mesmo acesso a lugares e pessoas que teriam no mundo físico. Existem interdições e caminhos permitidos que são estabelecidos por indivíduos com níveis de decisão superior. No mundo virtual do trabalho então, as regras de acesso a pessoas e lugares teriam regras similares às do mundo físico. A diferença estaria dada pelo fato de no mundo virtual os trabalhadores poderem atender usuários que em termos geográficos estão dispersos. Em lugar de ter uma equipe em cada *site* é possível atender desde um único lugar, vários *sites* com uma única equipe. Essa característica faz com que os trabalhadores tenham menos tempo “ocioso” e para as empresas resulta em uma redução drástica do custo graças à concentração de recursos.

3.1.4. O trabalhador virtual.

Para o analista tanto faz se o usuário está em Angola ou na Espanha, apenas precisa ter condições de se comunicar com ele no idioma combinado por contrato entre as empresas, a que presta e a que recebe o serviço. Mas esse contato interpessoal e principalmente o acesso a ele nada lhe acrescenta em termos de experiências sensoriais. Não sabe se o local de trabalho do usuário é frio ou quente, iluminado ou não, como é o entorno desse local de trabalho, está conservado e resulta bonito ou pelo contrário está degradado.

Assim que finaliza esse atendimento de um usuário que mora e trabalha no norte da Espanha, outro, na periferia de Buenos Aires precisa ajuda. Não existe um contexto, um pano de fundo comum que sirva para estabelecer uma comunicação na qual a empatia tivesse um

lugar. E como relata Amanda, os usuários de alguns países são mais frios e não querem amabilidade, apenas uma solução para seu problema pontual. Aos poucos, os analistas vão descobrindo essas características. Assim a alteridade ao outro lado do telefone ou do computador passa a ser um objeto. A interação mais do que com outra pessoa passa a ser com o problema por ela relatado e a solução se restringe a alimentar informações em alguma base de dados (desde o computador do analista) e dessa mesma base obter outros dados para encaminhar a solução do problema. Existem já ferramentas de inteligência artificial (IA) que interagem com o usuário para este obter a solução do sistema inteligente para problemas mais simples ou rotineiros. E algumas dessas ferramentas de IA que conheço são realmente eficientes. O detalhe é que muitos usuários se resistem a “falar com uma máquina” e muitos analistas, por sua vez, se resistem a deixar nas mãos “de uma máquina” seu trabalho. Lembro agora de Don Martin, o pai de Marcelo e sua resistência contra o computador que queria fazer seu trabalho.

Em resumo podemos afirmar que se alguns usuários e analistas rejeitam as ferramentas automatizadas que a inteligência artificial fornece, outros abraçam essas soluções entusiasticamente. Se entre trabalhadores existem opiniões encontradas sobre essas novas ferramentas, e isto é uma opinião pessoal, entre as corporações globais a inteligência artificial é o futuro e uma solução que pode aumentar a produtividade e em consequência o lucro.

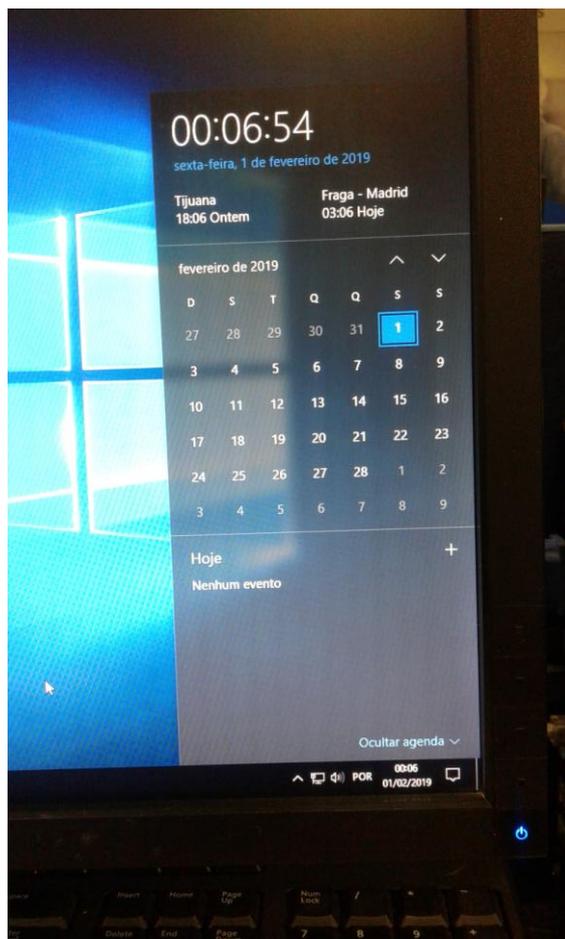


Figura 14: Horários em São Leopoldo, Brasil; Fraga, Espanha e Tijuana, México. (2019)
Fotografia Javier Calixto

Na figura acima vemos um exemplo. Na tela do computador acima temos a hora local do sistema, hora que rege os tempos do analista, no caso 00:06hs. Na parte superior do calendário constam o horário de Tijuana no México 18:06, ou seja as seis da tarde do dia anterior e em Fraga, na Espanha são as 03:06 da madrugada. O simples fato de cumprimentar dando “bom dia” ou “boa tarde” já é um desafio. Dependendo do horário a demanda é maior de um país do que de outro e isso possibilita minimamente preparar-se para atender seguindo regras mínimas de polidez que façam sentido para o usuário. Essa precaução deveria ser a mesma que o analista teria que cuidar para atender um usuário no mundo físico.

Voltando a Santos (1977 e 2001), cada um de nós tem um recorte do tempo que aparece como espaço. Isso permite a convivência na cidade de ricos e pobres, de grandes e pequenas empresas, em definitiva de dominantes e dominados. O espaço é tempo, isso possibilita a coabitação no mesmo espaço de diferentes temporalidades. Isso faz com que o trabalhador se adapte aos novos processos para otimizar a produção da empresa ainda que para tal precise fazer mais coisas em menos tempo. A economia pobre trabalha onde as

velocidades são lentas. É possível se locomover velozmente do aeroporto até o centro. São criadas condições para acelerar o tempo. Já entre os bairros o transporte é lento. E assim surgem questões que esperamos começar a elucidar, a que nos interessa neste momento é se a virtualidade acelera o tempo de todos os indivíduos da mesma maneira. Entendemos que não. Tendo em mente a restrição ao uso dos conceitos de tempo e espaço como análogos tanto no mundo físico como virtual já desenvolvida anteriormente, o trabalhador virtual, em nosso caso o analista de TI lida com economias e sim, com espaços diferentes. Já vimos que na ponta dos dedos tem a possibilidade de deslocar-se virtualmente a qualquer parte do mundo e de fato solucionar alhures problemas reais do mundo físico. Já vimos também, no capítulo anterior o trabalho que da ir trabalhar e as dificuldades e os riscos envolvidos nesse deslocamento até a empresa. De posse dos recursos que a empresa lhe fornece o analista pode desprender-se de seu corpo físico, deixá-lo sentado na sua cadeira sofrendo as dores e as lesões por esforço repetitivo, as LER tão na moda e ir a qualquer lugar do mundo para solucionar um problema.



Figura 15: Urubus na janela do analista (2018)

Foto Javier Calixto

Por várias semanas um grupo de urubus se pousava todas as tardes em alguma das janelas da sala do projeto em que trabalhávamos. Esse dia em particular o analista junto à janela estava tentando solucionar um problema complexo de um usuário acho que da Costa Rica fazia já quase uma hora e os urubus olhando para ele...O colega que estava sentado no *cube* ao lado lhe disse

- Não desista companheiro! Diga para eles hoje não!

A gargalhada foi geral e por um instante nosso mundo físico ficou mais leve e descontraído.

3.1.5. *A compressão do tempo e do espaço*

Acompanhando Conchiero (2018, p.19) uma coisa parece clara: Uma das características que melhor define o capitalismo contemporâneo é a aceleração. Já Marx (1987) defendia no *Capital* que a fórmula $D - M - D'$ seria a fórmula universal do capital. O dinheiro (D) transforma-se em mercadoria (M) que por sua vez se transforma novamente em dinheiro (D') e podemos assim fazer duas observações sobre essa afirmação. Podemos pensar na componente circular que esta construção implica (dinheiro – mercadoria – dinheiro) para contrapor a ideologia do tempo linear que nos apresenta uma linha do tempo que o progresso, enquanto lei universal nos impõe. Podemos aceitar desta maneira que nossa construção do tempo, assim como a de antigas culturas não capitalistas é mais helicoidal do que linear. Antes o transcurso do tempo linear que somava anos ao devir da sociedade se dava no marco de eventos de ocorrência cíclica. Ano após ano havia um período específico para plantar e outro para colher, havia um período em que as fêmeas dos animais de criação ficavam prenhes e outro em que os filhotes nasciam. O tempo linear dos anos e o circular dos eventos que precisavam se repetir corriam juntos nessa formação que muitos autores definiram como uma helicóide. O progresso e a evolução desenfreada que é imposta como norma da sociedade ocidental contemporânea e capitalista hoje enfatiza o tempo linear entanto que a componente circular é menosprezada senão ocultada. A diferença desse tempo circular entre esses dois tipos de sociedade reside no fato das sociedades pré-capitalistas aceitarem a definição do tempo no ciclo como fato externo e ao qual deviam se adaptar. No capitalismo contemporâneo esse ciclo que transforma dinheiro em mercadorias para receber novamente dinheiro está em contínua aceleração e tornou-se uma variável interna, passível de manipulação. O processo mercantil tradicional faz com que o capitalista receba mais dinheiro do que investiu na compra/manufatura das mercadorias, dinheiro que permite a compra/manufatura de mais mercadorias e a remuneração do capital. Sempre que o ciclo é reduzido, o lucro aumenta. Para reduzir o ciclo aumenta-se a velocidade, podemos entender

que se acelera, entendendo por aceleração a definição do dicionário online Michaelis: “Redução ou encurtamento de tempo de um acontecimento; abreviação, antecipação, pressa, precipitação.”

Podemos entender a sequência de aperfeiçoamentos tecnológicos e a otimização das estratégias gerenciais desde o início da era capitalista como ferramentas fundamentais para encurtar o ciclo do capital. Entendemos, ainda acompanhando Conchiero, que o objetivo de redução desse ciclo do capital se dá na manipulação de duas variáveis fundamentais na lógica ocidental contemporânea, com a aceleração do tempo se procura uma compressão do tempo e do espaço. Informações que podiam demorar anos até chegar ao receptor, hoje são transmitidas “ao vivo” no momento em que acontecem, de maneira simultânea. Ao mesmo tempo deslocar-se grandes distâncias, coisa que no passado podia ser impossível ou podia levar longos períodos de tempo hoje pode acontecer em algumas horas. Dependendo do motivo do deslocamento, o mesmo pode ser substituído por encontros “virtuais” em que pessoas de diferentes partes do mundo fazem parte de uma reunião na que apenas precisam possuir as ferramentas tecnológicas adequadas e podem permanecer fisicamente em casa, no escritório ou numa lanchonete.

Claro, como vimos anteriormente essa compressão do tempo e principalmente do espaço não atinge a todas as empresas e pessoas da mesma maneira. A economia rica, para usar uma expressão de Milton Santos estimula a velocidade, tanto para empresas quanto para pessoas, já a economia pobre trabalha no que seria um ritmo mais lento.

3.2 O mundo virtual é real?

O trabalho, enquanto categoria analítica nos desafia a pensarmos sobre esse fluxo de processos virtuais que fazem parte do nosso cotidiano e que transcendem a informatização. O computador e seus irmãos menores (que estão crescendo a olhos vista) como *tablets* e *smart phones* são possivelmente os fenômenos mais visíveis nessa transformação nos últimos anos. Entendemos, acompanhando toda uma corrente de autores que se dedicam a estudar campos como a antropologia das ciências, por exemplo, que esse desenvolvimento tecnológico está longe de ser imparcial e objetivo como insistem em tentar convencer-nos. O desenvolvimento pregado pela sociedade capitalista ocidental eurocentrada comunica efusivamente os logros dos avanços tecnológicos, sustentados no conhecimento científico que aparece como uma verdade universal que representaria por se tratar, a ciência, da interpretação da “natureza” e suas regras de uma verdade universal que independe da sociedade e seus interesses.

O *smart phone* que carregamos em nosso bolso tem hoje, um poder computacional maior do que dispunha a NASA para no projeto do Apolo 11 enviar o ser humano à lua há cinquenta anos. Usamos o celular hoje para compartilhar fotografias com amigos nas redes sociais ou para ver se vai chover antes de sairmos de casa. Sei, estou simplificando um pouco, pois se esquecermos do celular em casa ou se fica sem bateria será um pequeno drama...

O ponto é que com toda essa evolução tecnológica da qual os telefones celulares são apenas um reflexo, ainda morrem crianças afetadas por doenças das mais banais, como diarreia nos lugares mais pobres do que alguém deu em denominar como terceiro mundo. Ainda existem populações para quem o supermercado e o restaurante são os lixões em que são descartadas as sobras de essa sociedade de abundância. E essa situação de vida que aceita democraticamente crianças e idosos ao lado de homens e mulheres em idade “economicamente ativa”, catando comida ou lixo que poderão depois trocar por moedas estará em minha mente e meu coração ao teorizar sobre o trabalho. Esse contingente que não têm acesso ao trabalho e por isso não consome. Que não consome e por isso não têm acesso ao trabalho.

Estes parágrafos não são apenas um apelo sentimental. São parte do desafio que tenho em mente, na hora de escrever ou na hora de ler nossos *papers*. Os grupos que estudamos estão compostos por pessoas e alguns deles passam pelas mais inumanas privações nesta mesma hora em que estou sentado na frente de meu computador no conforto do meu lar.

3.2.1. *O que entendemos por virtualização.*

Nos orientará em nossos devaneios Pierre Lévy (2011, 2018) e com ele assumimos como premissa que é virtual o que existe em potência e não em ato. Achamos interessante pensar etimologicamente sobre a palavra virtual, que se deriva de *virtus* termo apropriado pela filosofia escolástica, que na idade média procurava conciliar a fé com a razão. É aceito pelo senso comum que seria virtual tudo aquilo que não é real, virtual assim teria uma convergência com o falso, o ilusório. Seguiremos a corrente que para pensar nas possibilidades do virtual não opõe o virtual ao real e sim ao atual. Expliquemos melhor.

Atualização seria uma solução nova, não predeterminada que responde a um problema dado. Atualização envolve criação, invenção. É uma solução encontrada para um problema a partir de uma configuração dinâmica de forças e finalidades. Vejamos um exemplo. Ao lermos um texto estamos atualizando o que o autor escreveu, suas palavras e a combinação por ele definida, a sequência da narrativa é por ele escolhida e a partir dela surge nossa

interpretação. Para seguir o que afirmamos antes, ainda neste parágrafo, nossa interpretação seria a resposta a um problema que o texto despertou. Se em lugar de um texto tradicional, com início meio e fim pensamos no hipertexto essa possibilidade criativa dá-se já na etapa de leitura. A escolha da sequencia na narrativa estará dada pela nossa intencionalidade. As possibilidades de atualização do texto se multiplicam e cada atualização implicará em uma resposta diferente ao desafio apresentado pelo texto. O texto assim entendido estaria dado virtualmente e cada escolha de caminho que fazemos ao seguir os diferentes *links* seriam possíveis atualizações.

Uma das suas características que queremos privilegiar da virtualização é precisamente o desprendimento do aqui e agora que possibilita. Para Michel Serres, em seu livro Atlas, considera que antes da informatização já existiam poderosos modelos de virtualização, dentre eles a imaginação, a memória, o conhecimento e também a religião. Estas opções permitem o que podemos entender como uma desterritorialização, o momento torna-se um não-presente. Com a virtualização podemos prescindir de duas situações fundamentais para a narrativa clássica, para a transmissão de um vídeo pela internet, por exemplo, não é necessária uma unidade de tempo e de lugar para acontecer. Com o envio de um e-mail, por exemplo, uma ação pode continuar sem existir uma duração (temporal) contínua. Ainda acompanhando Lévy (2011, p. 21) afirmamos que a sincronização substitui a unidade de lugar e a interconexão substitui a unidade de tempo. Isso não significa que o virtual acontece apenas no que seria um mundo intangível, imaterial e que a ele se restringe. A virtualização tem efeitos, não sabemos dizer se ao participarmos de um chat pela internet, este acontece em meu computador, no computador do outro usuário ou na rede de computadores no mundo como um todo. Do resultado dessa interação, no entanto, pode surgir uma nova oportunidade de negócio, um romance ou pode ser iniciado um ataque militar que acabará com milhares de vidas.

Fazer de restrições tão contundentes como o tempo e o espaço geográfico apenas variáveis passíveis de manipulação está no cerne da virtualização. Cada sociedade cria seu espaço e seu tempo. No mundo dos humanos com acesso ao universo da globalização, construir aeroportos pode ser pensado como se de fato, uma “mão invisível” aproximasse esses pontos e essas geografias. Lévy nos ensina (2011, p. 23) que o primeiro grau de virtualização é a criação de novas velocidades. E na página 33 nos desafia ao afirmar que “nosso corpo pessoal é a atualização temporária de um enorme hiper corpo híbrido social e tecnológico.” Voltando ao exemplo do chat, nosso corpo tangível separa-se do(s) outro(s)

corpo(s). O corpo tangível está aqui, na cadeira em frente ao computador, já os outros não tenho certeza. O corpo virtual se multiplica e criamos para nós mesmos organismos virtuais que enriquecem nosso organismo sensível sem nos impor a dor, afirma Lévy. Vou mais longe e penso se no limite, esses organismos virtuais podem ser imunes à frustração e ao infortúnio que eventualmente nosso corpo tangível tem que enfrentar. Mas essa relação entre organismos é complexa e não se entrega docilmente à alguma categoria que pretenda acolhe-la de uma maneira simplificadora. Constantemente estamos recebendo estímulos para consumir no mundo tangível, quando esse consumo, no entanto, é interdito é possível recorrer ao mundo virtual e assim o fraco pode tentar vencer o forte repetidamente no jogo e não importa as quantas vezes seja vencido, somente precisa ter vontade de jogar mais uma vez. Nada é definitivo, nada é para sempre ou irreversível.

Orientando nosso pensamento para a virtualização e sua relação com o mundo do trabalho, podemos ver no computador não apenas como um objeto na frente do trabalhador, delimitado fisicamente pelo espaço de sua CPU, monitor, teclado e *mouse*. Podemos pensar no computador como uma presença única que abrange todos os espaços da rede, podemos fazer da “caixa preta”, no sentido latouriano (Latour, 2009) de todas as ferramentas de hardware e software que interconectam a rede de computadores de uma corporação e estes à internet parte de nosso computador. Esse computador está sempre em mutação e não faria sentido tentar delimitar sua fronteira espacial. Lévy afirma (2011, p. 61) que no domínio do trabalho a virtualização nos faz viver a passagem de uma economia das substâncias a uma economia dos acontecimentos. A partir desta constatação se apresentam dois caminhos para aumentar a produtividade: a automação, e aqui a mão de obra menos qualificada tende a ser substituída por máquinas na efetivação de trabalhos simples e repetitivos ou, como uma segunda alternativa a virtualização das competências que aumentem a inteligência coletiva, assim aceitando uma evolução do binômio homem-máquina. Um claro exemplo desta última opção pode ser tomado dos investimentos maciços que se estão realizando em pesquisas sobre inteligência artificial (AI)

É nesse espaço, denominado por muitos como ciberespaço, em que os atos podem ser registrados e posteriormente transformados em dados com potencial para serem explorados. Para Lévy (2011, p. 72) o tempo não existe a não ser virtualmente. Eu próprio não consigo aceitar irrestritamente essa afirmação e como colocado acima, tenho minhas dúvidas sobre qual tempo falamos aos nos referirmos ao ciberespaço. Resulta importante entendermos que quanto mais uma linguagem se enriquece, maiores são as possibilidades de simular, imaginar,

criar um alhures ou uma alteridade. A técnica proporciona hoje como nunca antes, a possibilidade de imaginar e ocupar esses espaços virtuais. Graças às técnicas é possível construir ferramentas e por sua vez essas ferramentas dão acesso ao um mundo indefinido de possíveis usos. Antes do que uma extensão do corpo, uma ferramenta é uma virtualização da ação que nos dá acesso a infinidade possibilidades de atualização.

Não pensamos sozinhos. Assim como com a memória coletiva, o que podemos entender como inteligência coletiva fornece um contexto desde o qual além de lembrarmos, pensamos e nesse processo nossa cultura toda está inserida. Não tem nada de trivial acessar desde o sul do Brasil um computador na Índia para fazer funcionar uma máquina na Espanha. Toda uma rede de pessoas, hardware, software e principalmente conhecimento interagem para permitir-nos tal façanha.

Nossos pensamentos e nossa visão de mundo estão permeadas pela narrativa ocidental e esses mundos virtuais que as ferramentas informáticas possibilitam hoje, atualizadas infinidade de vezes a cada instante fazem de cada um de nós um ciborge um pouco material, um pouco imaterial. Um pouco humano, um pouco máquina. Sobre a inteligência coletiva Lévi (2011, p. 99) afirma que “o universo de coisas e ferramentas que nos cerca e que compartilhamos pensa dentro de nós de mil maneiras diferentes. Assim participamos da inteligência coletiva que as produziu”.

Como já disse Donna Haraway (2000), o ciborgue não é de barro e não pode voltar ao pó. As máquinas a partir do fim do século vinte tornaram ambígua a diferença entre o natural e o artificial, como ela própria afirma hoje as máquinas são perturbadoramente vivas e nós perturbadoramente inertes. A fronteira entre o físico e o não físico está mais apagada. Somos provocados a pensar na possibilidade de, o mundo ciborgue, poder significar realidades sociais e corporais vividas, nas quais as pessoas não temam sua estreita afinidade com animais e máquinas. Que não temam identidades permanentemente parciais e posições contraditórias.

Essa ubiquidade que permite que, estando em toda parte não seja visível, deus de uma religião que entende apenas de zeros e uns, e que reduz o mundo a códigos binários, que está no escritório, no celular e no colégio de nossos filhos. Invisibilidade que carrega junto a economia e a política do sistema que aspira, como seu deus, à hegemonia e a imposição de sua verdade universal. Realidade que está presente em toda parte, mas não podemos dizer “está aqui”. Realidade que pode contestar sua própria realidade, afirmando que não é real e para a qual resulta difícil estabelecer uma crítica concreta. Como estabelecer uma

organização sindical que interaja com as organizações. As palavras de ordem e as consignas que faziam sentido há trinta anos estão sendo contestadas e a pergunta que faço é se nesse contexto o confronto e a barricada não estão sendo substituídos pelos vazamentos de informações sigilosas e os revolucionários pelos *hackers*.

O aporte do olhar desde os feminismos podem nos auxiliar na tentativa de desenvolver um raciocínio menos simplificador. Se acompanhando Haraway entendemos que ser feminizado significa tornar-se vulnerável, capaz de ser desmontado, remontado e explorado como uma força de trabalho de reserva e que esse novo estágio preconizado como nova revolução industrial está produzindo uma nova classe trabalhadora mundial e novas sexualidades e etnicidades essa fragilidade é compartilhada por muitos trabalhadores na América Latina. É possível pensar no mundo e na vida virtual como ferramentas para acabar com a vida pública?

Em América Latina, a música, a poesia e a literatura em geral foram desde a colonização, mas principalmente no século vinte fonte de crítica, de resistência e insurgência contra o poder hegemônico que em alguns períodos precisou transvestir-se em violentas ditaduras para continuar impondo sua verdade e seus valores. Assim quando o Grupo Rumbo¹² cantava “...porque el corazón no quiere entonar más retiradas...” lembrava dos companheiros desaparecidos ou quando Daniel Biglietti¹³ cantava:

*“Yo pregunto a los presentes
Si no se han puesto a pensar
Que esta tierra es de nosotros
Y no del que tenga más”*

Eram formas de resistir o isolamento e o presente sem futuro que ao mesmo tempo traziam mensagens de novas possibilidades, de novas formas de sociedade. Se a escrita tem um significado especial para todos os grupos colonizados. A escrita ciborgue, escrita em hipertexto, que tem a ver com o poder de sobreviver apresenta hoje novas formas de resistir. Uma nova geração de poetas que escrevem em Quéchuá e espanhol, ou as escritoras e cantantes mexicanas que estão recontando os mitos de origem são um exemplo. A história de Malinche está sendo recontada pelas mulheres mexicanas e resulta emblemático.

Malinche foi uma nobre náhuatl entregue ao conquistador Hernán Cortés como escrava, nascida nos povos originários do que hoje é o México. Graças ao conhecimento das

¹² <https://www.youtube.com/watch?v=MhMXybx7jpQ>

¹³ <https://www.youtube.com/watch?v=BBWVQF8C0yQ>

línguas náhuatl e maya conta a lenda que assumiu um papel relevante na conquista, no México ainda hoje o malinchismo implica em viver uma vida contrária às tradições locais e em definitiva tracionando os costumes. As mulheres no México transformaram-na, de uma mãe diabólica, que traiu seu povo, nascida do medo masculinista, em uma mãe originalmente alfabetizada que ensina a sobrevivência. Por este e outros exemplos que podemos trazer, considero que para pensarmos a categoria trabalho na América Latina precisamos estar atentos a sua particularidade, às estratégias que historicamente seus povos escolheram para sobreviver ao colonizador. E os feminismos latino-americanos têm muito a ensinar-nos ao respeito

Mais uma vez Anibal Quijano (2011, p.4) nos ajuda a pensar nas particularidades que a teoria social desenvolvida na Europa, não necessariamente contempla a realidade americana. Para aceitarmos a sociedade ocidental contemporânea como paradigma totalizante é preciso aceitar certa homogeneidade nos fragmentos que conformam as partes dessa totalidade. Se o trabalho determina como o poder político e econômico são os pilares em que a sociedade global se sustenta, precisamos assumir que essa articulação de histórias descontínuas e heterogêneas no tempo e no espaço, que compõem as partes não existem. Assumir, no limite, que um trabalhador industrial na Alemanha tem as mesmas origens e necessidades, enquanto trabalhador, que um trabalhador nas minas da Bolívia. Pensar na existência de múltiplos universais, múltiplas totalidades ajuda a estabelecer os matizes que a relação do trabalhador com o trabalho tem em cada contexto social.

3.3 Trabalho virtual

Acompanhando Lessa (2005), podemos afirmar que vivemos hoje um paradoxo que podemos resumir da seguinte maneira: por um lado precisamos aceitar a efemeridade e a precariedade do nosso presente. Assim o que hoje mudou não pode nos servir de apoio porque amanhã o depois de amanhã mudará novamente e não temos nem o conforto de esperarmos que o que aprendemos hoje possa nos preparar para o câmbio que virá logo amanhã ou depois. Por outro lado somos convencidos da perenidade do mercado e suas leis imutáveis em que o consumo e sua filha predileta a mercadoria reinam soberanas pairando sobre os tempos. Achamos nosso refúgio no mercado, que parece que sempre esteve lá e lá por sempre permanecerá e na efemeridade do consumo calmamos nossos anseios.

Podemos descobrir no trabalho, desde sempre, o motor que faz com que os indivíduos humanos modifiquem coletivamente seu presente em função da necessidade de construir o futuro. Como o próprio autor afirma (2014, p. 77) “todos os atos de trabalho, em sua infinita

distinção, exibem a função social deles fundante: a transformação da natureza nos bens materiais indispensáveis à reprodução de cada sociedade.” É a partir do início do século XIX, no entanto, desde a revolução industrial que os indivíduos coletivamente organizados tiveram com o auxílio das máquinas a possibilidade de produzir mais do que seria necessário para o consumo.

Essa possibilidade de produzir mais do que o necessário para o consumo no sistema capitalista da sociedade ocidental contemporânea, e isso é importante, antes do que a necessidade de transformar a natureza para obter os bens imprescindíveis à reprodução social gerou-se a necessidade de produção de mais-valia, e por esse motivo, ainda acompanhando Lessa (2005), entendemos que uma quantidade de atividades que não necessariamente transformam a natureza foram anexadas como formas de trabalho e assim gerar mais-valia. Podemos pensar nesse sentido, por exemplo, a criação de vídeo jogos ou em “indústrias sem chaminés” como o turismo e outros serviços que não têm como objetivo inicial a transformação da natureza, e que no limite podem gerar algum tipo de transformação, mas esta aparece como efeito colateral.



Figura 16: Fotografia Nirmal Purja (Myagdi, Nepal, 1984)

Fonte: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/30/deportes/1559240221_221060.html 05/08/2019 às 08:05hs

Um parêntesis. A foto acima resulta emblemática sob vários aspectos. Mostra um “engarramento” a poucos metros do topo do mundo, um desafio que por muito tempo

esteve reservado apenas a alpinistas de elite e faz alguns anos transformou-se, segundo a mesma matéria em “um destino para turistas que as companhias comerciais oferecem a preço de ouro, sem importar o preparo físico ou técnico dos clientes.” A montanha, que deveria ter o direito de ser um dos lugares menos poluídos do mundo precisa resignar-se hoje a conviver com toneladas de lixo que os turistas deixam cada ano. Presenciamos, mais uma vez como a mercantilização de sonhos e fantasias tem consequências reais e concretas no mundo físico.

Voltando a nosso assunto. Nesse contexto, com já comentamos anteriormente, as tecnologias emergentes servem para obter maior lucro ou, o que é o mesmo, encurtar o ciclo de obtenção do lucro e assim as novas definições de trabalho; trabalho imaterial, digital, baseado no conhecimento ou algumas outras que povoam a literatura acadêmica considerado são apenas expressões particulares de uma mesma práxis e como tais não deveriam ser caracterizadas com possuindo propriedades particulares. Consideramos necessário reproduzir o seguinte trecho:

“E, sem uma concepção de mundo, não há reprodução social possível, pois, para sermos breves, sem a mediação da ideologia nenhum ato de trabalho seria sequer imaginável. Revela-se, assim, a função social da ideologia frente ao trabalho: possibilitar à subjetividade dos indivíduos a constituição das prévias ideações indispensáveis aos atos de trabalho.” Lessa (2014, p. 88)

Sentimos a necessidade de nos determos para refletir trazendo para nosso caso de estudo dos trabalhadores que fornecem suporte técnico de TI usando exclusivamente ferramentas digitais o que colocamos nos parágrafos acima. Consideramos que esse estranhamento de nossos interlocutores (e eu próprio) para com a familiaridade de trabalhadores mais jovens com o ciberespaço e a virtualidade das relações é passível de ser procurado no que podemos entender com o que seria a “alfabetização” sob paradigmas que apresentam diferenças por momentos consideráveis. Assim, por exemplo, as reuniões de estudo na casa de um colega, com direito a suco e bolachas que geralmente a mãe da dona ou do dono da casa oferecia foram substituídas pelos chats que as aplicações nas redes sociais oferecem e as ferramentas de colaboração “na nuvem” que oferecem a possibilidade de edição por vários usuários de arquivos criados na rede mundial de computadores ou, outro exemplo, os jogos virtuais em rede substituíram a reunião dos amigos na rua, hoje “perigosa”.

Não pretendo com isto fazer algum juízo de valor sobre se este sistema é melhor ou aquele outro é pior. Desejo marcar apenas a diferença. E se antes a relação era pessoal e permitia nos momentos de encontro tanto abraços como “tapas” hoje a relação é ubíqua, para usar uma palavra em voga e dá-se vinte e quatro horas por dia, sete dias na semana sempre e

quando não acabe a bateria ou não caia a rede e claro, evidentemente nessa relação virtual ninguém pode “morder”. Como afirma João no seu relato, tiramos o nariz do computador e o enfiamos no celular. Talvez por esse motivo o que alguns autores denominam como Playbor (da combinação de jogo, play, com trabalho, labor) (Huws, 2014 p. 14) possa dar uma pista.

Em resumo, a visão de mundo predominante hoje nos mostra como a tecnologia, ou mais do que a tecnologia, a convergência de tecnologias que a indústria 4.0 colocou na responsabilidade de garantir o próximo salto civilizatório, conformarão nossa realidade ubíqua, onipresente. Nos mostra também que realmente tudo mudará mais rapidamente ainda e não adianta se resistir, já não poderemos viver com apenas um lápis. O único que de fato não vai mudar é o sistema capitalista ocidental, pois esse gerou riquezas e abundância como nunca antes na história tivemos e com certeza veio para ficar.

Acreditamos, acompanhando autores como Huws (2014) que precisamos ter um certo cuidado na hora de considerar tudo o que pode ser considerado trabalho virtual como uma forma de trabalho diferente ou autônoma. Vemos mais essa área emergente como um sintoma de uma cada vez mais complexa divisão do trabalho do que como uma nova área. Nosso estudo refere-se apenas a uma das pontas visíveis deste trabalho que é precisamente a parte mais repetitiva e controlada, que segue rígidos controles. Não há glamour no trabalho digital para os trabalhadores que se dedicam à manipulação de dados. A maioria das tarefas realizadas e podem ser consideradas trabalhos repetitivos, que não precisam de competências diferenciadas ou trabalhadores especializados e em consequência, geralmente salvo exceções é mal remunerada.

Hoje podemos afirmar sem medo a equivocarmos que a maioria dos departamentos de uma empresa de porte médio ou grande realizam algum tipo de trabalho virtual, geralmente informatizado mas entendemos que as relações de trabalho não mudaram em função da predominância dos computadores no ambiente de trabalho. O que mudou, como já sugerimos anteriormente foi a produtividade e a quantidade de tarefas que são possíveis de realizar por trabalhador/hora. E claro, esse aumento de produtividade mostrou seu lado perverso para o trabalhador porque longe de diminuir sua jornada ou simplificar o trabalho, o que vemos é o oposto, aumento da carga de trabalho e a diminuição dos postos de trabalho o que em termos gerais nos permite manter a afirmação de que as vantagens da introdução das novas tecnologias no ambiente de trabalho não são percebidas, desde nossa análise, pelo lado do trabalhador. Preciso enfatizar o ponto de essa ser uma opinião que defendemos a partir de nossa pesquisa de campo e de sua síntese com as leituras que realizamos algumas abordando

de maneira mais teórica o tema. Em termos gerais, ao perguntarmos aos trabalhadores, muitos afirmam que as condições de trabalho propiciadas pelas ferramentas tecnológicas vieram para ajudar no dia-a-dia.

3.4 Os trabalhadores e o trabalho

“*El familiar*” é uma lenda que surgiu na província de Tucumán, ao norte da Argentina. Esta estória começou a circular na tradição oral no início do século XX junto com o processo de industrialização a diferença de muitas outras nas quais sua origem se confunde com a própria origem das sociedades. Contam que nos engenhos de cana de açúcar da região o patrão, ou até o capataz em seu lugar, podiam fazer um pacto com o diabo para garantir o sucesso da empresa. “*El familiar*” era o cão do diabo ou o mesmo diabo. Preto, enorme e sempre com uma fome do diabo. É curioso registrar que o aspecto do cão é similar ao de outras lendas, essas sim mais antigas comuns no folclore de vários países sul americanos, notadamente da Colômbia e da Venezuela. Para garantir o pacto o patrão precisava entregar ao cão um peão por ano para saciar a fome. Nesse momento “*El familiar*” transformava-se em uma grande cobra que engolia o coitado sem deixar rastros. Se por acaso algum peão morria num acidente de trabalho, por exemplo, a chance era grande de que “*El familiar*” tivesse ficado com fome esse ano e ainda estivesse atrás de alguma vítima para saciar sua fome.

Se o patrão ou seu capataz mandavam um peão a trabalhar em algum lugar solitário e este não voltava certo que era o cão do diabo que tinha acabado com a vida do coitado. Os peões de que mais gostava “*El familiar*” eram os rebeldes, os que tinham ideias políticas diferentes às do patrão ou eram fujões. Por esse motivo, não se rebelar abertamente era uma boa defesa contra o *pet* do diabo. Outra maneira de se proteger era ter um rosário pendurado no pescoço, mas esse era realmente o último recurso, pois nenhum trabalhador queria chegar à situação de ver-se cara a cara com o tal do bicho. Mas ao menos, com o rosário por perto “*El familiar*” dificilmente mataria a vítima e há várias testemunhas que confirmam que conseguiram escapar das poderosas garras do animal graças ao rosário, no máximo com algum machucado.

O pano de fundo desta estória são os engenhos açucareiros que na região contratavam milhares de peões para trabalhar em condições infra-humanas e com salários miseráveis. As dívidas que esses peões iam contraindo com os patrões, pela compra dos insumos necessários para não morrer de fome trabalhando, muitas vezes tornavam-se impagáveis. Isso gerava uma realidade que hoje, passado um século ainda infelizmente vemos em vários países de nossa

América com trabalhadores forçados a trabalhar em situação análoga à escravidão. Na impossibilidade de pagar as dívidas muitos trabalhadores decidiam fugir e se caçados pelo capataz eram mortos e lendas como a do “*El familiar*” criaram-se para dar medo nos trabalhadores que porventura tivessem ideias semelhantes. E já que a mensagem “estava dada”, por que não acrescentarem na lista de alimentos preferidos, junto com os fujões os trabalhadores rebeldes ou aqueles que tinham o descaro de querer organizar os outros trabalhadores. Uma rápida pesquisa na internet nos traz as mais diversas variantes da lenda, mas a maioria converge nos pontos que inclui no relato acima.

Ao conhecer esta lenda do “*El familiar*” lembrei-me de uma conversa que tivemos com amigos. Não lembro exatamente o contexto, mas alguém comentou, falando sobre escravidão, que agora ao menos temos a possibilidade de recebermos uma remuneração pelo nosso trabalho e um amigo retrucou que mesmo assim continuávamos escravos. E começou a enumerar: Para comprar a moradia um trabalhador precisa geralmente de crédito imobiliário a digamos, trinta anos, compra o carro parcelado em cinco anos, a TV nova em 12 meses e ainda parcela o material escolar dos filhos em 10 vezes. Esse trabalhador, pode realmente deixar de trabalhar?

Se tentarmos intimidar um trabalhador de início do século 21 com a lenda do “*El familiar*” a esmagadora maioria vai rir da nossa tentativa e até podem achar curiosas as estratégias dos donos dos meios de produção para desencorajar os “desalinhados” naqueles tempos. Sim, possivelmente seja uma estória ultrapassada, mas qual será hoje o cão do que os trabalhadores têm medo? E quais os amuletos para afugentar o faminto animal do diabo? Será que o telefone celular e os fones de ouvido nos escritórios nos ajudam, mesmo que em parte a manter o cão longe? De uma coisa podemos ter certeza, a mensagem para amedrontar o trabalhador hoje é diferente, muito mais sutil e se pensarmos com mais cuidado podemos ver que muitas dessas ameaças se transformaram, no limite, em promessas e já não mais em castigos. Para consumir é preciso pagar e para pagar é preciso ter dinheiro ou algum equivalente. Quem não nasceu no seio de uma família abastada precisa trabalhar para ter dinheiro. Mas a recompensa pode ser grande, aquele carro, aquela casa, aquela viagem, em definitiva cumprir aquele sonho...O castigo está implícito, se não trabalhas ficará difícil consumir, e quantos sonhos hoje acalentamos que estão relacionados ao consumo!

Existem muitas maneiras de desaparecer hoje no contexto do trabalho, e muitas das que penso neste momento se relacionam com o consumo. Ser excluído dos circuitos de consumo significa em mais de um sentido ir para a margem do “sistema”. É aceitável assumir

como limite da solidariedade indicar um ex-colega para uma nova oportunidade de emprego. Já agremiar-se para reivindicar direitos continua sendo, cada vez mais aceitar ir a um local solitário muitas vezes sem a possibilidade de levar o rosário para nos proteger. As lendas que assustavam os trabalhadores no passado mudaram, não é mais do cão preto com dentes afiados e garras poderosas que os trabalhadores temem, mas as estruturas nas quais os trabalhadores tentam se organizar para reivindicar direitos continuam quase inalteradas nas últimas décadas e assim como “*El familiar*” podem ser considerados desde nosso ponto de vista como moldes antigos que não poderiam conter a concretude das novas visões de mundo, em definitiva do que aceitamos com novas realidades.

Seguem algumas imagens do ambiente de trabalho:

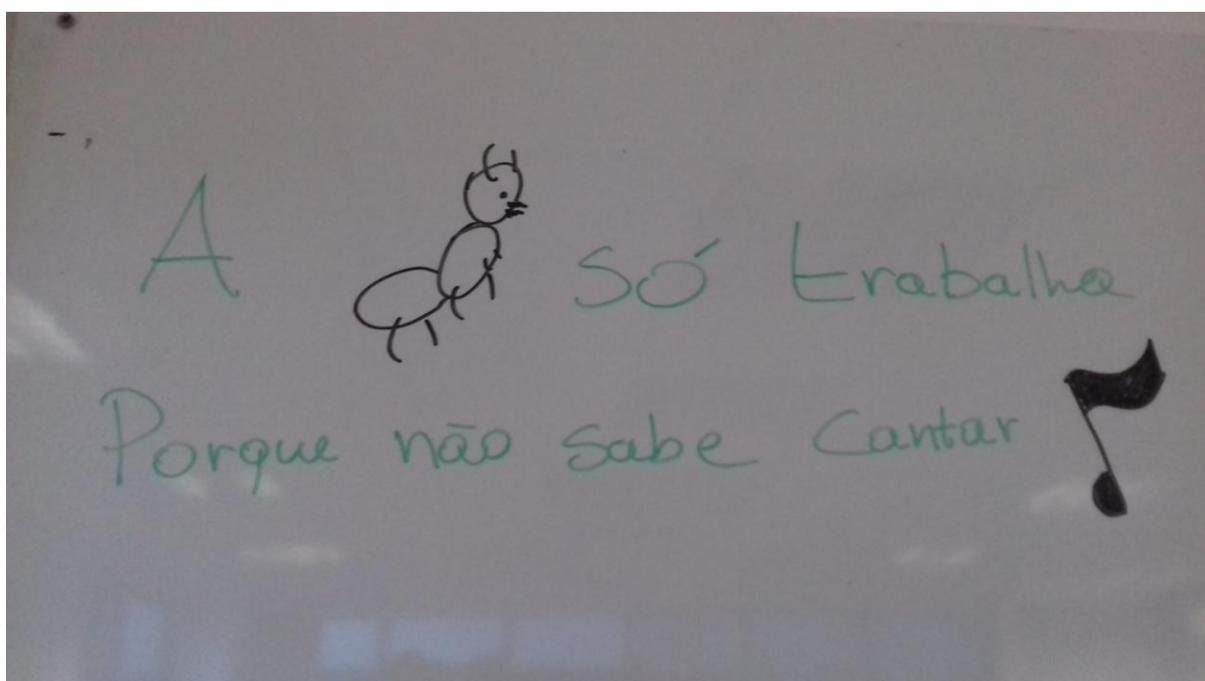
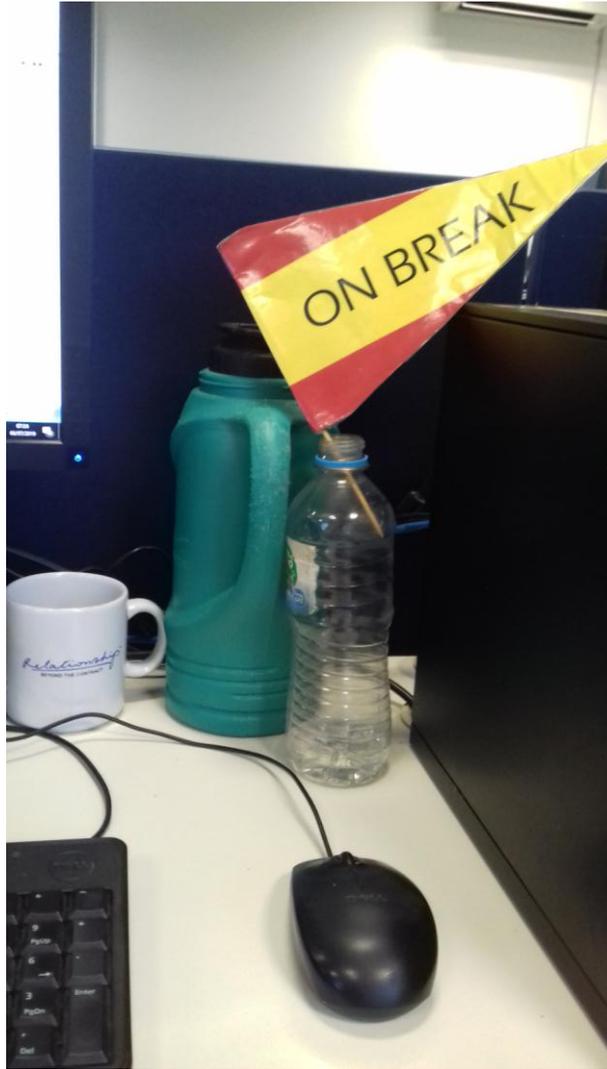


Figura 17: Mensagens no quadro branco que teve como intenção inicial a divulgação de informações relacionadas a novidades no projeto como incidentes críticos ou mudanças na base de conhecimento (2019)
Fonte: Javier Calixto





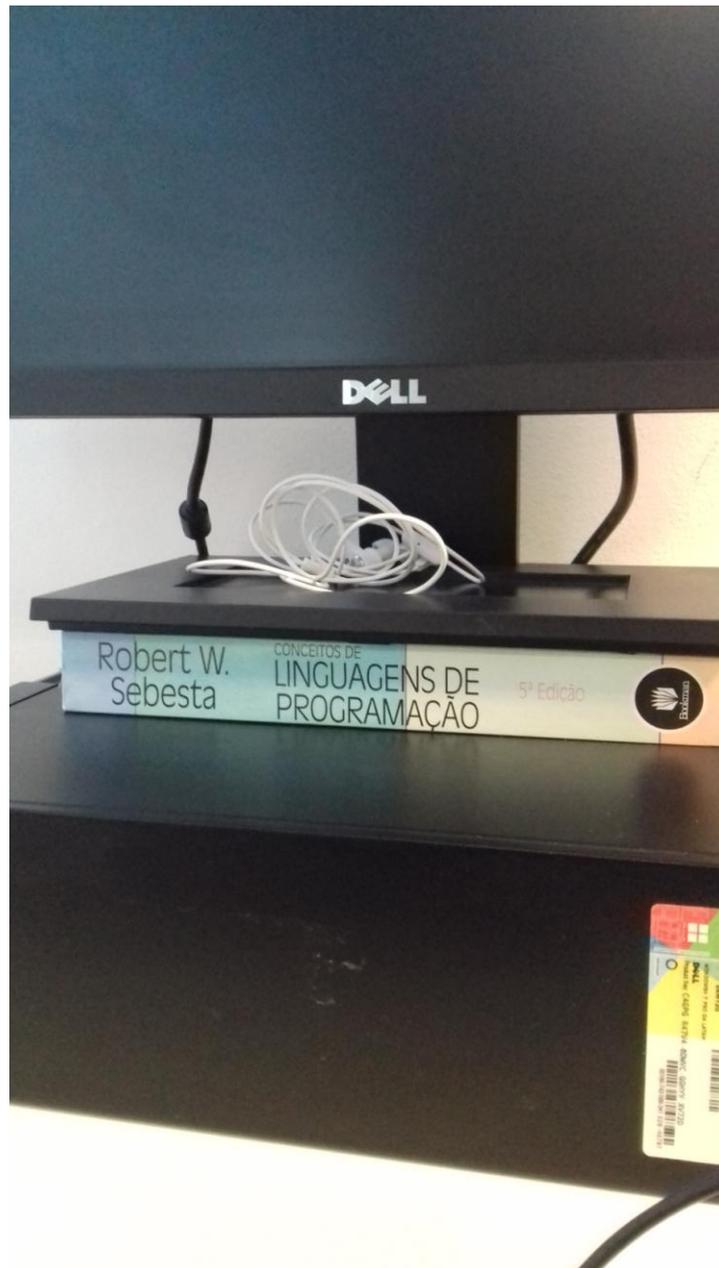


Figura 18: Imagens de alguns postos de trabalho e sobre os objetos e seu uso. Esses objetos acompanham o trabalhador na sua jornada de trabalho. (2019)

Fonte: Javier Calixto

3.5 Marginalia 3: Caiu a rede.

Para desenvolver suas atividades nas mais diversas áreas as empresas dependem cada dia mais dos recursos da tecnologia da informação, TI no jargão técnico. Desde marketing ou contas a pagar e receber até o mais complexo e vital processo de produção depende, em algum ponto, de recursos de TI. É uma prática cada vez mais habitual que alguns serviços de TI em empresas de grande porte sejam terceirizados. Frequentemente empresas multinacionais contratam os serviços de outras empresas, também multinacionais especializadas em suporte técnico, desenvolvimento de sistemas ou personalização de ferramentas de gestão padrão adquiridas de outros fornecedores.

Nesse contexto, é normal uma empresa do segmento farmacêutico, por exemplo, com sede na Alemanha e filiais em vários países de diferentes continentes contratar o serviço de suporte técnico para suas ferramentas de *hardware* e *software* de uma empresa com sede na Índia, também com filiais em vários países de diferentes continentes. O escopo do serviço pode incluir suporte a centenas (e às vezes alguns milhares) de aplicações diferentes e milhares de usuários, sete dias na semana, vinte e quatro horas por dia, em vários idiomas. Uma configuração possível para o exemplo anterior pode ter uma equipe principal de TI na Alemanha, na matriz da empresa que contrata o serviço e equipes menores nas diferentes plantas produtivas distribuídas pelo mundo. Contaria com computadores e servidores de rede nos diferentes locais de trabalho, também com centros para armazenamento de dados em locais que possibilitem que dezenas ou até centenas de servidores funcionem sem interrupções e de maneira interligada. Com sistemas de redundância para minimizar falhas, tanto para os dados como para a energia elétrica que possibilita toda essa estrutura. Precisa também permitir a interação de diferentes equipes de especialistas para as diferentes soluções, muitas vezes alocados em diferentes partes do mundo e claro, centros de suporte técnico, os *service desk* distribuídos geograficamente conforme as necessidades específicas do cliente. Assim, uma empresa de cem mil funcionários distribuídos nos cinco continentes pode contratar outra empresa que também pode ter cem mil funcionários nos cinco continentes. As duas empresas podem ter suas matrizes nas antípodas, com culturas empresariais diferentes, cada uma com suas ferramentas de hardware e software. É possível, no entanto, que funcionários das duas empresas sejam vizinhos ou até amigos em alguma cidade na qual estas tenham uma base.

Para que o trabalho em equipe entre essas duas empresas hipotéticas funcione é preciso estabelecer, como já vimos protocolos de comunicação que permitam que as pessoas envolvidas nestas interações “falem a mesma língua”. Normalmente o inglês é o idioma padrão e ambas as empresas devem seguir as orientações de algum conjunto de normas como as do PMBOK ou ITIL brevemente descritas anteriormente. Não precisamos aprofundar na complexidade da elaboração de um contrato de prestação de serviços desse nível. Ficaremos apenas com um aspecto que nos ajudará no desenvolvimento posterior do texto. Uma parte importante dos contratos de prestação de serviços é o acordo do nível de serviço, SLA do inglês *Service Level Agreement*. Dentre outras coisas, o SLA define quais os aplicativos que terão suporte e o tempo máximo de resolução para os mesmos. Os aplicativos contemplados e principalmente o tempo de resposta estão diretamente relacionados à importância e criticidade das ferramentas de TI em questão. Assim, por exemplo, problemas que não afetem o *core business* da empresa cliente e afetem um ou poucos usuários podem contar com até alguns dias para sua resolução, problemas críticos, que comprometam áreas vitais da empresa ou muitos usuários podem demandar uma solução em poucas horas. A quebra do SLA além de vários relatórios e dores de cabeça gera indicadores de desempenho e normalmente envolve multas para o prestador de serviços.

Problemas que podem se transformar em incidentes de alta prioridade envolvem sempre algum grau de tensão. Quando tudo está funcionando normalmente trata-se apenas de zeros e uns, bits e bytes que trafegam por insondáveis canais de fibra óptica, fios de cobre ou através de ondas eletromagnéticas. Um usuário na China digita uma série de comandos que trafegam na “nuvem” para armazenar dados na Argentina que permitirão por sua vez produzir algum resultado na Polônia. A caixa preta que liga o usuário na China com o produto manufaturado na Polônia fica evidente na hora em que alguém informa que “parou a produção na planta X porque a rede caiu”.

Os procedimentos para os diferentes casos acionam protocolos de resolução específicos e o relógio começa a contar...tique taque, tique taque... Essa estrutura ubíqua, imponente que “faz a coisa funcionar” evidencia seu lado humano. Em sua grandiosidade está vulnerável, a ansiedade e os medos se aliam à competência e à capacidade humana de enfrentar desafios. Nos e-mails e nos chats em que pessoas de diferentes partes do mundo e com diferentes competências técnicas se unem para solucionar o problema no tempo estabelecido aparecem perguntas, questionamentos, respostas e delimitação de responsabilidades: “Eu já chequei os servidores da minha área e estão ok. Verifique se o

switch Y está operacional.” Não deixa de ser um alívio quando o problema não está em nossa área. O pessoal de redes corre contra o relógio para verificar se os switches estão *online* ou se houve alguma alteração na configuração das portas de comunicação. A rede se povoa de nomes, George, Rapes, Andrea, Jairo, Verônica... se povoa de sentimentos e emoções, a adrenalina gerada que permite solucionar problemas sob pressão, o risco de perder reputação ou o emprego...tique taque, tique taque...

Solucionar problemas dentro dos parâmetros da SLA gera euforia, orgulho, confirmação das competências e até vômito. Já vi um engenheiro de rede vomitando no banheiro após solucionar acima da hora um problema sério que se não fosse resolvido em tempo hábil exigiria dias de justificativas para seu gerente... e para o gerente do seu gerente. É a estrutura de TI mística, quase mágica que assim como um dragão chinês, magnífico, exuberante nas festividades do ano novo causa a admiração de quem o observa e que no entanto depende de inúmeros braços, pernas, cansaços e vontades que sob a pele-fantasia lhe dão vida e movimento. Dores na coluna e nas articulações se fundem nos algoritmos. Conquistas e frustrações têm dificuldade para expressar-se em zeros e uns mas estão lá, nos relatórios e nos produtos. Trabalho imaterial sentado por horas, tudo dia o olhar fixo numa tela diminuta que nos transporta à “nuvem” e dali a qualquer lugar. Imagens que são zeros e uns, que são pulsos de corrente elétrica que dedos ágeis inventam sem parar.

Burch, Leon e Tamayo (2004) assim como outros autores se debruçam sobre este detalhe do mundo da TI muitas vezes invisibilizado. Arjun Appadurai (2015) defende que os fluxos culturais globais perderam aquelas qualidades seletivas em que historicamente as sociedades achavam as formas de adaptar sistemas externos de significado a seus próprios marcos cosmológicos (2015, p.92). E nesse processo as ferramentas eletrônicas para armazenar, compartilhar e rastrear informação foram decisivos. Podemos achar um exemplo interessante sobre esses fluxos culturais globais no surgimento do discurso sobre direitos humanos no cerne do vocabulário político desde a criação da Organização das Nações Unidas. Desde então as mais variadas sociedades têm desenvolvido indivíduos com uma noção particular sobre sua condição política no marco dos direitos humanos mais essenciais e universais. Nosso desafio nesse contexto é tentar identificar objetos sociais nesse mundo que parece estar profundamente interconectado e seguindo Appadurai entendemos que podemos identificar no processo dois problemas diferentes, porém relacionados: o problema da circulação e da conexão.

Entendemos que pensando como se relacionam a circulação das formas e as formas da circulação (para usar o trocadilho do autor) podemos nos aproximar da complexidade que a pretendida ubiquidade do sistema sócio-econômico-cultural que a narrativa ocidental contemporânea impõe, ao tempo que evitamos cair na armadilha da classificação em categorias (criadas pelo mesmo sistema) e que mais podem obscurecer que trazer luz sobre o tema.

Não todas as formas utilizam os mesmos meios para circular. Assim, a informação se vale de cabos que atravessam continentes e mares ou mesmo satélites que orbitam nosso planeta. Já as pessoas usam diferentes meios de transporte, desde suas próprias pernas ou bicicletas até navios e aviões.

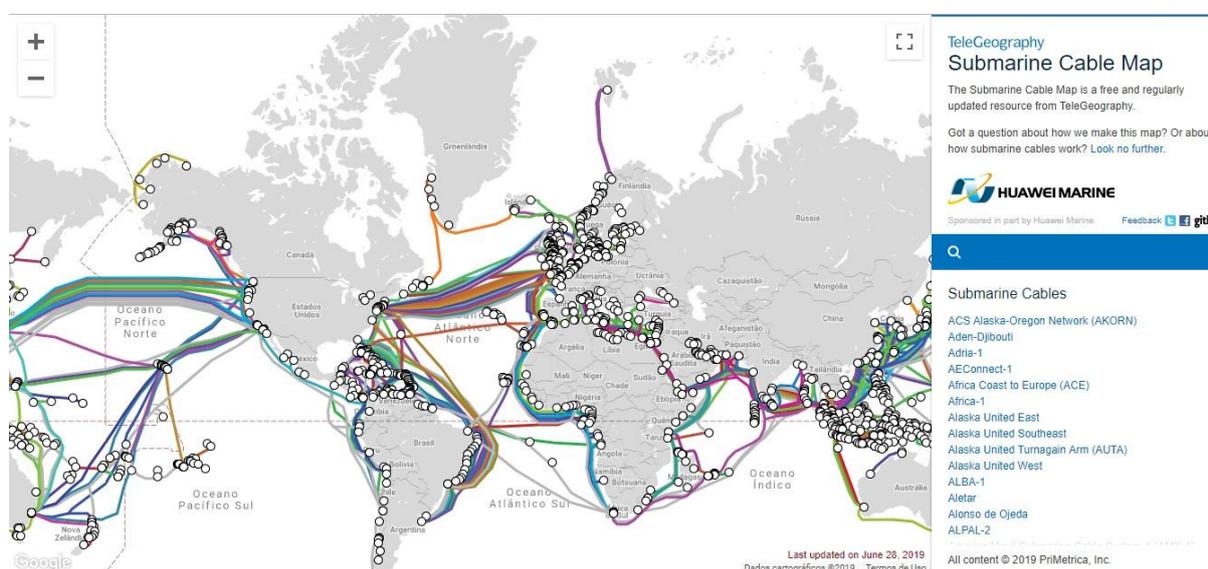


Figura 19: Mapa dos cabos de fibra óptica que ligam os continentes

Fonte: <https://www.submarinecablemap.com/> no dia 22/07/2019 às 17:00hs

Na figura acima as linhas coloridas representam os diferentes cabos submarinos responsáveis pelo tráfego de dados. Já os pontos são as *landing stations*, os pontos em terra que recebem os dados e os distribuem através de diversos meios físicos na região de abrangência.



Figura 20: Aviões no ar. Informação online

Fonte: <https://www.flightradar24.com/-34.62.8.23/2> no dia 22/07/2019 às 17:05hs

A figura acima foi extraída da internet e trata-se de uma página que mostra em tempo real os voos no ar, no mundo. Colocando o mouse sobre um dos aviões que aparecem na tela é possível saber o número do voo.

Precisei apenas de alguns minutos para achar informações e imagens sobre os *backbones* que atravessam os mares e sobre os aviões comerciais que voam no mundo. Essa facilidade pode nos dar a falsa sensação de simplicidade e imaterialidade que essas informações carregam por estar disponíveis, na ponta dos dedos. Essa nuvem de informações envolve no entanto milhares de horas de pesquisa e desenvolvimento nas mais variadas áreas de conhecimento, processos de produção das diferentes tecnologias, desde satélites e aviões até cabos de fibra óptica e computadores. Envolve também milhões de pessoas que trabalham em cada uma das etapas antes descritas e posteriormente na integração e posta em funcionamento desses sistemas. Envolve também milhões de pessoas que trabalham para garantir a continuidade das operações e no suporte para solução de problemas e contingências. Dezenas de milhões de pessoas trabalhando nas mais diversas geografias. Pessoas separadas por milhares de quilômetros trabalhando no mesmo projeto, na mesma empresa. Pessoas que moram na mesma cidade, no mesmo bairro e uma trabalha para uma empresa de telecomunicações que fornece os *links* físicos para visualizar através da internet o posicionamento dos cabos de fibra que conectam os continentes ou dos aviões que atravessam o céu e a outra que abastece as bebidas que serão servidas em voo nas aeronaves, por exemplo.

Novamente nos apropriamos de Appadurai, pois entendemos que uma tentativa de aproximação a um contexto com alto grau de conectividade e circulação como o criado pela globalização pode começar com a tentativa de compreensão sobre como as formas de circulação e a circulação das formas criam condições para a produção de localidade.

Pensarmos na localidade não como uma instância subordinada ao global e sim como sua principal evidência (2015, p.100)

É importante pensarmos, chegando neste ponto sobre toda a estrutura material necessária para sustentar essa rede de informações que curiosamente, segundo a narrativa vigente armazena-se na nuvem, aparentemente sem que alguma materialidade esteja presente. Toda e qualquer informação armazenada precisa de um meio físico para tal, seja um disco rígido, um *pen drive*, um cartão de memória ou similar. Quando subimos dados para armazenar na nuvem, uma empresa que fornece o serviço conta, com certeza com algum meio físico para armazenar dados. Esses meios físicos precisam de algum computador para processar os pedidos de acesso, seja para armazenar ou retirar dados. Essa estrutura física precisa de um local para instalar-se. Os centros de dados por sua vez precisam de energia elétrica para funcionar, refrigeração para otimizar a performance, links de dados para comunicação e toda uma série de ferramentas de hardware e software para funcionar. Para que estas estruturas funcionem trabalhadores humanos são necessários também.

Se observarmos a imagem que traz a distribuição dos cabos submarinos de transmissão de dados, à direita aparece o nome de uma empresa, “Huawei marine”. Essa empresa de tecnologia de origem chinesa é líder na tecnologia 5G, tecnologia que promete mudar o modo como fazemos as coisas hoje. Com a possibilidade de chegar brevemente a ser 250 vezes mais rápida que a atual quarta geração de redes móveis que comunica os telefones celulares e com uma demora de resposta (latência) de um milissegundo é a tecnologia que sustentará a Internet das coisas (IoT) e da Inteligência artificial (AI). Os Estados Unidos estão boicotando Huawei acusando-a de colocar nos dispositivos *backdoors* ou programas imperceptíveis ao usuário que permitiriam a coleta de informação não autorizada. Em realidade trata-se da primeira vez desde que a eletrônica e a informática comandam o crescimento econômico e militar do mundo que uma tecnologia não ocidental, não norte americana não lidera o mercado. Essa e não os supostos *backdoors* são a real ameaça. E isso se transformou em uma disputa que gira em torno à geopolítica e na qual a tecnologia está em segundo plano.

Este parêntesis que fazemos para falarmos sobre disputas que envolvem em última instância fatores políticos, econômicos e militares de dominação têm por intenção evidenciar a necessidade de uma análise que leve em consideração a complexidade das tecnologias que possibilitam o surgimento de mundos virtuais. Pois esses mundos podem não ser nem tão democráticos e nem o acesso tão livre como pode aparecer *a priori*.

4 CONCLUSÕES

Iniciamos este trabalho há mais de dois anos e nesse tempo mudaram muitas coisas. E como canta Mercedes Sosa¹⁴

Así como todo cambia

Que yo cambie no es extraño

Cambia,

cambia

Cambia, todo cambia

Meu desafio inicial era observar com mais atenção o trabalho remunerado no contexto da sociedade ocidental contemporânea. Queria também entender qual era o lugar das novas tecnologias baseadas na eletrônica e as ferramentas informáticas no mundo do trabalho e na vida dos trabalhadores. Como trabalhador, filho e neto de operários nascido no *Uruguay*, que além do meu berço, foi minha casa até os trinta anos, tive desde o primeiro momento o claro objetivo de trazer um olhar sobre meu tema de pesquisa que fosse fiel a essa origem. Por esse motivo escrevo *Montevideo* e não *Montevideu* para falar de minha cidade natal, *Uruguay* e não *Uruguai* para falar do lugar em que nasci. Porque *Montevideu* não tem para mim lembranças, não tem afetos e resulta apenas uma palavra. Por esse motivo abuso da música e das digressões teimosa e propositalmente. Porque para falar de trabalho com um amigo cubano tem que ter uma garrafa de *ron* na mesa e a entrevista tem hora para iniciar e não tem hora para acabar, e ao falarmos de trabalho a família vai entrando nos relatos, e os amigos se fundem com a história e a política.

Ao atender, como analista de suporte técnico algum usuário de uma planta no México não é estranho escutar uma música de fundo que se espalha pela fábrica e o problema pelo qual o usuário liga até pode ser sério, mas frequentemente o usuário pode estar cantando, bem baixinho, enquanto aguarda pela solução e isso não é sinal de descaso. Em mais de uma oportunidade me surpreendi eu próprio cantando para mim, em silêncio a música que meu *headset* trazia de longe. A música ajuda para que o tempo passe mais rápido e que o trabalho resulte mais leve. Se no passado a música foi lugar de resistência, de protesto e portadora de consignas contra as ditaduras que se espalharam por América Latina, foi desde sempre o lugar do romantismo ou apenas da melodia. Seja nos alto falantes da fábrica, no aparelho de rádio compartilhado com uns poucos colegas ou nos fones de ouvido.

¹⁴ <https://youtube.com/watch?v=0khKL3tTOTs>

No primeiro capítulo faço uma síntese que condensa minha escolha metodológica na hora de abordar o tema ao tempo que começo a perceber as possíveis armadilhas que a complexidade e a abrangência do conceito Trabalho deparam. A máxima cartesiana “penso, logo existo” não me resulta suficiente e me sumo à corrente que defende uma fórmula “penso e sinto, logo existo”. Com essa premissa em mente procuro o abrigo de uma comunidade interpretativa, comunidade que para manter a coerência com o explicitado até o momento devia ser multidisciplinar.

Parte do meu esforço para contextualizar a pesquisa tem o objetivo de possibilitar que esse pano de fundo dado pela globalização e as tecnologias emergentes no ambiente de trabalho, assim como na lente fotográfica em que podemos alternar fundo e primeiro plano, pudesse também aparecer como primeiro plano sempre que necessário. Pois o trabalho e o que podemos chamar como não-trabalho (sabemos das limitações de esta divisão binária) formam cada vez mais uma liga, para usarmos uma analogia do mundo da metalurgia, como se desprende das entrevistas. E assim como nos metais essa liga tem propriedades novas que superam a mera adição das propriedades dos elementos que a compõem.

Dos relatos que desenvolvo no capítulo dois, começando pelo meu, relato em que trago minha origem familiar assim como nos dos outros entrevistados ficou clara a centralidade do trabalho na vida. Nos quatro relatos temos diferentes situações, mudanças de país, sonhos e projetos diversos e em todos temos a procura por trabalho. Para os quatro começar a trabalhar prestando suporte de TI por vezes em ambientes complexos representou um desafio inicial considerável. Aparece em dois relatos a figura do monstro de sete cabeças que precisava ser domado para continuar no mercado de trabalho e a possibilidade chegou pelo domínio de um idioma, no caso o espanhol mais do que pelo domínio das ferramentas técnicas. As redes das quais os interlocutores participamos (eu me incluo neste grupo) permitiram em um momento posterior divulgar as oportunidades de trabalho para mais pessoas com o mesmo perfil. É importante ressaltar a relevância da componente geográfica, do lugar, para escolher pessoas que poderiam aproveitar as vagas que eventualmente aparecem. Neste momento aparece claramente o lugar como complemento e ao mesmo tempo como contraponto do global.

De Certeau (1994) nos ajuda novamente a pensar em termos das táticas que os trabalhadores usam para fazer frente às estratégias que fazem parte do arcabouço das corporações no contexto de sua disputa no mercado capitalista. Essas táticas que os trabalhadores apropriam, precisam seguir regras que não foram por eles criadas e que muitas

vezes atentam diretamente contra seus interesses. As brechas do sistema possibilitam o acesso, mas para potencializar essas oportunidades é preciso estar atento, pois nada garante que a tática que vale hoje sirva o dia de amanhã e vemos também como a cidade por projetos mostrada por Boltanski (2009) se aplica à realidade ora pesquisada.

Para reforçar a importância que entendo tem o lugar mesmo em processos virtuais trago na segunda marginalia diferentes relatos aliados a reflexões sobre como ainda o trabalhador trabalhando virtualmente depende (e muito) do lugar e do seu corpo. Não importa se seu usuário está na África ou na Europa. O trabalhador precisa se locomover até o local de trabalho em São Leopoldo, enfrentar o desafio das trajetórias na cidade e, em definitivo, negociar com o lugar. Se o usuário no e-mail ou no telefone está trabalhando num ambiente confortável ou extremamente agressivo não me afetará no conforto do meu *cube*, e, em última instância, sei que ele não morde. Mas para chegar até ele no outro lado do mundo preciso chegar até meu computador e enfrentar o mundo físico antes de chegar ao mundo virtual.

Foi mais ou menos nesta altura da pesquisa que comecei a pensar sobre o que tanto afeta ao trabalhador estar com seu usuário em uma relação virtual? O ganho de produtividade e de lucro das corporações em função do que definimos como uma compressão do espaço/tempo fica mais claro. Tudo indica que essa “aceleração” permite um ganho de escala e ao mesmo tempo uma redução do ciclo da circulação do capital. Mas qual poderia ser o benefício para o trabalhador e em definitivo, como ele se encaixa neste contexto.

No capítulo três ao teorizar sobre os conceitos de tempo e espaço mostramos que esse tempo com pretensão de universalidade e que por ser mensurável resulta o preferido das ciências, das técnicas e dentre elas da virtualização via rede de computadores, esse tempo que podemos denominar como físico precisa conviver com o tempo social, que pauta a vida das pessoas no bairro, na casa, na relação com as pessoas e também com o trabalho. Mas esses tempos estão, no mundo físico, em direta relação com o espaço e um tema de reflexão que fica como um desafio futuro e entender como se dá a relação do tempo com espaço virtual, ou o que é o mesmo, com o ciberespaço.

É interessante pensar como Amanda nos relata sua relação com os colegas de trabalho. Sobre como estão conectados vinte e quatro horas por dia e como somente não tem contato com eles se está dormindo ou se o celular fica sem bateria. Como imagina os colegas sentados em seu lugar de trabalho ao falar com eles nos aplicativos de chat como o *WhatsApp*. Parece ser que estar longe, indisponível depende da bateria do celular. Eu mesmo estou agora escrevendo um sábado pela tarde e no celular recebo mensagens da minha filha

no grupo que temos no *WhatsApp* junto com minha esposa e nossas filhas. Ao mesmo tempo recebo mensagens no grupo do “projeto”, o colega que está no trabalho agora pergunta se alguém já resolveu um problema específico para o qual não está achando um procedimento. Ao mesmo tempo no mesmo grupo outro colega, que não sei onde está fisicamente recebe os parabéns pelo aniversário. Tudo isso me faz duvidar sobre a possibilidade de transportar os conceitos de tempo e de espaço que usamos no mundo físico para o ciberespaço e usá-los como sinônimos. Acredito, no entanto, que tempo e espaço têm significado e simbologia diferente para as empresas e para os trabalhadores e de momento essa hipótese me parece aceitável. Resta pesquisar futuramente com maior profundidade que representam tanto tempo como espaço no imaginário dos indivíduos enquanto trabalhadores.

Na terceira e última marginalia apresento um caso concreto em que o que parece ser um problema difícil de identificar fora do mundo virtual está povoado de nomes e de ansiedades. Quando cai algum recurso de rede, outra parte da mesma rede se concretiza em nomes, em lugares e em sentimentos. Se podemos aceitar que o espaço é o virtual, os tempos são tanto os da empresa e dos acordos de nível de serviços tanto quanto sociais e o SLA precisa conviver com os tempos dos trabalhadores para solucionar o problema.

É, no entanto na lenda do “El familiar” que encontramos a metáfora que procurávamos para falar sobre um tema que sendo caro para mim não foi abordado pelos entrevistados. Percebi como, com o passar do tempo, as histórias que pautam o que seria a visão de mundo dominante mudaram para adequar-se às necessidades do capital e da sociedade de consumo. Já as respostas em termos de organização dos trabalhadores permanecem, no mesmo período, quase inalteradas. Não pretendo trazer com esta pesquisa uma proclamação ou um dever ser sobre o movimento sindical e sua organização no início do século 21. Mas as entrevistas me ajudaram a perceber que o problema da organização, ou melhor, da falta de organização sindical não pode ser creditado levemente apenas à apatia dos trabalhadores mais jovens e que talvez seja necessário pensar em um novo paradigma para fazer frente à onda de perda de direitos que os trabalhadores sofrem a nível mundial e em particular no Brasil.

Para finalizar, posso afirmar a guisa de crítica que pretende ser construtiva, que senti falta tanto na graduação como na pós-graduação da presença de mais autores da América que fala, pensa e sente em espanhol. Do processo de formação em Antropologia meus próximos passos passarão por uma aproximação de autores que me auxiliem a pensar a descolonização. Esta dissertação foi uma tentativa muito superficial que pode ser considerado o primeiro

passo nesse caminho e por esse motivo as eventuais incoerências ou lacunas teóricas devem ser creditadas apenas a mim e à pouca familiaridade que tenho com autores e diálogos nesse campo. Já estou no caminho e os próximos passos me levarão a dar prioridade para autores “menores” que pensam desde América Latina para compor uma bricolagem que contemple as vozes que geralmente resultam ofuscadas pelos grandes nomes e as grandes teorias. Artigos como *Feminismo Decolonial y Buen Vivir* de Sofía Zaragocin (Varea e Zaragocin, 2017) ou Choquehuanca (2010) mostram uma opção realmente interessante para pensar, no meu caso a categoria trabalho desde os feminismos comunitários alinhados à crítica descolonial. Feminismos que pouco têm a ver com o feminismo branco eurocentrado. Não me engano, Latino America também é uma construção que pode apagar diferentes vozes que nascem e convivem no seu seio, mas o ponto que me seduz dessa linha de pensamento é aceitar conceitos como, por exemplo, o conhecimento criado desde América como um conhecimento universal sim, mas dentro de uma epistème pluriuniversal que permite a existência de Estados plurinacionais como Bolívia.

Em junho de 2012 na Rio +20, conferência das nações unidas para o desenvolvimento sustentável o presidente do *Uruguay* José Mujica em um trecho do seu discurso afirmava:

Venimos al planeta para ser felices. Porque la vida es corta y se nos va. Y ningún bien vale como la vida y esto es lo elemental. Pero si la vida se me va a escapar, trabajando y trabajando para consumir un “plus” y la sociedad de consumo es el motor, -porque, en definitiva, si se paraliza el consumo, se detiene la economía, y si se detiene la economía, aparece el fantasma del estancamiento para cada uno de nosotros- pero ese hiper consumo es el que está agrediendo al planeta...

E continua mais adiante:

Mis compañeros trabajadores, lucharon mucho por las 8 horas de trabajo. Y ahora están consiguiendo las 6 horas. Pero el que tiene 6 horas, se consigue dos trabajos; por lo tanto, trabaja más que antes. ¿Por qué? Porque tiene que pagar una cantidad de cuotas: la moto, el auto, y pague cuotas y cuotas y cuando se quiere acordar, es un viejo reumático –como yo- al que se le fue la vida.

Esses trechos mostram outra face da complexidade do tema trabalho que não podemos ignorar e o relato de nossos interlocutores confirma a observação de Mujica. Trabalhar é vital para muitos indivíduos ao redor do mundo e trabalhando *se nos va la vida*.



Figura 21: O cacto aguardando o nascer do sol
Fonte: Javier Calixto

A suculenta da foto era de um colega que ao sair da empresa o deixou comigo. Ela me acompanha na janela e juntos aguardamos o nascer do sol. Ela para receber os raios que lhe dão vida. Eu porque o sol ao nascer me disse que resta pouco da minha jornada de trabalho

noturno. Em definitiva para os dois, a chegada do sol é uma boa nova que nos revigora e de alguma maneira nos disse que ainda que somente podemos ir rumo ao futuro, um ciclo acabou e outro está prestes a começar.

Referências:

- ANTUNES, Ricardo e BRAGA, Rui. **INFOPROLETÁRIOS: Degradação real do trabalho virtual**. São Paulo, Boitempo, 2009.
- APPADURAI, Arjun. **EL FUTURO COMO HECHO CULTURAL. Ensayos sobre la condición global**. Buenos Aires, Fundación de Cultura Económica, 2015.
- _____. **A vida social das coisas**. Niterói, Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.
- BACHELARD, Gaston. **La dialéctica de la duración**. Madrid, Editora Villalar, 1978.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar. 2001
- BEAUD, S. ; WEBER, F. “Escolher um Tema e um Campo”. In: BEAUD, B. ;
- BOLTANSKI, Luc e CHIAPELLO, Eve. **O NOVO ESPIRITO DO CAPITALISMO**. São Paulo: Martins Fontes 2009
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2 Ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1999.
- _____. **A MISÉRIA DO MUNDO**. Ed. Vozes, Petrópolis, 2003.
- BOURDIEU, P. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, M., AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro, FGV, 1996
- BOURDIEU, Pierre et al. A construção do objeto. In: **A profissão do sociólogo**. Petrópolis, Vozes, 1989.
- BURCH, Sally; LEÓN, Osvaldo e TAMAYO, Eduardo. “**Se cayó el sistema**” **Enredos de la Sociedad de la Información**. Agencia Latinoamericana de Información: Quito, 2004.
- CALXITO, Javier Edison Llanes. **As pegadas visíveis de pessoas (in)visíveis : estudo antropológico sobre imigrantes sem documentos em Porto Alegre e região metropolitana**. Trabalho de conclusão de graduação - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016
- CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- _____. **La era de la información: Economía, sociedad y cultura. Vol 1: La sociedad Red**. Madrid: Alianza Editorial, 1997.
- CASTILLO FERNANDEZ, Dídimo e outros. **Trabajo global y desigualdades en el mercado laboral**. Ciudad de México: Universidad Autónoma del Estado de México, 2016.
- CHOQUEHUANCA CÉSPEDES, David. **Hacia la reconstrucción del Vivir Bien** In: América Latina en Movimiento N° 452, febrero de 2010 – ALAI: Quito
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

- DIAS DUARTE, Luiz Fernando. **Da vida nervosa, nas classes trabalhadoras urbanas**. RJ: Zahar, 1986.
- DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. São Paulo: Martins Fontes 2012.
- DURHAM, Eunice. “A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas”. In: CARDOSO, Ruth (org.). **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 17-37.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA Ana Luiza. **Antropologia da e na cidade cidade: Interpretações sobre as formas da vida urbana**. Porto Alegre: Marcavizual, 2015
- ECKERT, Cornelia e ROCHA Ana Luiza (Org). **Etnografias do trabalho. Narrativas do tempo**. Porto Alegre: Marcavizual, 2015.
- ECKERT, Cornelia. **MEMÓRIA E TRABALHO: ETNOGRAFIA DA DURAÇÃO DE UMA COMUNIDADE DE MINEIROS DE CARVÃO (LA GRAND-COMBE, FRANÇA)**. Curitiba, APPRIS, 2012.
- ECKERT, C. e ROCHA, A. “Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas na experiência etnográfica”. In: **Etnografia da duração**, Marcavizual, Porto Alegre, 2012
- ESTRADA, Adrian A. **O pensamento complexo em Edgar Morin: considerações iniciais**. Revista Faz Ciência, Francisco Beltrão, v. 9, n. 10, p. 65-74, jul.-dez. 2007.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado” In **Cadernos de Campo**. São Paulo: USP/FFLCH, ano 14, n. 13, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir - Nascimento Das Prisões**. Petrópolis, Vozes, 2014.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Antropologia do ciborgue*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 37-129.
- HOBSBAWM, Eric. **Mundos do Trabalho: Novos Estudos Sobre a História Operária**. São Paulo.PAZ E TERRA, 2015.
- HUWS, Ursula. **Labor in the Global Digital Economy: The Cybertariat Comes of Age**. New York , Monthly Review Press, 2014
- _____ **THE MAKING OF A CYBERTARIAT? VIRTUAL WORK IN A REAL WORLD**. The Social Register
- <http://www.socialistregister.com/index.php/srv/article/view/5753/2649#.Wu9h-e8vzIU>
- acesso em 15/02/2018

_____. **Vida, trabalho e valor no século XXI: desfazendo o nó.** *Caderno CRH*, 27(70), 13-30, 2014.

IBGE. **Censo demográfico 2010. Trabalho e rendimento. Resultados da amostra**

<https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html> acesso em: 01/12/2017

ILO 2008. **Declaration on Social Justice for a Fair Globalization**

[http://www.ilo.org/global/about-the-ilo/mission-and-objectives/WCMS_099766/lang--](http://www.ilo.org/global/about-the-ilo/mission-and-objectives/WCMS_099766/lang--en/index.htm)

[en/index.htm](http://www.ilo.org/global/about-the-ilo/mission-and-objectives/WCMS_099766/lang--en/index.htm) - acesso em: 01/12/2017

ILO 2008. **La Iniciativa del centenario relativa al futuro del trabajo. Nota informativa No. 1. LOS CAMBIOS TECNOLÓGICOS Y EL TRABAJO EN EL FUTURO: Cómo lograr que la tecnología beneficie a todos** (Geneva).

http://www.ilo.org/global/topics/future-of-work/WCMS_543154/lang--es/index.htm acesso em: 01/12/2017

IÑIGO CARRERA, Nicolás. **La clase obrera en E. P. Thompson y en Karl Marx.** *Rey Desnudo*, Buenos Aires, Año II, No. 3, Primavera 2013. Pag. 421-430

LATOURET, Bruno. **Jamais fomos modernos** São Paulo: Editora 34, 2009

LECONTE, Mariana. **Fos, grafé, logos : imágenes, memoria e identidad narrativa** In GIORDANO, Mariana; REYERO, Alejandra, (Comps.). *Identities en foco. Fotografía e investigación social.* Resistencia: IIGHI-CONICET/FADyCC-UNNE, 2011. p. 27-37.

LEITE LOPES, José Sergio. **O trabalho visto pela Antropologia Social.** *Revista Ciências do Trabalho, DIEESE.* São Paulo, Volume 1 - Número 1, 2013. Pág. 65-84

_____. **O vapor do diabo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LEITE LOPES, José Sergio; CIOCCARI, Marta. **Narrativas da desigualdade: Memórias, trajetórias e conflitos.** Rio de Janeiro: Mauad, 2013

LEMOES, A. **Cidade-ciborgue: a cidade na cibercultura.** *Galáxia*, São Paulo, n. 8, p. 129-148, 2004.

LESSA, Sérgio. **História e ontologia: a questão do trabalho.** *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.20, 2005, p.70-89.

MACHADO DE ASSIS, **Memórias póstumas de Brás Cubas**, 1999, MARTIN CLARET, São Paulo

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política** São Paulo: Bertrand Brasil, 1987.

MEIRA, Júlio Cesar. **A CONTRIBUIÇÃO DE E. P. THOMPSON PARA OS ESTUDOS HISTÓRICOS.** *Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia.* Morrinhos, V. 5, N.1, Janeiro-Julho de 2014. Pag. 188-207

- MIGNOLO, Walter. **Desobediência Epistêmica: retórica de la modernidade. Lógica de la Colonialidad y Gramática de la Descolonialidad.** Buenos Aires, Ediciones del Signo, 2010.
- MORIN, Edgard. **Ciência e consciência.** Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.
- _____. **O método 1: A natureza da natureza.** Porto alegre: Sulina, 2002.
- _____. **Introdução ao pensamento complexo.** Porto alegre: Sulina, 2015.
- NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (orgs.). **E. P. Thompson: as peculiaridades dos ingleses e outros artigos.** 3. ed. Campinas: Unicamp, 1998. v. 2.
- QUIJANO, Anibal. **Colonialidad y modernidad/racionalidad.** In: BONILLA, Heraclio (Comp). Los conquistados: 1492 y la población indígena de las Américas. Tercer Mundo Editores, Bogotá, 1992, pags. 437-448.
- RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa.** Volumes I, II e III. São Paulo, Papirus, 1994.
- SANTOS, Milton. **O TEMPO NAS CIDADES.** Documentos série Estudos sobre o Tempo, Instituto de Estudos Avançados da USP. São Paulo, Volume 2, fevereiro de 2001.
- _____. **Sociedade e espaço: A formação social como teoria e como método.** Boletim paulista de geografia, AGB, São Paulo Volume 54 jun 1977
- SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade.** São Paulo: EDUSP, 1998.
- SENNET, Richard. **A Corrosão do Caráter.** Rio de Janeiro: Record, 1999
- SIGAUD, Ligia. **Os clandestinos e os direitos.** São Paulo: Duas Cidades, 1979.
- _____. **Greve nos engenhos.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida Mental”. In: VELHO, Otávio G. (org.). **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- SCHWAB, Klaus. **REVOLUÇÃO 4.0.** São Paulo: Edipro, 2016
- THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. **A Formação da Classe Operária Inglesa.** São Paulo, PAZ E TERRA, 2001.
- VAREA, Soledad y ZARAGOCIN, Sofía. **FEMINISMO Y BUEN VIVIR: UTOPIAS DECOLONIALES.** Cuenca, PYDLOS Ediciones, 2017
- WEBER, F. **Guia para a pesquisa de campo; Produzir e Analisar Dados Etnográficos.** Petrópolis, Vozes. 2007.

